

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
HUMANAS DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

BRENDA LORRENNE DUNGA DE OLIVEIRA

**IMAGINAÇÃO COMO EXPANSÃO DA EXPERIÊNCIA: UM ESTUDO COM
UMA IDOSA SOBRE SUA VIVÊNCIA NA PANDEMIA DA COVID-19**

RECIFE
2022

BRENDA LORRENNE DUNGA DE OLIVEIRA

**IMAGINAÇÃO E O PROJETO “O RECIFE QUE EU VI”: EXPANSÃO DA
EXPERIÊNCIA DE PESSOAS IDOSAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Psicologia Cognitiva. Área de concentração: Cultura e Cognição Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Karina Moutinho Lima

RECIFE

2022

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Oliveira, Brenda Lorrenne Dunga de.
Imaginação como expansão da experiência: um estudo com uma idosa sobre sua vivência na pandemia da COVID-19 / Brenda Lorrenne Dunga de Oliveira. - Recife, 2022.
112f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, 2022.

Orientação: Ana Karina Moutinho Lima.
Inclui referências, anexos e apêndices.

1. Imaginação; 2. Psicologia Cognitiva; 3. Pessoas Idosas. I. Lima, Ana Karina Moutinho. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

BRENDA LORRENNE DUNGA DE OLIVEIRA

**IMAGINAÇÃO E O PROJETO “O RECIFE QUE EU VI”: EXPANSÃO DA
EXPERIÊNCIA DE PESSOAS IDOSAS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Psicologia Cognitiva.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

(POR VIDEOCONFERÊNCIA)

Prof^ª. Dr^ª. Wedna Cristina Marinho Galindo
(Examinadora Interna)

(POR VIDEOCONFERÊNCIA)

Prof^ª. Dr^ª. Andréa Paula Pantoja Garvey
(Examinadora Externa)

(POR VIDEOCONFERÊNCIA)

Prof^ª. Dr^ª. Kátia
Maheirie (Examinadora
Interna)

Eu sempre soube que esse dia chegaria, mas mesmo estudando e trabalhando diariamente com questões de vida e de morte, o meu futuro imaginado, quando ingressei no mestrado com a benção e orgulho dela, jamais previa que ela não iria ler o agradecimento dedicado a quem me ensinou o amor, respeito, admiração e cuidado com a pessoa idosa. Então dedico esse trabalho a minha velhinha cheirosa que sempre sonhava comigo e que agora eu imagino lá no céu intercedendo e rezando para a conclusão desse sonho de ser a sua primeira neta mestre. Dedico também aos meus pais que sempre me apoiaram, incentivaram e acreditaram em mim da forma mais amorosa possível e sendo minha âncora em meio às tempestades do percurso.

AGRADECIMENTOS

E eu que nunca me imaginei vindo morar em terras pernambucanas, hoje carrego meu sotaque paraibano e sertanejo com um “s” puxado que só recifense tem. E Recife tem me proporcionado tantos “sins” que, como diria Nando Reis, “estranho seria se eu não me apaixonasse”.

De onde eu vim, não tem mar, mas eu sempre sonhei navegar por mares longínquos, aceitando também os “nãos” dessa trajetória que não é fácil e só quem sai do seu lar, de junto da sua família sabe como o mundo pode ser encantador e difícil, mas estar sozinha nunca foi estar solitária.

Primeiro porque eu sei que o Deus que cuidou e preparou tudo sempre está ao meu lado e me faz ter fé de que se eu colocar o pé, Ele vai colocar o chão. E também a Nossa Senhora da Conceição, que do alto do morro tem intercedido por mim desde a primeira vez que ousei fazer planos em Recife. Sem a fé eu não estaria aqui.

Eu digo a todo mundo que herdei as melhores qualidades dos meus pais e a eles toda a minha gratidão, por eles todo o meu empenho e deles todo o meu amor. “Sem amor eu nada seria”.

Agradeço a quem, mesmo antes de eu nascer, me levou a uma universidade federal para ouvir sobre psicologia e depois trocou o sonho do diploma pela realização de ser mãe, então esse e todos os meus títulos são seus e vem sendo conquistados desde 1993. Gratidão, mamãe, por me ensinar que posso desbravar mares na segurança de ter uma âncora sempre comigo.

Agradeço àquele de quem eu herdei toda minha habilidade social e me ensina que a gente pode enfrentar tudo, mesmo se der medo, quem aprendeu juntinho de mim que eu posso voar, mas sempre terei meu ninho em seu lar, em nosso lar. Gratidão ao papai mais babão e incansável protetor da minha vida.

Agradeço a toda minha família que lá de longe vibra a cada conquista, a cada sonho e confia em mim, principalmente a minha tia, Lenilda, que me ensinou a importância de cuidar e amar ao próximo. A ela, a gratidão por ter ficado dormindo e cuidado de vovó na minha ausência até a última noite dela em casa. Eu só vim conquistar o mundo porque confio no amor e nas orações de vocês por mim.

Agradeço ainda a família, também Oliveira, que me acolheu e torceu por mim em cada nova etapa desta aventura que é morar em Recife. Obrigada a Paulo, que foi meu companheiro em tantos momentos de estudo, estresse e descompressão; a Valéria, por cada comidinha que

aqueceu meu coração; a Fernando, por todo carinho; à princesa que faz qualquer dia difícil ficar mais feliz, Bia. Obrigada por cuidarem de mim por aqui, pelos meus pais.

Eu confio que Deus nos leva aos caminhos que precisamos trilhar e as pessoas que precisamos do nosso lado e eu tenho certeza que ao optar por esse programa de mestrado, foi providência divina para ter ao meu lado as seguintes pessoas:

Karina Moutinho, aquela que eu já fui certinha procurar e, se fosse esse o programa, jamais haveria de ser outra orientadora. Ela abriu o Eikasia para mim, abriu também o projeto “O Recife que Eu Vi”, me acolheu e confiou em mim, mesmo nos momentos mais difíceis que eu passei nesse percurso, sempre muito cuidadosa e ao mesmo tempo me ensinando. Minha gratidão por me mostrar que na Academia há espaço para gente ser gente, há orientadora humanizada, profissional e afetuosa.

Minha gratidão também a todas aquelas que estão presentes nos encontros pelo *meet* e nas trocas de mensagens, experiências e aprendizado que fazem o Laboratório de Estudos da Imaginação – Eikasia: Josene, Taciana, Gessivania, Elaine, Alice, Angélica, Ceos, que na vida e na ciência a gente possa continuar se encontrando e encontrando mais mulheres potentes como vocês.

A minha turma de mestrado que uma pandemia afastou fisicamente, mas sempre se fez presente e disponível nos perrengues e trabalhos em grupo remotamente, eu agradeço a todos citando o nome de Thaissy e Bárbara. pois nosso trio foi essencial para amenizar os baques da vida pessoal e de mestranda. Minha gratidão.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pela bolsa de estudos em meio a um tempo de pandemia e incertezas, principalmente para quem vem de fora e permanece em uma cidade que não é sua. O auxílio da bolsa foi essencial para me dedicar ao Mestrado e me manter em Recife para fazer minha pesquisa.

Agradeço também a todas as pessoas idosas que eu tive o prazer de ouvir através do projeto “O Recife que Eu Vi”, em especial a Libélula e a Girassol, com quem eu tive os encontros necessários para a construção desta dissertação. Vocês a construíram comigo e me ensinaram muito sobre a vida e os ajustamentos sempre possíveis, mesmo diante de um cenário tão difícil quanto foi a pandemia. A pesquisadora e a pessoa que eu saio, só existe pelo encontro com vocês.

Agradeço ainda a outras mulheres que marcam minha trajetória pessoal, profissional e são apoiadoras e torcedoras da minha vida acadêmica: Tânia, Nathaly, Kylvia, Priscylla, Alice e Ana Paula. Nós sabemos de todos os desafios que esses dois anos de pandemia representaram para quem esteve na linha de frente, mas que a gente saiba continuar sendo o acolhimento,

humanização e interdisciplinaridade que as pessoas e espaços precisam cada vez mais. Minha gratidão.

“Todas as pessoas têm coisas importantes para contar. Se criarmos um ambiente de confiança, calmo, íntimo, surgem grandes histórias (SVETLANA ALEXIEVICH, 2016)”.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar como se desenvolvem os processos imaginativos de uma pessoa idosa sobre a vida após a vivência da pandemia da COVID-19. Os idosos compõem um dos grupos de risco para o agravamento e falecimento em função da infecção respiratória causada pelo coronavírus, emergindo a necessidade de pesquisas e estratégias para o cuidado e prevenção com a saúde física e mental dessa população. Consideramos a imaginação um processo cognitivo central no enfrentamento de momentos de crises e rupturas, pois pode possibilitar a adaptação, considerando as limitações e potencialidade sociais e culturais do sujeito em relação com o mundo. Adotamos a perspectiva teórica proposta por Zittoun e colaboradores sobre o modelo de “loop” imaginativo, no qual a imaginação nos permite transitar entre passado, presente e futuro, e está relacionada à corporeidade e mobilidade, de forma a possibilitar a expansão da experiência com base em aprendizados do passado ou desejos para o futuro. O presente trabalho trata-se de um estudo de caso, de modelo idiográfico, que utilizou como instrumentos três entrevistas semiestruturadas, e a construção da ferramenta “Álbum: Era uma vez a vida com a pandemia”. Se desenvolveu através de três etapas que ocorreram de forma remota através de encontros mediados pelo *Google Meet*. Os dados apresentados foram construídos junto com uma participante, de codinome Libélula, de 73 anos e residente na região metropolitana de Recife - Pernambuco. A análise foi realizada de acordo com os conceitos teóricos propostos pelo modelo adotado. Identificou-se que Libélula realizou 18 ciclos dinâmicos imaginativos, sendo que a maioria apresentou temporalidade direcionada para o passado, generalidade específica, plausibilidade possível dentro do seu contexto sociocultural e a corporeidade envolveu imaginações tanto sobre seu corpo quanto sobre o corpo do outro. A participante realizou adaptações em suas esferas de experiência para manter seu senso de auto continuidade e se adaptar à realidade, identificando assim aspectos protetivos e criativos desenvolvidos por ela, como a realização de atividades prazerosas, além da importância de sua rede de apoio e do uso de tecnologias para manter suas relações sociais. Além disso, foi possível conhecer como a modalidade da participante foi afetada pela experiência da pandemia. Espera-se contribuir com esse estudo para a Psicologia Cognitiva tanto no que diz respeito a metodologias para construção e coleta de dados de forma remota, quanto corroborando para a construção e fortalecimento de teorias sobre o processo cognitivo da imaginação em diversos contextos e cenários.

Palavras-chave: Imaginação; Psicologia Cognitiva; Pessoas idosas; COVID-19.

ABSTRACT

The aim of this study was to investigate how an elderly person's imaginative processes about life develop after experiencing the COVID-19 pandemic. The elderly make up one of the risk groups for the aggravation and death due to the respiratory infection caused by the coronavirus, emerging the need for research and strategies for the care and prevention of the physical and mental health of this population. We consider imagination a central cognitive process in coping with moments of crisis and ruptures, as it can enable adaptation, considering the limitations and social and cultural potential of the subject in relation to the world. We adopted the theoretical perspective proposed by Zittoun and collaborators on the imaginative “loop” model, in which imagination allows us to move between past, present and future, and is related to corporeity and mobility, in order to enable the expansion of experience based on learning from the past or desires for the future. The present work is a case study, using an idiographic model, which used as instruments three semi-structured interviews, and the construction of the tool “Album: Once upon a time with the pandemic”. It was developed through three stages that took place remotely through meetings mediated by Google Meet. The data presented were constructed together with a participant, codenamed Libélula, 73 years old and residing in the metropolitan region of Recife - Pernambuco. The analysis was carried out according to the theoretical concepts proposed by the adopted model. It was identified that Libélula performed 18 imaginative dynamic cycles, most of which presented temporality directed to the past, specific generality, possible plausibility within their sociocultural context and corporeality involved imaginations both about their body and about the body of the other. The participant made adaptations in her spheres of experience to maintain her sense of self-continuity and adapt to reality, thus identifying protective and creative aspects developed by her, such as carrying out pleasurable activities, in addition to the importance of her support network and the use of technologies to maintain their social relationships. In addition, it was possible to know how the participant's modality was affected by the pandemic experience. This study is expected to contribute to Cognitive Psychology both with regard to methodologies for building and collecting data remotely, as well as corroborating for the construction and strengthening of theories about the cognitive process of imagination in different contexts and scenarios.

Keywords: Imagination; Cognitive Psychology; Old people; COVID-19.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Ciclo dinâmico imaginativo e as três dimensões	33
Figura 2: Ciclo dinâmico imaginativo e as quatro dimensões	35
Figura 3: Mobilidade geográfica mínima e mobilidade simbólica	37
Figura 4: Etapas da construção de dados	44
Figura 5: Libélula	47
Figura 6: Título dado pela participante: “Eu na casa de praia meditando, tentando afugentar os medos que a pandemia me trouxe”	58
Figura 7: Título dado pela participante: “Foto tirada por mim, na minha horta”	60
Figura 8: Título dado pela participante: “Me impactou encontrá-la no meu Instagram”	63
Figura 9: “Teve um grande efeito em mim”	72
Figura 10: “É nesse lugar que estarei quando o mundo for cor de rosa”	73
Figura 11: “A natureza se ‘amostrando’ no meu jardim”	76
Figura 12: Mapa de mobilidade geográfica de Libélula	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Síntese de Termos Analíticos	.45
Quadro 2. Esferas de experiência presentes nos ciclos dinâmicos imaginativos	55
Quadro 3: Quadro síntese ciclo dinâmico e dimensões analíticas 1...	70
Quadro 4: Quadro síntese de ciclo dinâmico e dimensões analíticas 2...	80

SUMÁRIO

1 Introdução	16
2 Fundamentação Teórica	21
2.1 Envelhecimento e pandemia: o projeto “O Recife que Eu Vi”	21
2.2 Processos imaginativos: um olhar a partir da psicologia sociocultural	26
2.3 Modelo de loop imaginativo: uma expansão da experiência	29
2.3.1 Esferas de experiências proximais e distais	31
2.4 Imaginação e movimento: mobilidade simbólica e geográfica	36
3 Objetivos	38
3.1 Objetivo Geral	38
3.2 Objetivos Específicos	38
4 Método	39
4.1 Participante	39
4.1.1 Critério de exclusão	40
4.1.2 Critério de inclusão	40
4.1.3 Libélula	41
4.2 Material	41
4.3 Procedimentos	42
4.3.1 Aspectos éticos	42
4.3.2 Etapas de construção de dados	42
5 Resultados e Análise	44
5.1.1 A chegada da pandemia: identificando esferas e expansões de experiência	48
5.1.2 A dinâmica imaginativa de Libélula: Modelo quadridimensional do ciclo dinâmico imaginativo	56
5.1.2.1 Transitando pelo passado e pelo presente: ciclos dinâmicos imaginativos sobre a vida durante a pandemia	57
5.1.2.2 O que há de vir: Ciclos dinâmicos imaginativos sobre o futuro	71
5.1.3 - Mapeando a mobilidade simbólica e geográficas ocupados antes, durante e depois da pandemia	81
6 Considerações Finais	90
7 Referências	93
APÊNDICE A	100
APÊNDICE B	101
APÊNDICE C	104
APÊNDICE D	108
ANEXO A	111
ANEXO B	112

1 Introdução

O presente estudo teve como objetivo investigar os processos imaginativos de uma idosa que participou do projeto “O Recife que Eu Vi” durante a pandemia da COVID-19. O projeto, coordenado pela professora Karina Moutinho, foi desenvolvido em resposta ao edital 06/2020 lançado pela Pró-Reitoria de Assuntos em Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), direcionado ao recrutamento e fomento de ações voltadas para a prevenção e diagnóstico da COVID-19.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que estávamos vivendo a pandemia causada pelo coronavírus SARS-COV-2, a COVID-19. Essa se caracteriza como uma doença infectocontagiosa de rápida disseminação e tem como alguns dos sintomas: tosse seca, dor de cabeça, febre, falta de ar (hipóxia e dispneia), em casos graves há a falência respiratória e comprometimento de demais órgãos, ocasionando a morte (WHO, 2020).

No Brasil, dentre as hospitalizações em decorrência dessa doença, havia, à época, a predominância de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, bem como daquelas com presença de comorbidades, como hipertensão, diabetes, cardiopatias e doenças respiratórias (BASTOS et al, 2020). Essas pessoas integram os chamados grupos de risco, achado que condiz com o perfil epidemiológico mundial (BASTOS et al, 2020).

Ao redor do mundo foram tomadas medidas de conscientização, controle e prevenção para evitar a disseminação da COVID-19. Dentre essas medidas, se destaca a prática do distanciamento social, popularmente chamada de isolamento social (BEZERRA et al, 2020). Em Pernambuco, durante o período de 16 a 31 de maio de 2020, foram instituídas medidas restritivas rígidas de circulação de pessoas e funcionamento de estabelecimentos nos cinco municípios da Região Metropolitana de Recife. As medidas foram regulamentadas através Decreto 49017/2020 do Governo de Estado, com o intuito de aumentar o número de pessoas realizando o isolamento social (PERNAMBUCO, 2020).

Essa intensificação das medidas de distanciamento social aconteceu porque em Pernambuco, no dia 19 de maio de 2020, já se somavam 21.242 casos de contaminação confirmados, dos quais 1.741 foram a óbito (PERNAMBUCO, 2020). Dentre o número de casos fatais, se observou que 66,11% destes ocorreram com idosos (1.151 casos).

Considerando que as pessoas idosas fazem parte de um dos grupos de risco que possui mais chances de desenvolver a doença na forma grave e com desfecho fatal (SILVA; MAIA;

SOUZA, 2020). O projeto “O Recife que Eu Vi” foi voltado para pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com o intuito de contribuir, de forma imediata, com o enfrentamento do isolamento social, possibilitando uma atividade significativa para o(a) idoso(a) se engajar, e assim também ocupar seu papel de protagonista, principal autor de sua história, enquanto construtor de uma memória social e afetiva sobre a cidade do Recife - Pernambuco.

Em 2020, pessoas com mais de 60 anos foram convidadas a escolher uma fotografia pessoal, antiga e afetivamente importante na cidade do Recife e contar aos pesquisadores a história desta foto. Áudio e imagem foram editadas, integradas em vídeo e postadas no perfil do Instagram @orecifequeeuvi, com legenda e audiodescrição com a hashtag #pratodomundover, permitindo acessibilidade a pessoas cegas ou com baixa visão.

Do ponto de vista da Psicologia Cognitiva, o projeto promoveu, no enfrentamento à pandemia, um deslocamento espaço-temporal para imaginar e rememorar um passado já vivido pela pessoa idosa, a partir de sua experiência com um artefato cultural pessoal e afetivamente importante para si, que era a fotografia de seu álbum.

Tal projeto foi pensado em três momentos: o primeiro, uma ação no Instagram; o segundo, a publicação de um livro e de um curta-metragem a partir do material constituinte na rede social e, por fim, o presente estudo, enquanto projeto de dissertação de mestrado.

A primeira etapa do “O Recife que eu Vi” foi desenvolvida através de uma ação na rede social Instagram, através da qual o(a) idoso(a) era convidado(a) a partilhar uma imagem do seu passado, de uma situação da sua história de vida na cidade do Recife, então ele(a) narrava esse evento através de um áudio enviado pelo WhatsApp; com esses materiais, foram criados vídeos que estão publicados no Instagram do projeto (@orecifequeeuvi).

Como segunda etapa desse projeto, houve a confecção de um livro com tais histórias e fotografias, onde além desse recorte do passado, se pedia aos participantes para enviarem uma foto atual e contar brevemente sua história de vida e como se viam hoje, compondo uma minibiografia desta pessoa no livro. Fui convidada pela pesquisadora organizadora do projeto e também minha orientadora nesse estudo, Dra. Karina Moutinho, a colaborar com o projeto nessa etapa, momento em que pude conhecer e escutar as histórias de vida dos participantes. Paralelamente, foi realizado pela equipe da pesquisa um outro produto, um curta-metragem com vídeos já disponíveis no Instagram e depoimentos de profissionais diversos que colaboraram com reflexões sobre o projeto: psicólogas, profissional de moda, fotógrafa, profissional de comunicação e audiodescritora.

A presente dissertação consiste em um produto e etapa final do projeto, através da qual se investigou como uma idosa de 73 anos que participou do “O Recife que Eu Vi” experienciam

a pandemia e como, diante disso, prospectam sobre suas vidas. Esse estudo se faz atual, pois mesmo com o avanço da vacinação e esperança promovida com isso, a população idosa ainda experimenta sentimentos de indefinição sobre o retorno à "vida normal" pré-pandemia, e durante o momento de construção de dados, ainda se fazia necessário o distanciamento social como uma das principais estratégias de enfrentamento da COVID-19 (SOUZA et al, 2021).

Diante dessa realidade epidemiológica e social, essa pesquisa teve como questões norteadoras: Como as pessoas idosas têm vivenciado a pandemia, especialmente diante do contexto de risco à própria vida? E como essas pessoas imaginam a continuidade de suas vidas no que tange à integração entre passado, presente e ao futuro?

Esse estudo se desenvolveu enquanto dissertação de mestrado no Programa de Pós Graduação (PPG) em Psicologia Cognitiva da UFPE. Dessa forma, essa investigação irá se debruçar sobre o processo cognitivo da imaginação com base na Psicologia Sociocultural, através da qual ela é compreendida como uma função mental superior (MILLER, 2014) e como um processo ao mesmo tempo pessoal e sociocultural (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016). A imaginação se relaciona à elaboração de significados dentro de um contexto social e histórico no qual o sujeito está inserido (VALSINER, 2012).

A imaginação vem sendo objeto de interesse no PPG em Psicologia Cognitiva e sendo estudada pelo Laboratório de Estudos da Imagem - Eikasia, onde destacamos as produções de Carvalho (2019); Ramos (2019); Batista et al., (2019) e Melo (2019); e há ainda o Laboratório de Estudos do Desenvolvimento na Cultura: Comunicação e Práticas Sociais (LabCCom) que também desenvolve pesquisas com esse tema, a exemplo dos trabalhos de Valério (2019); Souza (2019) e Aguiar (2019).

No que diz respeito à literatura internacional mais recentemente produzida sobre esse processo cognitivo, destaca-se para os estudos de Valsiner (2012; 2014) e Tateo (2015), além das contribuições de Zittoun e colaboradores, por analisarem a dinâmica imaginativa em estudos empíricos desenvolvidos em diferentes contextos (por exemplo: ZITTOUN; CERCHIA, 2013; ZITTOUN; GILLESPIE, 2016; ZITTOUN, 2020; GFELLER; ZITTOUN, 2020; ZITTOUN; GROSSEN; SALAMIN, 2021).

Nesse estudo, adotamos a postura teórica e analítica da imaginação proposta por Zittoun e colaboradores, na qual a imaginação ocorre através do modelo de *loop* imaginativo, através da qual imaginar envolve construir um "laço" através do qual é possível nos deslocarmos simbolicamente entre o tempo presente, passado e futuro de forma a expandirmos nossa experiência a partir do aqui-e-agora (ZITTOUN; CERCHIA, 2013).

Inicialmente compreendido enquanto um modelo tridimensional, mais recentemente o modelo de *loop* imaginativo passou a ser analisado enquanto quadridimensional, compreendendo as dimensões: temporalidade, plausibilidade, generalidade e corporeidade, conceituações que serão descritas e exemplificadas ao longo da fundamentação teórica (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016; GFELLER; ZITTOUN, 2020).

Levantamos ainda, neste trabalho, a possibilidade e relevância de que junto a uma análise sobre o modelo quadridimensional, também seja analisada a mobilidade presente na dinâmica imaginativa, conforme foi proposto em estudos mais recentes dentro dessa concepção teórica proposta por Zittoun e colaboradores (ZITTOUN, 2020; ZITTOUN; GROSSEN; SALAMIN, 2021).

Visando a adaptação cultural e linguística para o Brasil, chamamos o *loop* imaginativo de ciclo dinâmico imaginativo. Essa adaptação acontece de acordo com a compatibilidade da definição de ciclo a forma como compreendemos o conceito proposto por Zittoun e colaboradores.

Com base no cenário atual da pandemia e a abordagem teórica que embasa esse trabalho, temos como objetivo: investigar como pessoas idosas, que participaram do Projeto “O Recife que Eu Vi”, imaginam, ou seja, expandem suas experiências durante a vivência da pandemia da COVID-19.

Esperamos trazer contribuições para o desafio metodológico em pesquisas desenvolvidas na Psicologia Cultural (VALSINER, 2012) no que diz respeito à construção de dados por via remota e, além disso, apresentar dados empíricos para fortalecer a compreensão da imaginação como ciclo dinâmico imaginativo conforme descrita por Zittoun e colaboradores, ademais, espera-se ter um retorno prático na proposição de intervenções psicológicas voltadas para a promoção de saúde mental e políticas de atenção à pessoa idosa.

Enquanto implicações pessoais, anseios e curiosidades que motivaram o desenvolvimento dessa pesquisa, desdobra-se a atuação profissional desta pesquisadora junto à linha de frente em hospitais referência na assistência a pessoas com suspeita ou confirmação de COVID-19 e outras formas de Síndrome Aguda Respiratória Grave (SRAG) durante os anos de 2020, 2021 e 2022. Embora tenha atendido ao longo desses dois anos de pandemia pessoas de todas as idades, tem me sensibilizado o atendimento aos idosos internados, por seus relatos sobre as dificuldades de passar pelo distanciamento social, a tensão que os acompanhou quanto ao risco de se infectarem, e quando hospitalizados, o medo sobre o possível desfecho que pode assumir grau de letalidade mais alto comparado a outras populações, reconhecendo-se muitas

vezes em um local de maior fragilidade diante da existência de doenças crônicas que dificultam a sua recuperação e aumentam o tempo de internamento.

Diante disso e com base na teoria norteadora dessa pesquisa, o presente estudo busca identificar aspectos adaptativos ao enfrentamento da pandemia para os idosos, com o intuito de promover o fortalecimento desses aspectos, que podem ser protetivos para o enfrentamento tanto durante um momento de distanciamento social quanto durante internamentos em isolamento para essa população, destacando o papel da imaginação para a expansão da experiência do aqui-e-agora de forma a promover a adaptação e enfrentamento durante situações de crise.

Essa dissertação é composta por 6 capítulos que se iniciam com a introdução ao estudo, apresentando um panorama geral e inicial para a contextualização dos temas, relevância, justificativa e posicionamento teórico que serão abordados ao longo do trabalho.

Em sequência, o segundo capítulo se desenvolve para abordar a fundamentação teórica, composto por 4 subtópicos que explanam os temas e teorias centrais para essa investigação: Envelhecimento e pandemia (recorde de população pesquisada e contexto sociocultural); Processos imaginativos (processo cognitivo estudado); Modelo de *Loop* imaginativo e imaginação e mobilidade (teoria sobre a imaginação utilizada).

No terceiro capítulo, são apresentados o objetivo geral e os específicos do estudo. No quarto, é descrito o caminho metodológico desenvolvido, apresentando a participante, instrumentos e materiais, aspectos éticos, e os procedimentos seguidos para a construção dos dados.

No capítulo cinco, estão expostos os resultados e a análise dos dados construídos pela participante em cada uma das etapas. No último capítulo, o sexto, são explanadas as considerações finais, limites do estudo e direcionamentos para investigações futuras.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Envelhecimento e pandemia: o projeto “O Recife que Eu Vi”

Atualmente, a pirâmide etária brasileira tem mostrado o aumento da expectativa de vida, mudando, assim, o perfil demográfico brasileiro e fazendo emergir a necessidade de se pensar meios de possibilitar que essa longevidade seja vivenciada com qualidade (SILVA et al., 2019). A Organização Mundial de Saúde determina, enquanto parâmetro cronológico, que a pessoa idosa é aquela com 60 anos ou mais nos países em desenvolvimento, como o Brasil. (OMS, 2005).

Iremos compreender o envelhecimento enquanto um fenômeno universal e processo natural pelo qual todos os seres humanos vão passar, acontecendo de forma gradativa, em cada fase da vida, e marcado por mudanças físicas e psicológicas, entendendo que cada sujeito vai envelhecer de uma forma única e levando em consideração seu contexto social, econômico e cultural (OLIVEIRA; SILVA; CONFORT, 2018).

O envelhecimento é aqui abordado enquanto um processo idiossincrático e irreversível, no qual ocorrem alterações biopsicossociais em diferentes aspectos da vida, sendo importante buscar meios para garantir o engajamento da população idosa em atividades sociais, além de valorizar o papel e contribuições, passadas e atuais, para sociedade (MENDES, 2020).

É necessário para uma melhor compreensão sobre o envelhecimento uma retomada histórica sobre as diferentes conceituações da velhice ao longo do tempo, reconhecendo o papel da cultura e época em que se estuda esse tema (Moreira et al, 2021). Na psicologia o ramo que estuda o envelhecer é a psicologia do envelhecimento, da qual surgem três paradigmas para compreensão desse fenômeno (TOME; FORMIGA, 2020).

O primeiro paradigma é o das teorias clássicas que vão ter o enfoque direcionado aos ciclos de vida de forma linear, podemos citar a Teoria de estágios (Bühler, 1935); Teoria do afastamento/desengajamento (Cummings e Henry, 1961); Tarefas Evolutivas/Teoria da Atividade (Havighurst, 1951); A Teoria da Continuidade (Atchley, 1989); tais teorias abordam o envelhecimento relacionando-o a ganhos e perdas ao longo do ciclo da vida. (TOME; FORMIGA, 2020).

O segundo paradigma é o das teorias transitórias que tem uma visão sobre o envelhecimento considerando o desenvolvimento ao longo do curso da vida de forma dialética, onde podemos destacar a Teoria do desenvolvimento da personalidade ao longo da vida (Erikson, 1959) e a Teoria social-interacionista da personalidade na velhice (Neugarten,

1969;

Neugarten, Moore e Lowe, 1965), ambas consideram tanto aspectos intrapessoais quanto sociais para o desenvolvimento durante o curso de vida (TOME; FORMIGA, 2020).

Por fim, o paradigma das teorias contemporâneas propõe uma análise sobre o envelhecimento partindo do pressuposto de que o desenvolvimento acontece ao longo de toda a vida e deve considerar aspectos microssociais e macrossociais do ambiente sobre o desenvolvimento e comportamento dos sujeitos ao longo da vida, aqui destacam-se a Teoria do desenvolvimento ao longo de toda a vida (Paul Baltes, 1987); Teoria da dependência comportamental ou aprendida (Margareth M. Baltes, 1996), Teoria da Seletividade Socioemocional (Carstensen, 1991); Teoria do controle no curso de vida (Heckhausen e Schulz, 1995); para as teorias emergentes desse paradigma o envelhecimento humano é um fenômeno contemporâneo com aspectos biológicos, psicossociais e ontogenéticos (TOME; FORMIGA, 2020).

No presente trabalho, partimos da concepção teórica da Psicologia Sociocultural que estuda o desenvolvimento humano a partir da relação de troca entre o sujeito, seu contexto social e cultural, considerando o espaço e tempo no qual acontece esse desenvolvimento, dando enfoque ao papel da experiência e criação de sentido (ZITTOUN; BAUCAL, 2021).

Zittoun e Baucal (2021) tecem críticas sobre a produção de estudos dentro da psicologia sociocultural sobre o envelhecimento ainda ser reduzida, associando a divisão que ainda existe na nossa sociedade sobre o desenvolvimento concluir em alguma etapa da fase adulta. Ainda segundo esses autores, o envelhecimento é característico e objeto de estudo na geriatria e gerontologia de forma em que ainda predominam estudos voltados para características biológicas de perda de funcionalidade e declínio de funções cognitivas. É necessária, então, a realização de estudos que busquem em uma perspectiva dialógica conseguir captar, compreender e divulgar o que a população idosa tem a dizer.

Ainda em Zittoun e Baucal (2021) é proposta uma abordagem teórica sobre o desenvolvimento no envelhecer a partir da perspectiva sociocultural para a compreensão do envelhecimento de acordo com a dinâmica sociogenética, microgenética e ontogenética. A sociogenética leva em consideração os aspectos e mudanças históricas sobre a visão do envelhecimento da sociedade em que se envelhece, além da estrutura política e econômica, bem como aspectos de inclusão e exclusão presentes; a microgenética é a análise sobre o envelhecer a partir da perspectiva do próprio sujeito em seu contexto e ao longo da sua vida, considerando que o curso de vida está em constante transformação, além da contextualização histórica, social e inter-relacional das pessoas; e, por fim, a microgenética é o encontro da dinâmica da sociogenética com a ontogenética, ou seja, está relacionada a “identificar e

examinar experiências e práticas socialmente situadas em formação, em todos os tipos de situações reais e imaginárias que constituem a vida cotidiana” (ZITTOUN; BAUCAL, 2021, p.4 - tradução nossa).

Sendo assim, são essenciais as pesquisas e as estratégias em saúde voltadas para os idosos respeitá-los como sujeitos ativos de sua própria história (SILVA et al., 2019), considerando o contexto social, o estilo de vida, o grau de escolaridade, cultura, situações econômicas e sociais nas quais estão inseridos para, assim, trazer contribuições para proporcionar integridade, saúde, autonomia e a satisfação com o envelhecimento (OLIVEIRA; SILVA & CONFORT, 2018).

Nas últimas décadas, as políticas públicas e pesquisas começaram a buscar compreender o processo de envelhecimento populacional, na perspectiva de buscar alternativas para manter os idosos social e economicamente integrados, autônomos e independentes, na expectativa de que se percebam vivendo com prazer, satisfação, realização profissional e pessoal (SACRAMENTO; CHARIGLIONE, 2019).

Zittoun e Baucal (2021) apontam a necessidade teórica e ética de que os pesquisadores encontrem formas de facilitar meios para a participação dos idosos como integrantes da sociedade, podendo compartilhar suas experiências e significações de vida, de forma a garantir seu envolvimento e voz na formulação de políticas e espaços que tenham implicações para sua qualidade de vida.

A qualidade de vida e a promoção de saúde para toda a população têm sofrido alterações desde a chegada da pandemia da COVID-19. Embora a doença tenha sua origem no final do ano de 2019 na China, diante da globalização e formas de contágio, em 30 de janeiro a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que era uma emergência internacional. No Brasil, apenas em 20 de março o Congresso Nacional declarou estado de calamidade pública e passaram a existir ordens para o distanciamento social, que era recomendado pela OMS, como forma de minimizar a propagação do vírus (HARZHEIM et al., 2020).

Embora já se soubesse da existência do vírus, o Carnaval no Brasil foi mantido, possibilitando aglomerações e um fluxo de viagens nacionais e internacionais que aqueceram a economia e o turismo, porém aparentemente trouxeram consequências para a rápida disseminação da COVID-19. Araujo et al (2021) apontam que como consequência em 26 de fevereiro de 2020 o Brasil registrou o primeiro caso da doença, que em março já estava com transmissão comunitária, e que em 12 de março de 2020 houveram dois casos confirmados em Pernambuco, ambos em Recife. A quarentena e o isolamento social foram recomendados pelo Ministério da Saúde em 13 de março de 2020 (PAES et al, 2021).

O país passou a enfrentar uma crise nas esferas sanitária, econômica e política. O governo federal não reconhecia a gravidade da ameaça que a pandemia representava, existiram mensagens contrárias às recomendações da OMS e houve diversas substituições de Ministro da Saúde, o que dificultou o controle da COVID-19 no Brasil (XIMENES et al, 2021). Destaca-se ainda que houve a necessidade da criação do Consórcio de Governadores do Nordeste, que foi uma forma de combate a pandemia empreitada por governadores e prefeitos da região nordeste para combater a pandemia e intensificar medidas de distanciamento (XIMENES et al, 2021).

Para melhor contextualizar, apresentamos a sequência de medidas tomadas dentro do estado de Pernambuco, conforme apontado por Araujo et al (2021):

- Em 14 de março de 2020: Decreto paralisa funcionamento de escolas públicas e privadas;
- 15 de março de 2020: As universidades e institutos federais também anunciam a paralisação;
- 20 de março a 15 de junho de 2020: Fechamento e reabertura do comércio;
- 18 de junho de 2020: Obrigatoriedade do uso de máscaras em todos os locais;

Em junho começou-se um processo de flexibilização das medidas adotadas referentes ao distanciamento social e a reabertura de atividades econômicas, porém a pandemia ainda estava em crescimento (XIMENES et al, 2021). Tal movimento de reabertura corroborou para a evolução da pandemia, eclodindo para o que foi chamado de primeira onda, que ocorreu em julho de 2020, quando houve um aumento no número de mortes que seguiu em crescimento até novembro de 2020, momento em quando se identifica a segunda onda e se observa esse crescimento até março de 2021 (MOURA et al., 2021).

Sobre o perfil epidemiológico observado, Borges e Crespo (2020) apontam que a letalidade da COVID-19 foi maior em idosos. Durante toda a pandemia, houve debates sobre os idosos integrarem um dos grupos populacionais de maior vulnerabilidade, fato que pode estar relacionado a prevalência de idosos que possuem doenças crônicas presentes no envelhecimento, porém é necessário uma compreensão para além dos aspectos biofísicos, incluindo a visão sobre aspectos psicossocioculturais desse envelhecimento durante a pandemia (HAMMERSCHMIDT; BONATELLI; CARVALHO, 2020).

No estado de Pernambuco, a prevalência dos óbitos registrados mostra para um perfil com maioria de números de casos fatais entre pessoas idosas, principalmente aqueles com idade

entre 60 a 69 anos, do sexo masculino e residentes das cidades de São Lourenço da Mata, seguido de Recife e Olinda (FREITAS; SILVA; SERAFIM (2021).

O retrato regional, nacional e mundial das mortes por coronavírus indica que pessoas idosas têm representando a maioria dos casos fatais, retrato esse que pode fazer com que os idosos se encontrem, constantemente, com medo e tensos frente ao risco de contaminação em função do prognóstico com tendência a ser fatal. Somando a isso, há o fato de que vivenciar o isolamento social pode ser uma experiência de solidão, tédio e raiva (XIANG et al, 2020).

Nesse contexto, há o imperativo de que exista a solidariedade intergeracional, através da qual se possibilite a assistência e proteção aos idosos, considerando suas múltiplas peculiaridades, evitando os vieses estigmatizantes baseados em idadismo, nesse processo deve-se buscar formas de amenizar os desconfortos relacionais e psicológicos envolvidos na necessidade de promover o isolamento social (MASSUDA et al, 2020).

Leão, Ferreira e Faustino (2020) destacam que as tecnologias online surgem como uma possibilidade de fornecer redes de apoio social e um sentimento de pertencimento, como forma de amenizar os impactos emocionais da desconexão social, propondo que sejam pensadas intervenções para possibilitar a comunicação desses idosos com outras pessoas durante esse período de isolamento social. Essa comunicação é importante tanto para a oferta de rede de apoio, como de divulgação para medidas de promoção de saúde, minimizando a continuidade do processo de silenciamento e exclusão do foco e protagonismo dos idosos.

Com o compromisso de ajudar no enfrentamento dos impactos do isolamento social de idosos, a profa. Dra. Ana Karina Moutinho Lima elaborou e desenvolveu uma ação voltada para a população com idade igual ou superior a 60 anos que teve como objetivo auxiliar a vivenciar o isolamento social.

A ação no Instagram foi desenvolvida entre 27 de março de 2020 a 21 de setembro de 2020; participaram 30 idosos/as, o material produzido durante essa primeira etapa do projeto pode ser encontrado através da rede social no Instagram @orecifequeeuvi, onde estão as fotos, áudios, elaborações e descrições que emergiram desse trabalho junto aos idosos (Anexo A).

Para além desse registro em rede social, esse material foi compilado em um livro, que mimetiza um álbum de imagens e histórias que integram a visão sobre o Recife a partir do olhar das pessoas com 60 anos ou mais, disponível para download no perfil do Instagram do projeto (Anexo B).

O cenário atual da pandemia é o de campanha de imunização contra a COVID-19 no Brasil, que teve início em janeiro de 2021. Dentre os grupos prioritários para receber a vacina nesse período, estavam pessoas com 60 anos ou mais (SATHLER; LEIVA, 2021). Em Recife,

a campanha de imunização começou em 18 de janeiro de 2021 e até 26 de maio de 2022 já alcançou 82,87% da população com o esquema vacinal completo (1ª e 2ª doses ou dose única), o plano vacinal prevê doses de reforço, a primeira dose de reforço já foi aplicada em 56,17% da população elegível (pessoas com mais de 18 anos) e a segunda dose de reforço que atualmente está autorizada apenas para pessoas com 65 anos ou mais já foi tomada por 49,5% (SES-PE, 2022).

Tal como mencionado anteriormente, o projeto “O Recife que eu Vi” teve como foco o resgate ao passado durante o início da pandemia e frente a intensas medidas de distanciamento social, mas como um dos desdobramentos desse projeto, desenvolveu-se o presente estudo que, por sua vez, tem o intuito de analisar as experiências desses idosos ao longo da pandemia de modo a investigar como imaginam as suas vidas daqui para frente.

2.2 Processos imaginativos: um olhar a partir da psicologia sociocultural

Cornejo (2017) faz um apanhado histórico da visão de imaginação a partir de quatro filósofos antigos que trazem contribuições precursoras para a concepção de imaginação das teorias psicológicas contemporâneas, a saber, Nicolau de Cusa, Giambattista Vico, Immanuel Kant e J. W. von Goethe, suas concepções serão apresentadas brevemente a seguir.

Para Nicolau de Cusa, a imaginação ou fantasia era compreendida como uma câmera na mente, onde as imagens, que eram inicialmente produzidas pela estimulação sensorial, são trazidas novamente à vida. Já Vico trouxe a contribuição para compreensão de que a fantasia é um esforço imaginativo do cientista para conhecer o mundo, mediando, assim, as relações sujeito e objeto, meio de conhecer a realidade e, portanto, estaria relacionada às formas de produção de conhecimento (CORNEJO, 2017).

Kant destaca a função transcendental da imaginação de produzir uma síntese que torna possível trazer à consciência as experiências sensoriais, defende, ainda, a imaginação como uma função intelectual. Enquanto para Goethe, a fantasia representa a faculdade de sentir plenamente o mundo e é uma condição prévia para chegar a uma ciência ideal, capaz de respeitar a natureza, descrevendo-a fielmente (CORNEJO, 2017).

Outro apanhado histórico sobre as contribuições para o estudo da imaginação é desenvolvido em um estudo proposto por Zittoun e Cerchia (2013) que fazem um recorte sobre as contribuições clássicas para a compreensão da imaginação na psicologia desenvolvimental destacando a importância de Piaget, Vygotsky e Paul Harris, que consideram importante a

existência de uma lacuna ou ruptura no fluxo da experiência para que seja iniciado o processo imaginativo.

Para Piaget, a imaginação é compreendida a partir de aspectos cognitivos durante o desenvolvimento. Em alguns de seus trabalhos, ele associa a imaginação à tendência de assimilar o mundo de acordo com o próprio desejo, consistindo de uma forma pré-lógica do pensamento e, portanto, distinguindo-se do pensamento (ZITTOUN; CERCHIA, 2013).

Já para Harris (2000), a imaginação é justamente o processo de preencher a lacuna. Ele acredita que a imaginação é uma variação do pensamento. Harris reduz a imaginação ao raciocínio onde somos capazes de seguir raciocínios do mundo real em situações imaginárias (ZITTOUN; CERCHIA, 2013).

Em contraste com os autores debatidos anteriormente, Vygotsky, em sua teoria sócio-histórica, propôs ver a imaginação como a capacidade de se distanciar conscientemente e reflexivamente da realidade que durante o imaginar se desdobra em outras alternativas, sendo assim um processo necessário à vida humana e cultural (ZITTOUN; CERCHIA, 2013).

Vygotsky (2012) compreende que a imaginação é uma função mental superior e orienta o ser humano para o futuro, criando-o e alterando o próprio presente, e reconhecendo a importância de experiências anteriores próprias ou sociais, para essa criação. Também destaca a contribuição marcante do papel concedido às emoções para o estudo da imaginação, onde indica uma relação de influência mútua entre esses processos mentais.

Vygotsky (2012) elabora sobre a imaginação a partir de uma compreensão holística, na qual ela não está relegada à fantasia ou ao plano do não real, a imaginação, ao contrário, se ancora e acontece com base na realidade, considerando a influência e ação das emoções e do meio social, a partir dos quais os processos imaginativos vão criar e possibilitar a melhor adaptação do ser ao mundo no qual vive.

Ainda sobre a imaginação, Vygotsky (2004) propõe que ela pode ser compreendida como uma expansão da experiência, ou seja, através do ato de imaginar o ser humano é capaz de criativamente alterar seu presente, criar seu futuro extrapolando os limites de sua experiência no aqui e agora, isto é, experienciar uma situação que ainda não está posta no momento presente.

Além das contribuições da Psicologia Sócio-histórica, no campo da imaginação há o predomínio de estudos da psicologia sociocultural, que traz apanhados de áreas como antropologia, psicologia, sociologia e história (AGUIAR, 2019). A psicologia sociocultural considera que ao longo de toda a vida há o desenvolvimento e constituição mútua da pessoa e de seu mundo sociocultural, acontecendo através de uma dinâmica localizada em um tempo e

espaço específico, onde o ser humano tem um papel central na criação de sentidos através de suas experiências (ZITTOUN; BAUCAL, 2021).

Ainda sobre a psicologia sociocultural, Zittoun e Baucal (2021) realizam um apanhado histórico que remete às bases teóricas de inspiração para tal corrente no pragmatismo americano (Dewey, 1938; James, 2007; Peirce, 1974) e na psicologia russa (Vygotsky, 1998). Destacando ainda que atualmente se desdobra em correntes como a psicologia cultural narrativa (Bruner, 2003; Daiute, 2014), psicologia histórico-cultural (Hedegaard et al., 2008) e psicologia cultural semiótica (PCS) (Valsiner, 2014; Wagner et al., 2014).

Na atualidade, a PCS conforme abordada por Valsiner (por exemplo, 2012, 2014), tem se dedicado a estudar os processos imaginativos, podendo-se destacar os estudos do próprio Valsiner (2012), Tateo (2015-2017), Zittoun e Cerchia (2013) e Gfeller e Zittoun (2020) e Zittoun (2020). Segundo a PCS, a imaginação é compreendida como um processo inter e intrapsicológico que se dá em relação à cultura e está direcionada ao futuro, compreendendo o tempo enquanto irreversível (MOUTINHO, BRECKENFELD; LAURENDON, 2021).

A PCS se propõe a compreender os fenômenos humanos, considerando sua totalidade, reconhecendo a importância da localização e a participação dos sujeitos dentro de uma cultura, na qual é realizada a produção de sentidos. Ou seja, mesmo quando temos experiências contraditórias, somos capazes de significá-las e, a partir disso, somos capazes de nos adaptar ativamente frente a novas situações (VALSINER, 2012).

Para realizar essas adaptações, é necessário que consideremos as limitações sociais e culturais no mundo em que estamos inseridos, para a partir disso atribuir nossa subjetividade. Vê-se que a cultura se mostra como parte essencial e dinâmica da vida humana e enquanto ferramenta primordial para a organização psicológica (VALSINER, 2012).

Através de dispositivos semióticos, interpsicológicos, que se dão na relação humana na e com a cultura, que os indivíduos podem distanciar-se de si no contexto no qual estão inseridos e ainda assim permanecer nesse contexto. Sendo assim, essa relação do ser humano com o mundo envolve ao mesmo tempo proximidade e distanciamento da realidade (VALSINER, 2012).

Ainda sobre essa relação do ser humano com o mundo, Tateo (2015) diz que esta relação se estabelece também enquanto uma relação afetiva com o mundo, e como um processo que perpassa todos os aspectos da vida humana. A imaginação se mostra um meio específico de adaptação e pré-adaptação ao meio ambiente, através da auto-regulação na produção e elaboração de significados (TATEO, 2015).

O processo de criação de significados acontece através e a partir do uso da linguagem e dos ícones, em direção ao futuro, em tempo irreversível e considerando nossa participação semiótica cultural; a imaginação faz parte do que somos individualmente e coletivamente (TATEO, 2017).

É a partir da mediação semiótica que se estabelece uma adaptação ao presente com vistas ao futuro que pode ser imaginado e, assim o ser humano vai se constituindo a partir das atividades de construção e reconstrução da situação atual e dos limites que possam estar presentes nesse contexto, reconhecendo que a cultura assume um papel fundamental na vida e na imaginação do ser humano (VALSINER, 2014).

Zittoun e Cerchia (2013) também partem da visão dessa direcionalidade ao futuro em todas as experiências humanas, ao longo do curso de vida, de forma que não tem volta, ou seja, acontecendo em um tempo irreversível. Trazem como contribuição para o campo teórico da imaginação a conceituação de que ela nos permite transitar entre o passado, o presente e o futuro, a partir dos desejos e expectativas dos sujeitos, desenvolvendo uma teoria na qual o modelo de *loop* imaginativo possibilita a expansão de experiência.

2.3 Modelo de *loop* imaginativo: uma expansão da experiência

Nesse modelo proposto por Zittoun e Cerchia (2013), a imaginação acontece em situações de ruptura no fluxo da experiência, quando o sujeito se encontra diante da imprevisibilidade da vida e faz uma “quebra” da experiência no mundo material. Através de um loop onde o sujeito se desconecta da experiência no aqui-e-agora e explora uma realidade alternativa ou potencial; assim se distancia para longe do aqui-e-agora, para explorar outros contextos, tempos, lugares, mas posteriormente voltando ao aqui-e-agora, com capacidade de expandir a experiência atual.

No presente trabalho, consideramos a imaginação a partir dessa proposição de Zittoun e colaboradores (Zittoun e Cerchia, 2013; Gfeller e Zittoun, 2020; Zittoun, 2020), compreendendo que o processo imaginativo se dá através de um ciclo dinâmico entre o passado, presente e futuro, de forma a possibilitar que as pessoas possam expandir sua experiência no aqui-e-agora com base em suas experiências passadas, desejos e possibilidades que vêm para o futuro.

O modelo de loop representa a experiência de uma pessoa engajada na situação atual, desdobrando-se no tempo em um específico ambiente social e material; em seguida, desligando, ou desacoplando, daquele específico local para se distanciar dele durante

um momento mais ou menos longo (a real experiência de imaginar); antes de finalmente voltar para se engajar novamente no aqui e agora da situação atual. Este movimento circular, como mostramos, permite uma mudança na experiência do aqui e agora. Outra maneira pela qual o processo de imaginação pode mudar a experiência do aqui-e-agora pode ser por meio da colocação em ação de um plano elaborado durante um loop. (GFELLER; ZITTOUN, 2020, p.3, tradução nossa)

Visando à adaptação linguística e cultural ao país em que o presente estudo se desenvolve, iremos nos referir ao *loop* enquanto ciclo dinâmico imaginativo. Conforme o dicionário Michaelis Brasileiro de Língua Portuguesa, uma das definições para ciclo é: “Sequência de ações, fatos ou fenômenos constituintes de um processo periódico que, partindo de um ponto inicial, acabam por desembocar em um ponto-final que nada mais é que o retorno a esse ponto inicial e conseqüente recomeço” (MICHAELIS, 2022, s.p).

Essa definição de ciclo se adequa exatamente ao que temos compreendido da teoria de Zittoun e colaboradores, existindo compatibilidade no que diz respeito envolver um processo com uma partida e um retorno dentro de uma sequência de acontecimentos em um evento. A qualidade atribuída ao ciclo como dinâmico, também vem de bases conceituais do mesmo dicionário que define como: dinâmico é aquilo que admite movimento, mudança. Sendo assim, respeita o aspecto processual e desenvolvimental implicados na sequência de deslocamentos realizados durante o que a teoria, em sua língua original, chamada de *loop*.

Para ilustrar e melhor compreender essa “viagem” proposta pelo ciclo dinâmico criado durante o ato de imaginar, e como isso pode expandir uma experiência, as autoras (GFELLER; ZITTOUN, 2020, p.3) trazem os seguintes exemplos: “alguém cansado após um dia estressante pode relaxar assistindo a um filme, que desencadeia algumas memórias da infância, o que pode tanto diverti-la como dar suas ideias para as férias (p.3)”. Percebemos que o sujeito se desacopla da realidade para deslocar-se para uma situação do passado e a partir disso prospecta sobre suas férias; quando voltar para o aqui-agora, será capaz de começar a planejar essa viagem, expandindo sua experiência atual.

Zittoun e Gillespie (2016) defendem que a imaginação não acontece separada de outros processos mentais, pelo contrário, imaginar envolve antecipar, lembrar, sonhar, explorar realidades distintas, sejam elas reais ou ficcionais. Ainda conforme esses autores, a dinâmica presente no ciclo dinâmico envolve três elementos: os gatilhos, recursos e desfechos, que são acionados seguindo essa sequência temporal.

Para melhor compreensão da definição de tais elementos, propomos o seguinte exemplo de ciclo dinâmico imaginativo: Após a vacinação contra a COVID-19, um idoso pode experimentar o tédio por longos dias em casa e em uma tarde ainda seguindo o isolamento pode

começar a se imaginar fazendo uma viagem quando a situação da pandemia melhorar e assim planejar o roteiro com base em uma viagem já realizada, e então começar a economizar mensalmente para ter condições de realizar tal viagem.

Nesse exemplo, o tédio sentido é um **gatilho** para que a pessoa se distancie da experiência real do aqui-e-agora. Zittoun e Gillespie (2016) destacam que além de sentimentos como o tédio, também podemos ter outras emoções como medo intenso, além de outras situações que envolvam mudanças em uma rotina de trabalho, endereço e ainda situações como engravidar ou receio de passar por situações de violência e dor; além disso existem situações sociais que também promovem o desacoplamento do aqui-e-agora como: assistir a filmes, ler livros, ver fotos e fazer meditação.

Voltando ao exemplo do idoso após a vacinação, ao imaginar o roteiro da viagem a pessoa utiliza como **recurso** seu conhecimento e memórias de uma viagem já realizada. Zittoun e Gillespie (2016) definem que recursos são aquilo que nutrem o ciclo dinâmico, podendo ser tanto vivências prévias e memórias pessoais; bem como também recursos simbólicos e representações sociais como valores, normas e ideias compartilhadas; relações interpessoais. Recursos também podem restringir o ciclo dinâmico imaginativo. No exemplo acima, durante o período de isolamento mais rígido no início da pandemia, poderia não ser uma realidade possível de imaginar antes da vacinação, a realização de uma viagem em segurança, então conforme apontado por Zittoun e Gillespie (2016) o contexto sociocultural e a época em que a pessoa está podem limitar o imaginado.

Por fim, os **desfechos** são compreendidos como as mudanças que acontecem em decorrência do ciclo dinâmico, tais mudanças podem ser desde uma simples mudança no humor, até mudanças interpessoais ou na relação com o mundo e sociedade (Zittoun; Gillespie, 2016). No nosso exemplo, o desfecho foi passar a economizar para realizar a viagem no futuro.

É função da imaginação promover a expansão da experiência humana e incluindo tanto a experiência de lembrar, através da memória e seu papel reconstrutivo, como também através do planejar, pois, ao se imaginar, se procura construir ou alargar esferas de experiência que não se encontram no aqui e agora, sendo necessário o movimento de distanciar no tempo e do espaço (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016). São apresentadas a seguir as esferas de experiência que podem ser proximais ou distais.

2.3.1 Esferas de experiências proximais e distais

Zittoun (2020) compreende a imaginação como um processo dinâmico que nos permite mover através de esferas de experiência. Estas esferas de experiência são descritas por Zittoun e Gillespie (2016) como vivências subjetivas de realidades diversas, são formas mais ou menos estabilizadas de experiências nas quais a pessoa se envolve, pois abrangem condutas, modos de fazer e se relacionar com os outros, certos interesses, aspectos identitários, emoções, qualidades profissionais e comportamentais dentro de um determinado contexto.

Para melhor compreensão, podemos citar esferas de experiências relacionadas ao lazer, ao trabalho, ou mesmo a jantares em família, e destacar ainda que ao longo do dia uma pessoa pode transitar por diversas esferas de experiências, por exemplo: alguém que trabalha de casa e à noite terá um jantar com a família, ao final da tarde começa a imaginar que irá trocar de roupa, tirar os materiais de trabalho da mesa e colocar a louça de jantar para receber seus familiares, ela está ao longo do dia modificando a esfera de experiência que vivencia no momento.

Dentre as esferas de experiências, temos uma que recebe o nome de Realidade Primordial, esta é a esfera de experiência particularmente importante, pois a nossa sobrevivência depende disso e sempre voltamos a ela (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016). Por isso também é chamada de “província suprema do significado” (GFELLER; ZITTOUN, 2020). Pode ser entendida como a esfera de experiência em que o meio material e social é relevante, onde acontece o desdobramento do tempo físico, ou seja, o aqui-e-agora na vida da pessoa (GFELLER; ZITTOUN, 2020).

Sendo assim, a Realidade Primordial é o nome da esfera de experiência que engloba o que eu vivencio no momento, no exemplo da pessoa que trabalha em casa, quando ao finalizar a sua imaginação sobre o jantar que irá acontecer mais tarde, ela retorna para a realização de sua tarefa de trabalho, ela está retornando para a realidade primordial, ou seja, o aqui-e-agora da atividade que ela desempenha no presente.

Durante o ciclo dinâmico imaginativo, transitamos entre diferentes dessas esferas e Zittoun e Gillespie (2016) definem duas modalidades de esferas de experiência: as proximais e as distais. As esferas de experiência proximais dizem respeito ao que acontecem aqui e agora de sua localização incorporada, e podem ser materialmente apoiadas e principalmente reconhecidas socialmente (como cozinhar na cozinha), a realidade primordial é, portanto, uma esfera de experiência proximal. Já as esferas de experiências distais, são as em que a

pessoa está experimentando algo parcial ou totalmente separado da experiência corporificada e material do aqui e agora, como sonhar (ZITTOUN, 2020).

Zittoun e Gillespie (2016) apontam que as esferas de experiência podem sofrer alterações ao longo da vida, uma esfera de experiência proximal pode se tornar uma esfera de experiência distal, por exemplo, para um adulto jovem a esfera de experiência do trabalho é proximal, porém ao se aposentar essa esfera de experiência passa a ser distal, pois já não diz mais respeito a um padrão de engajamento que a pessoa mantém em sua rotina no aqui-e-agora, da mesma forma que uma esfera de experiência distal, como o planejar as férias, pode se tornar uma esfera de experiência proximal quando chegar o momento da viagem.

A vivência de mudanças e rupturas ao longo da vida podem demandar que os sujeitos realizem reconfigurações das suas esferas de experiência, podendo estas desaparecerem, ou seja, deixarem de ser um padrão de envolvimento daquele sujeito, ou ainda a criação de novas ou adaptação de esferas de experiência já existentes, de forma a manter um senso de continuidade e integridade (ZITTOUN, 2020). Podemos citar como exemplo alguém que trabalha como cozinheiro profissionalmente e ao se aposentar passa a cozinhar para a família em datas comemorativas.

Zittoun, Grossen e Salamin (2021) apontam que as pessoas constroem experiências significativas através da exploração de esferas distais, seja revisando experiências através da memória ou criando novas alternativas e futuros possíveis, reconhecendo ainda que essa exploração pode ser apoiada em artefatos culturais como recursos simbólicos. Podemos citar como exemplo o ciclo dinâmico realizado pelos participantes do projeto “O Recife que Eu Vi” quando revisitando álbum de fotos, assim como uma das idosas retratadas no artigo de Zittoun, Grossen e Salamin (2021), eles utilizavam imagens para explorar esferas passadas e distais de experiência, as trazendo novamente para o aqui-e-agora e integrando um senso de continuidade de sua vida e trajetória.

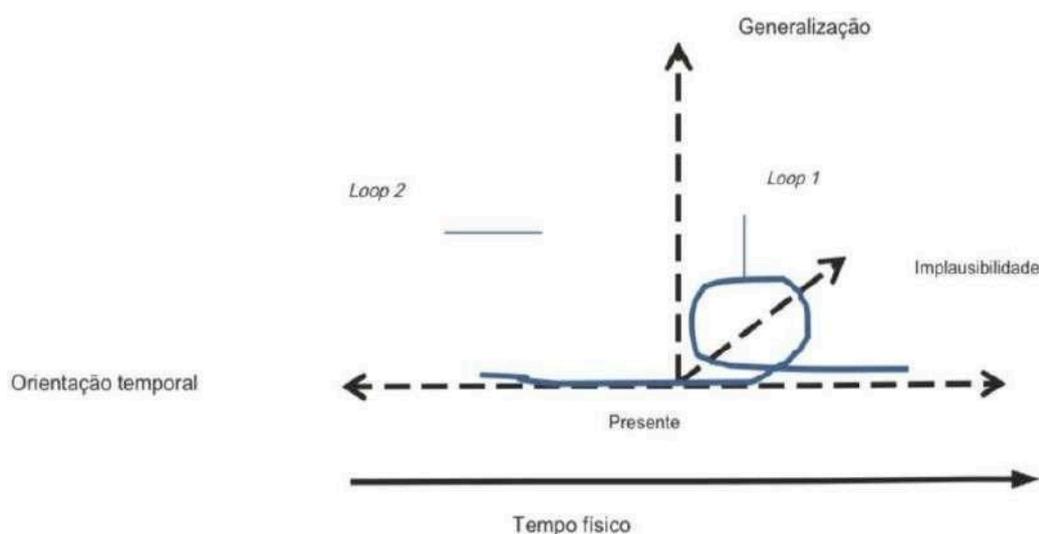
Destacamos assim que na perspectiva sociocultural, a imaginação não é oposta à realidade, pelo contrário, é profundamente conectada à realidade, e pode provocar transformações dentro da situação aqui e agora. Portanto, a imaginação não é uma atividade mental desconectada dos outros e do meio, pois é o contexto sociocultural que nutre, provoca, orienta e restringe o *loop* para a expansão da experiência (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016). O *loop* ainda é dotado de dimensões que o orientam, como veremos a seguir na explicação sobre o modelo quadridimensional e como analisá-lo.

2.3.2 Modelo quadridimensional de análise do ciclo dinâmico imaginativo

Inicialmente, Zittoun e Gillespie (2016) propõem um modelo tridimensional de análise do ciclo dinâmico imaginativo, no qual existem três dimensões da sua dinâmica que são analisadas: a temporalidade, a generalidade e a implausibilidade. O ciclo dinâmico possui uma orientação temporal, ou seja, vai representar o tempo passado ou futuro para se distanciar do presente; seu grau de generalização, percebido pelo movimento que pode se dar em função de imaginar algo mais específico ou mais genérico dentro do contexto investigado; e, por fim, existe o grau de plausibilidade, dimensão na qual se analisa se o imaginado seria possível ou não dentro do contexto sociocultural e ambiente, podendo variar entre se o imaginado é plausível ou implausível (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016).

Essas dimensões, por fim, se cruzam no retorno ao presente, na situação do aqui e agora real (GFELLER; ZITTOUN, 2020). O processo imaginativo, considerando o modelo tridimensional pode ser visualizado conforme essa figura:

Figura 1 - Ciclo dinâmico imaginativo e as três dimensões



FONTE: Zittoun e Gillespie (2016)

Utilizando o exemplo citado acima para explicar gatilhos, recursos e desfechos (ver página 30) podemos analisar que durante o ciclo dinâmico do exemplo houve uma orientação temporal tanto para o passado quando o sujeito se desloca para uma experiência passada para nutrir o ciclo dinâmico, quanto para o futuro ao passo que é uma projeção para uma viagem ainda a ser realizada.

Ainda sobre o mesmo exemplo, podemos analisar enquanto apresentando uma generalidade específica e plausível, por se tratar de uma realidade que a pessoa já experienciou e que pode ser possível de acontecer no momento em que o isolamento for flexibilizado.

Gfeller e Zittoun (2020) propõem uma reflexão acerca do papel do corpo nos processos imaginativos e como há uma lacuna em estudos sobre isso, embora esse papel do corpo seja muitas vezes negligenciado em estudos sobre imaginação de adultos, mesmo diante da concepção de que a imaginação nas crianças está presente em brincadeiras que envolvem o corpo, existem estudos que demonstram que pessoas podem ensaiar movimentos corporais de esportes na imaginação e que durante esse processo o cérebro funciona de maneira semelhante a quando o exercício está sendo realizado de fato fisicamente.

Para as autoras, a imaginação não acontece apenas enquanto uma atividade experimentada apenas de forma interna e mental, desconectada assim dos outros e do meio em que acontece, mas sim que o corpo nunca está totalmente desvinculado desse processo, ou seja, não há uma divisão precisa entre o processo imaginativo acontecendo em um pensamento abstrato que não pode ser observado diretamente, de processos imaginativos que acontecem através da exploração de atividades incorporadas.

Diante disso, há a proposição de uma quarta dimensão a ser analisada a fim de possibilitar que sejam feitas distinções entre uma dinâmica imaginativa em que se imagina mais através de movimentos corporais (atividade corporificada) e casos em que a imaginação acontece de forma mais “psicológica”, mas considerando que mesmo nessa forma de imaginação há ainda a presença da corporificação mesmo que esta não seja visivelmente percebida, pois a imaginação sempre envolve alguém fazendo/vivendo algo (GFELLER; ZITTOUN, 2020).

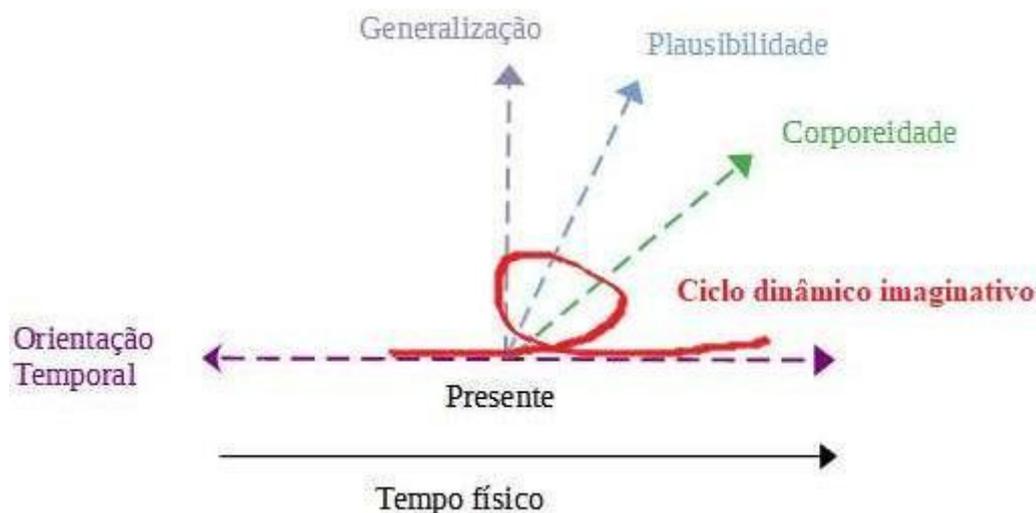
Diante do exposto, as autoras propõem a expansão do modelo tridimensional de ciclo dinâmico para um modelo quadridimensional, pois a corporeidade pode ser observada é responsável pela variação em ciclos dinâmicos imaginativos juntamente com a temporalidade, generalidade e plausibilidade, visto que a corporeidade também é utilizada para direcionar o loop para outras esferas de experiência que não a da realidade do aqui-e-agora, o que indica que acontece um loop (GFELLER; ZITTOUN, 2020).

Para melhor compreensão de um exemplo em que a corporeidade está presente, podemos tomar como base a seguinte situação: Uma pessoa após completar o esquema vacinal proposto para sua faixa etária começa a planejar ir para sua casa de praia, vai até o guarda-roupas e começa selecionar as peças que irá levar e experimentá-las, fazendo poses na frente do espelho. Podemos então expressar o modelo quadridimensional presente nesse

exemplo

conforme o gráfico a seguir, que se trata de uma adaptação do gráfico proposto em Zittoun e Gillespie (2016) com base no modelo teórico proposto em Gfeller e Zittoun (2020) apresentado pelas autoras:

Figura 2 - Ciclo dinâmico imaginativo e as quatro dimensões



FONTE: Adaptado de Zittoun e Gillespie (2016).

Essa adaptação foi construída com base no proposto por Gfeller e Zittoun (2020), que não trazem um modelo desenhado, mas afirmam:

“Portanto, ao que parece, uma dimensão que identifica a natureza mais ou menos incorporada da imaginação é ortogonal às outras modalidades, portanto, pode-se dizer que é a quarta dimensão responsável pela variação em loops de imaginação. Como é possível seguir em frente qualquer uma das três dimensões do modelo, também é possível seguir de uma forma mais ou menos incorporada (GFELLER; ZITTOUN, 2020, p.14 - tradução nossa)”.

Dentro do exemplo proposto anteriormente, essa é uma imaginação com orientação temporal direcionada ao futuro, apresentando uma generalidade específica, por se tratar de algo que próprio de sua vivência, tem uma plausibilidade possível dentro do contexto de flexibilização do isolamento após vacinação e envolve uma corporeidade expressa através da movimentação dessa pessoa durante a prova de roupas, por exemplo.

2.4 Imaginação e movimento: mobilidade simbólica e geográfica

Zittoun (2020) considera ainda outro aspecto importante a ser analisado a partir da sua definição da dinâmica imaginativa: considerando que a imaginação é justamente o movimentar-se através de esferas de experiências distintas, sendo experimentada tanto de uma forma pessoal e “na mente”, como também compartilhada e corporificada, podendo ser apoiada ou restringida pelo ambiente sociocultural em que se está inserido, a autora desenvolve e propõe a análise da imaginação presente nos contextos de mobilidade.

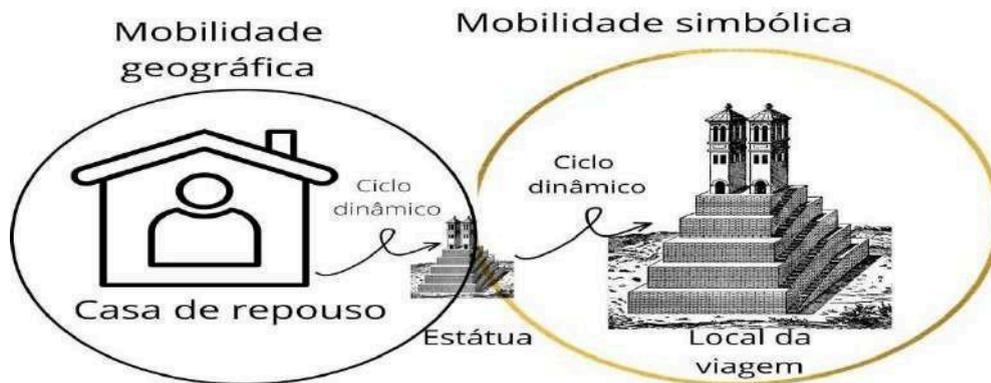
A mobilidade é definida por Zittoun (2020) como o movimento de sujeitos em áreas geográficas, no meio sociomaterial. Sem delimitar a amplitude do movimento, ela distingue dois tipos de mobilidade: a mobilidade geográfica e a mobilidade simbólica.

A mobilidade geográfica acontece através dos movimentos dentro do contexto espaço-temporal dos ambientes, sendo o movimento das pessoas em espaços sociais e materiais através do tempo em sua vida. Já a mobilidade simbólica é o deslocamento que as pessoas fazem através da imaginação, é o movimentar-se psicologicamente através das esferas de experiência, através de um tempo que, durante o ciclo dinâmico, pode ser dirigido para frente (futuro) e para trás (passado), possibilitando a expansão ou orientação da mobilidade geográfica (ZITTOUN, 2020).

“Esses dois movimentos são provavelmente inter-relacionados: como uma pessoa se move através do espaço, é provável que ela seja apresentada a novas situações, mudar visões de seu passado e possíveis futuros, reais ou imaginários; inversamente, a Imaginação das pessoas pode fazer com que se movam ou permaneçam imóveis. eventualmente, como as pessoas imaginam que pode mudar conforme as pessoas se movem (ZITTOUN, 2020 - tradução nossa)”.

Um exemplo para que possamos visualizar ambas as mobilidades é apresentada pela autora (ZITTOUN, 2020) quando, ao falar sobre mobilidade geográfica mínima, ou seja, quando a mobilidade geográfica precisa ser reduzida por alguma situação material, em um de seus exemplos, a passagem para uma casa de repouso, uma das suas participantes, mesmo diante da impossibilidade de realizar viagens no momento, utiliza-se de um recurso simbólico (uma estátua) para realizar a mobilidade simbólica para o local onde comprou essa estátua, direcionando essa mobilidade simbólica para o passado e também para o futuro: ela se imagina saindo da casa de repouso e viajando para aquele lugar mais uma vez no futuro.

Figura 3 - Mobilidade geográfica mínima e mobilidade simbólica



FONTE: A autora (2022).

A partir dos estudos mais recentes dentro do modelo de ciclo dinâmico imaginativo, se concebe a imaginação como processo que possibilita criar ou explorar as mais diversas esferas de experiências através do movimento neste ciclo. Isso possibilita a análise da imaginação através de atividades corporificadas e em movimento, considerando o ambiente material, social e temporal, mostrando que, ao longo do tempo, as pessoas podem se desenvolver e se engajar em diferentes trajetórias de imaginação, através das suas mobilidades geográficas e simbólicas, de forma a transformar seu próprio modo de imaginar e estar no mundo (ZITTOUN, 2020).

Zittoun (2020) já aponta o caminho para a relevância de pesquisas que investiguem como a imaginação e a mobilidade se influenciam mutuamente, ou seja, como a imaginação pode estar relacionada à restrição ou expansão da mobilidade geográfica das pessoas e ainda como a mobilidade simbólica permite que em situações onde não é possível realizar a mobilidade geográfica as pessoas possam “viajar em suas mentes, expandir seus conhecimentos e sua experiência” (ZITTOUN, 2020, p.2)

O presente trabalho emerge diante de uma situação de crise global onde a mobilidade geográfica das pessoas foi restringida por longos períodos diante da ameaça de contágio no cenário de uma pandemia, buscamos então para além de identificar e analisar as dimensões analíticas propostas por Zittoun e colaboradores sobre os ciclos dinâmicos imaginativos realizados por uma pessoa idosa durante a vivência da pandemia e em uma prospecção sobre o futuro, investigar e compreender também a trajetória da imaginação em relação à mobilidade geográfica e simbólica no contexto de transformações ao longo da pandemia da COVID-19.

3 Objetivos

3.1 Objetivo Geral

- Investigar como se desenvolvem os processos imaginativos de uma pessoa idosa sobre a vida durante a vivência da pandemia da COVID-19.

3.2 Objetivos Específicos

1. Analisar como a idosa se imagina no futuro considerando o seu presente e a seu passado, a fim de identificar quais as atividades planejadas por ela se transformam e se mantêm;
2. Identificar se houve e como se deu a criação e/ou expansão de esferas de experiência proximais e distais referentes à vivência da pandemia;
3. Caracterizar a dinâmica imaginativa (ciclo dinâmico imaginativo, temporalidade, plausibilidade, generalidade e corporeidade) de uma pessoa idosa sobre a vida após a COVID-19
4. Compreender a mobilidade simbólica e ilustrar através de um mapa cartográfico a mobilidade geográfica da participante durante a pandemia a partir de seus processos imaginativos;
5. Conhecer aspectos protetivos desenvolvidos pela idosa para vivenciar a pandemia.

4 Método

Em alinhamento teórico-metodológico e com os objetivos, este estudo se desenvolve a partir de uma metodologia que busca compreender contextos singulares, de forma a possibilitar a generalização de forma sistêmica, idiográfica e qualitativa (VALSINER, 2007).

A escolha pelo método idiográfico se justifica por sua concordância com as concepções e interesses de investigação presentes no estudo. O método idiográfico tem como princípios a noção de realidade em mutação, que é construída pelos próprios sujeitos investigados e descrita em função da singularidade, particularidade, individualização, considerando a pessoa como um ser que não se repete, mas se molda e modifica o contexto em relação com outras pessoas que também são importantes e únicas (RONDEL, 2003).

Nesta investigação, há ainda a particularidade da defesa do estudo microgenético, viável no estudo de caso. Tal como mencionam Silva, Moutinho e Garvey (em elaboração): "a imaginação apresenta-se como um processo contínuo que carrega em cada momento que imaginamos nossas histórias relacionais de significação, sejam estes símbolos linguísticos e/ou icônicos, do passado revisitado ou de um possível futuro". Continuam as autoras: "A partir de uma abordagem microgenética, a minúcia de cada momento reflete a história relacional do sujeito ao mesmo tempo em que cada momento tem o potencial de provocar uma transformação reorganizadora dessa história relacional, direcionando o sujeito para um caminho não previamente antecipado". Entende-se que, na busca por esta "minúcia de cada momento", a defesa da investigação microgenética no estudo de caso são oportunos para pesquisar a dinâmica da imaginação.

Diante do exposto e considerando a abordagem teórica sociocultural e microgenética tanto da imaginação quanto do envelhecimento, o estudo de um caso único atende ao caminho metodológico proposto a fim de proporcionar uma compreensão sobre o processo de imaginação enquanto ciclo dinâmico dentro da experiência singular de vivenciar a pandemia e prospectar sobre a vida pessoal e em sociedade.

4.1 Participante

Participou deste estudo uma idosa de 73 anos que fez parte do projeto O Recife que Eu Vi, desenvolvido através do Edital Propesq no. 06/2020 - edital emergencial de credenciamento e fomento de projetos, visando ações para diagnóstico e prevenção da Covid-19. O projeto se caracterizou pela concessão, por parte das pessoas idosas, de: 1) fotografias pessoais, eleitas por elas como afetivamente especiais na cidade do Recife, em tempo remoto, e de 2) uma

narração desta foto para composição de um vídeo disponibilizado no perfil do Instagram intitulado O Recife que Eu Vi.

4.1.1 Critérios de exclusão

Para o projeto “O Recife que Eu Vi”, os participantes foram definidos por conveniência e através da rede de contatos da pesquisadora e orientadora do atual estudo. Sendo assim, por questões éticas e situacionais, não foram convidados para esta pesquisa aqueles que: Tinham uma relação familiar ou de proximidade com a orientadora; a pessoa idosa que estivesse hospitalizada ou realizando tratamento em hospital; aqueles que tinham alguma comorbidade psicológica que a impedisse de colaborar com a pesquisa, tais como quadros de depressão ou transtorno de ansiedade; e, por fim, aquela que não tenha participado da etapa desenvolvida para a produção do livro do projeto, pois foi o momento inicial de contato da pesquisadora principal do presente estudo com os participantes do projeto.

Das 30 pessoas idosas que participaram do projeto, dezessete têm algum vínculo próximo com a orientadora desse estudo e um deles não aceitou participar do processo de publicação do livro, ficaram então doze possíveis participantes para análise dos critérios de inclusão.

4.1.2 Critérios de inclusão

Para garantir a autonomia de gestão de tempo, privacidade, disponibilidade e contato direto com o participante destacamos enquanto critérios para a inclusão nesta pesquisa: a necessidade de que o sujeito tivesse seu próprio aparelho celular ou computador com acesso a internet; possuísse habilidades para utilizar as plataformas digitais do *WhatsApp*, para troca de mensagens e envio de material produzido, e ainda para realizar *download* do *Google Meet* para realizar as videoconferências; e, por fim, autorizaram a gravação da videoconferência.

Dos doze participantes que não possuíam características dos critérios de exclusão, apenas cinco se adequaram aos critérios de inclusão. Foi realizado contato com essas cinco pessoas e, destas idosas, duas aceitaram participar após contato e explicação sobre a pesquisa.

Por fim, a coleta de dados foi realizada com as duas idosas, porém para essa dissertação se realizou a escolha por apresentar apenas uma das participantes considerando qualidade da proposta metodológica e analítica, essa escolha se deu de forma aleatória e a participante será apresentada a seguir.

4.1.3 Libélula

Para preservar sua identidade foi atribuído o codinome criado pela pesquisadora a partir das fotografias que ela escolheu para compor o seu álbum neste trabalho. Entende-se que esta produção icônica é um elemento que diz a sua singularidade e, durante a análise, estava presente indicando a visão dela sobre o que esperava para o futuro.

A participante identificada como Libélula, tem 73 anos, quatro filhos, sendo um do gênero masculino e três do gênero feminino. Libélula é separada, mora sozinha, mas uma de suas filhas tem uma casa no mesmo terreno na qual moram ela e sua companheira, além da neta da participante. Libélula tem graduação e pós-graduação em Biblioteconomia e hoje é aposentada. Passa a maior parte do tempo cuidando da sua horta e da sua casa, gosta de cozinhar e também de jogar baralho virtualmente no celular. Além disso, ela se percebe como sendo ativa nas redes sociais (*WhatsApp, Instagram e Facebook*). Se considera uma militante política, é de esquerda, canhota e torce para o Santa Cruz. Não se considera uma pessoa religiosa ou tem uma religião, mas costuma fazer orações antes de dormir e acredita que Deus está presente na natureza e entre nós. No momento das entrevistas, Libélula já havia tomado a primeira e a segunda dose da vacina e estava esperando para tomar a primeira dose de reforço, única disponível naquela época.

Os deslocamentos reais e simbólicos de Libélula ao longo do presente trabalho se deram na região metropolitana de Recife e para resguardar a privacidade e a identificação da participante tiveram os nomes resumidos a primeira letra dos municípios.

4.2 Material

Os materiais utilizados para esse estudo foram: um celular para realizar o primeiro contato através de ligação telefônica para explicação e solicitação de participação da pesquisa, um computador com acesso à internet para realização das videoconferências que ocorreram através da plataforma do Google Meet, através de um link compartilhado com as participantes através do WhatsApp.

Foi utilizado um questionário sociodemográfico (Apêndice B) desenvolvido para o projeto “O Recife que Eu Vi” (Apêndice A) e roteiros (Apêndice C) para as entrevistas semiestruturadas que serão descritas a seguir na seção de procedimentos.

Para promover a coleta de dados icônicos foi proposta a produção de uma ferramenta intitulada: “Álbum: Era uma vez a vida com a pandemia” (Apêndice D). Diante do contexto da COVID-19 e como forma de minimizar risco de contaminação ao entregar algum material,

foi proposto o envio de imagens via *Whatsapp* sobre a imaginação de momentos relacionados à experiência da pandemia e sobre o futuro.

4.3 Procedimentos

4.3.1 Aspectos éticos

O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE, obtendo parecer positivo para sua realização através do CAAE: 33719220.6.0000.5208. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice C) em versão eletrônica foi enviado por *WhatsApp* para as participantes através de um formulário elaborado no *Google Forms*, para coleta de anuência delas.

Em respeito ao isolamento e distanciamento social necessários para evitar o contágio e propagação da COVID-19, todas as etapas dessa pesquisa foram realizadas de forma remota através de ligações telefônicas e de videoconferências. Diante disso, por sua realização em âmbito domiciliar das envolvidas, tanto a participante quanto a pesquisadora, existia a possibilidade de quebra de sigilo e confidencialidade. Como forma de minimizar tal risco, foi sugerido que fossem utilizadoa fones e que, durante a realização dos encontros, estivessem em um local reservado.

Dentre os riscos, destacamos que as participantes poderiam se sentir desconfortáveis ou constrangidas diante de perguntas referentes a sua história de vida e experiências referentes à pandemia, sendo explicitado para elas que caso isso ocorresse elas não precisavam continuar a responder sobre aquele assunto. E caso emergissem demandas emocionais, a pesquisadora responsável tinha habilidades para oferecer apoio psicológico na modalidade de escuta e acolhimento durante os encontros e, caso necessário, realizar encaminhamento para um serviço psicológico.

As participantes se beneficiaram indiretamente, pois essa pesquisa tinha dupla função de ao mesmo tempo em que coletava informações, proporcionava um momento e espaço para a construção de significados sobre as vivências e futuro a partir da pandemia, reconhecendo o aspecto terapêutico presente nesse processo, mesmo esse não sendo o objetivo direto da pesquisa. Enquanto benefícios para a comunidade, destacamos a construção de informações que podem ser utilizadas como subsídios para a construção de ferramentas e intervenções junto às pessoas idosas de forma a valorizar seu papel ativo na construção de sua história e de políticas públicas voltadas para si.

4.3.2 Etapas da construção de dados

O primeiro momento para construção de dados se deu através do contato telefônico

com as potenciais participantes, quando elas foram convidadas e foi realizada a explicação sobre o projeto O Recife que Eu Vi e como se dariam os encontros e sua duração estimada.

Das cinco participantes contactadas através de mensagens no WhatsApp e ligações telefônicas, duas deram anuência através do TCLE para iniciarmos os encontros remotos. Estes encontros estavam programados para acontecerem uma vez na semana, porém houve necessidades de remarcação diante da rotina das participantes, aconteceram ao longo de outubro de 2021 e foram organizados nas seguintes etapas, todas por meio de videoconferência: 1ª etapa: Foi realizada a primeira videoconferência em 1 de outubro de 2021. Teve

como intuito estabelecer o rapport e a primeira entrevista (roteiro de entrevista 1), que tinha por objetivo de conhecer a participante, suas experiências de vida e participação no projeto “O Recife que Eu Vi”. Ao final, foi aplicado verbalmente o questionário sociodemográfico. As perguntas realizadas nesse dia eram direcionadas à narrativa de sua própria vida, autopercepção e contexto social, com o intuito de conhecer o universo semiótico da participante, seus campos de experiência.

2ª etapa: Esse encontro aconteceu em 15 de outubro de 2021 e nele foi investigado sobre a rotina da participante antes e durante a pandemia, com o intuito de conhecer a mobilidade geográfica do participante ao longo da sua vida e da pandemia, bem como as esferas de experiência proximais e distais que fazem parte da sua rotina e será guiado pelo roteiro de entrevista 2. Ao final desse encontro, foi apresentada a proposta da construção do “Álbum: Era uma vez a vida com a pandemia”, onde a participante foi convidada a imaginar como foi e como será sua vida através da experiência de vivenciar a pandemia, a partir de duas perguntas disparadoras: “Como você se imagina no presente e no futuro diante da pandemia?”. Foi dada a instrução de que ela poderia utilizar fotos, recortes de revistas, jornais e buscas na internet, além de escrita ou desenhos, ressaltando que ela poderia usar ainda qualquer objeto que possuísse em casa, desde que enviasse uma fotografia dele para registro de sua construção imagética sobre como imaginam o seu presente e o seu futuro enviando esse material antes do próximo encontro.

3ª etapa: Aconteceu no dia 29 de outubro de 2021. Nesse encontro final, o objetivo era que a participante pudesse elaborar sobre os sentidos criados e atribuídos às suas produções imagéticas e textuais, foi utilizada uma apresentação de slides da ferramenta “Álbum: Era uma vez a vida com a pandemia” (Apêndice D), além do roteiro de entrevista 3 para guiar as perguntas a fim de que a idosa pudesse explicar cada elemento da sua produção e a história que queria contar através dessa imagem, bem como sobre o processo criativo e imaginativo por trás da escolha desses elementos. Foi um espaço para fechamento e um

feedback sobre a participação na pesquisa.

Cada uma das videoconferências teve duração média de uma hora e aconteceram em outubro, mas foram necessárias algumas remarcações durante esse intervalo de encontros em função de atividades e questões pessoais da participante, tendo duração de 4 semanas entre a primeira entrevista e a última com intervalo de 7 a 10 dias entre elas.

A fim de facilitar a visualização das etapas, bem como seus objetivos, segue uma figura explicativa:

Figura 4 - Etapas Da Construção De Dados



FONTE: A autora (2022).

5 Resultados e Análise

Tal como justificado anteriormente a dinâmica imaginativa de Libélula será analisada conforme o modelo quadridimensional de ciclo dinâmico imaginativo (GFELLER; ZITTOUN, 2020) e buscaremos identificar ainda as categorias de mobilidade descritas por Zittoun (2020). A análise será dividida em três etapas: 1ª- Análise da primeira e segunda entrevista, com o intuito de identificar as esferas de experiência presentes nos ciclos dinâmicos imaginativos e compreender se houve e a qualidade da expansão da experiência vivida pela participante durante a investigação; 2ª - Análise da produção material e entrevista relacionada, a fim de identificar ciclos dinâmicos imaginativos referentes à vivência a partir da pandemia, identificando as dimensões analíticas presentes nesse processo (ver quadro 2

indicado a seguir); 3ª - Analisar e criar representação gráfica através de um mapa que possa representar a mobilidade da participante antes, durante e como imaginam no depois da pandemia.

Como forma de organizar tal análise, ela será apresentada em três tópicos: o primeiro direcionado a identificar as esferas de experiência e expansões de experiência com a chegada da pandemia (tópico 5.1.1); o segundo para analisar as dimensões analíticas propostas no modelo quadrimensional do ciclo dinâmico imaginativo, a saber: Temporalidade, Plausibilidade, Generalidade e Corporeidade (tópico 5.1.2 e tópico 5.5.2); e por fim, no terceiro tópico podemos observar como a participante teve a sua mobilidade impactada pela pandemia, bem como suas perspectivas para um período posterior através da mobilidade simbólica.

Ao longo do dia e da vida as pessoas realizam diferentes ciclos dinâmicos entre diversas esferas de experiência (GFELLER; ZITTOUN, 2020). No presente trabalho, serão apresentados aqueles que estão relacionados ao processo imaginativo e vivencial da participante sobre a pandemia. Libélula realizou 18 ciclos dinâmicos (conforme definido no quadro a seguir) ao longo dos encontros que ocorreram entre 1 de outubro e 29 de outubro de 2021, momento em que ela já havia tomado duas doses da vacina e aguardava pela de reforço, nesse momento havia sido flexibilizado atividades sociais, ainda com a obrigatoriedade do uso de máscaras.

Por tratar de muitos conceitos que estão interligados, segue um quadro síntese para consulta dos principais termos analíticos definidos conforme Zittoun (2020), Gfeller e Zittoun (2020) e Zittoun e Gillespie (2016) e estarão presentes nessa exposição, a fim de facilitar sua recuperação.

Quadro 1 - Síntese de Termos Analíticos

Conceito	Descrição teórica
Ciclo dinâmico imaginativo	Ocorre quando há o deslocamento simbólico, um desacoplar da experiência do aqui- e- agora para esferas de experiência distal, possibilitando a expansão da experiência com base em aprendizados do passado ou desejos para o futuro (ZITTOUN, 2020).
Esfera de experiência	São vivências subjetivas de realidades diversas, são formas mais ou menos estabilizadas de experiências nas quais a pessoa se envolve. Existem esferas de experiência proximais, que são aquelas presentes no social e material do aqui-e- agora, enquanto outras são distais pois demandam o deslocamento da realidade do presente (ZITTOUN, 2020).
Temporalidade	Orientação temporal na qual acontece o deslocamento durante o ciclo dinâmico, ou seja, se o deslocamento se dá para uma esfera de experiência distal (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016).
Generalidade	Se dá em função de imaginar algo mais específico ou mais genérico, ou seja, mais concreto ou abstrato na realidade do sujeito (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016).
Plausibilidade	Se o conteúdo imaginado seria possível ou não de acontecer dentro do contexto sociocultural e ambiente no qual aquela pessoa está inserida, ou seja o grau em que é uma imaginação plausível ou implausível (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016).

Corporeidade	O ciclo dinâmico imaginativo pode envolver mais ou menos a expressão incorporada da imaginação acontecendo com a manifestação da imaginação através do corpo (GFELLER; ZITTOUN, 2020).
Mobilidade geográfica	O movimento das pessoas em espaços sociais e materiais através do tempo, o deslocamento em áreas geográficas (ZITTOUN, 2020).
Mobilidade simbólica	O movimento que indivíduos podem fazer através da imaginação, o deslocamento através de esferas distais de experiências, ciclos dinâmicos para frente e para trás (ZITTOUN, 2020).

FONTE: A autora (2022).

Figura 5 - Significado de Libélula



"Interessante também é a simbologia que recobre a figura da libélula. Seus significados variam em cada cultura e estão atrelados, principalmente, à **renovação, à força positiva e ao poder da vida** em geral. Para os nativos americanos, por exemplo, ela é o símbolo das almas abandonadas; os vietnamitas acreditavam que o voo das libélulas estaria associado à previsão de chuva; no Japão, que também é chamado de “Ilha da Libélula” (Akitsu-shima), esse inseto é um símbolo imperial que **reflete coragem, força e felicidade**; já, segundo a cultura milenar chinesa (Feng Shui), a presença da libélula na casa ou **nos jardins significa boa sorte**, sobretudo, na área do trabalho e dos negócios, por isso, , recomenda que as pessoas tenham um quadro ou algum pingente em forma de libélula"

(Aguilera & Silva, 2021, p. 3)

5.1.1 A chegada da pandemia: identificando esferas e expansões de experiência

O primeiro e o segundo encontro realizados por videochamada com Libélula tiveram cada um duração média de 1 hora. Neles foi estabelecido o rapport, realizada a primeira e segunda entrevista semiestruturada e aplicado verbalmente o questionário sociodemográfico. Tiveram como objetivos conhecer o contexto sociocultural, a dinâmica familiar, o universo semiótico da participante, suas esferas de experiência, seu cotidiano e rotina antes e durante a pandemia.

Nesse primeiro tópico da análise, iremos apresentar alguns fragmentos das entrevistas desenvolvidas junto à participante nos dois primeiros encontros. Destaca-se que foram selecionados os momentos em que se identificou que a participante estava realizando *loops* imaginativos, sendo esse o critério para seleção e análise: momentos em que se identificou que participante estava imaginando.

Para orientar a compreensão dos fragmentos que serão apresentados ao longo da dissertação, destacamos que estes são recortes das entrevistas que foram transcritas conforme o sistema de codificação proposto por Marcuschi (2008), aparecerão a seguir particularmente marcadores de gestos, comentários da analista e transcrição parcial¹.

O primeiro aspecto do universo semiótico de Libélula que iremos descrever e analisar, é o seu contexto sociocultural e dinâmica familiar; como foi explicitado, partimos da psicologia sociocultural na qual se concebe que a experiência humana é uma realidade subjetiva organizada e recriada dentro da cultura, sendo uma atividade semiótica que constitui a mente humana (VALSINER, 2012).

Fragmento 1

Brenda: “A senhora gosta de fazer o que no dia-a-dia?”

Libélula: "Gosto de horta, de cuidar dos gatos, de ver televisão, sendo filme. Não gosto de sair. Detesto sair e, agora, depois dessa pandemia, desse isolamento, **aí é que eu me isolei, porque não podia sair mesmo e me acostumei tanto a tá dentro de casa que**

¹ Para facilitar a leitura das transcrições das entrevistas utilizamos as convenções das transcrições (MARCUSCHI, 2008)

/.../ Transcrição parcial da fala

não gosto de sair mais. Agora eu fumo, eu bebo, eu como tudo que aparece na minha frente, tô com 74 anos, não devia fazer algumas coisas que faço, mas eu faço".

Brenda: "E quando a senhora faz essas atividades que a senhora falou que gosta, como beber, a senhora faz sozinha ou com amigos?".

Libélula: "**Antigamente eu tinha amigos, eu ia para bar, eu ia para restaurantes, hoje em dia, aí acabou essa história, ninguém vai mais, aí eu faço aqui em casa, tenho quatro filhos que vem aqui para casa, tenho um ex-marido que aí eu vou para casa dele**".

Nesse fragmento de fala destacamos em negrito o que identificamos como **o primeiro ciclo dinâmico imaginativo** de Libélula que iremos analisar, pois consideramos que neste ela transita da esferas de experiência proximal sobre como faz para beber hoje em dia, até as esferas de experiência distais sobre como era antes da pandemia, realidade que hoje para ela não é possível diante das mudanças comportamentais que a pandemia impõe. Como sinalizado por Zittoun (2020), ao longo da vida das pessoas algumas esferas de experiência podem ser restringidas e desaparecer ou serem modificadas.

Observa-se que diante da ruptura que a pandemia impõe com a necessidade do isolamento social, ela fez uma expansão da experiência com a adaptação para continuar fazendo o que gosta, por exemplo: beber em casa, recebendo apenas os filhos e indo ao encontro com o ex-marido, a fim de desempenhar essa atividade de forma segura, sem se expor em bares ou restaurantes.

Com base nessa análise, destacamos a imaginação enquanto expansão da experiência e importante componente da experiência humana, que possibilita construir novas possibilidades diante de situações de ruptura (ZITTOUN; CERCHIA, 2013), bem como observar que a participante transita entre esferas de experiência proximais e distais, ou seja, entre formas de estabelecer relações atuais e passadas com os outros no que diz respeito ao seu lazer (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016).

Sobre a experiência do isolamento social, em um estudo realizado por Souza et al (2021) se destaca que, embora seja desagradável para as pessoas idosas se manterem longe dos amigos e atividades que gostam de desempenhar, elas tendem a compreender como importante e necessário manter o distanciamento social, podendo emergir sentimentos de cidadania, responsabilidade e compromisso. Em sua fala, Libélula nos mostra como ela vem

incorporando

em sua vida e rotina de forma responsável e comprometida com questões referentes à prevenção do contágio e disseminação da COVID-19: “Comigo é viva o SUS, viva a ciência, vamo tomar a vacina, vamo usar máscara, álcool em gel”.

Durante todo seu discurso Libélula demarca sua posição sociopolítica, apoiando medidas que são orientações da OMS e tecendo críticas sobre o governo brasileiro em sua atuação contra a pandemia. O processo imaginativo de Libélula pode ser considerado um ato político de conscientização sobre a importância do combate à pandemia e os impactos socioeconômicos dela, bem como uma denúncia das disparidades e formas de vivenciar a pandemia, como iremos observar ao longo de suas falas.

Diante do contexto social e rede de apoio que Libélula possui, durante a maior parte da pandemia ela não esteve sozinha, mesmo cumprindo o isolamento social, e isso se deu por ela morar no mesmo terreno que uma das filhas. Porém, nos primeiros dois meses de pandemia ela refere que experienciou rupturas e mudanças que exigiram criatividade e expansão da experiência para viver a chegada da pandemia.

Fragmento 2

Brenda: "Me fala sobre como tem passado pela pandemia?"

Libélula: "Em março do ano passado, 2020 começou, foi março de 2020, que eu vi que o negócio estourou mesmo, eu disse: “pronto, agora lascou”, aí peguei as trouxas e me mandei para praia sozinha, aí o que eu ia fazer lá? Sentar na cadeira e ficar vendo o tempo passar, num dava /.../² Mas eu não podia ir na casa de um vizinho porque ninguém queria, né? Todo mundo com medo, aí eu disse: “bom, eu tenho que usar das minhas armas /.../ Lá ((casa de praia)) tem uma piscina e comecei a fazer meu exercício, tava tomando sol, eu já tinha feito um curso, hidroterapia, aí eu aprendi tudo que a menina ensinou eu aprendi. /.../ Aí comecei a fazer, como é, meditação, aí tava numa boa. /.../ Ai quer saber eu desisti, mas isso aí ocupou os piores momentos da pandemia, aí em março/abril desse ano já ((2021)), chegou a vacina, no começo do ano, né, chegou a vacina eu tomei a primeira dose lá, já me senti mais tranquila, aí vim para cá [casa em C], já

² Para facilitar a leitura das transcrições das entrevistas utilizamos as convenções das transcrições (MARCUSCHI, 2008)

me senti mais segura, aí aqui tomei a segunda e to esperando por novembro para tomar o reforço”.

Percebemos mais uma vez, conforme apontado por Zittoun e Gillespie (2016), ao longo dessa fala o que entendemos ser o **segundo ciclo dinâmico imaginativo**, aqui destacado em negrito, a participante vai descrevendo seu envolvimento em esferas proximais e distais de forma alternada, ora recorrendo às atividades que desempenhou e se engajou durante o início da pandemia no ano de 2020 (esferas de experiência distais), ora se envolvendo na realidade mais próxima a que está acontecendo no momento, como ter tomado a segunda dose da vacina e estar esperando a terceira (esfera de experiência proximal).

Aqui destacamos que, dentre uma de suas adaptações a vivência do isolamento social, Libélula utilizou-se de experiências passadas, como o curso de hidroterapia e seus aprendizados para desenvolver atividades de exercício físico na piscina, percebemos que ela se deslocou do aqui-agora da vivência da pandemia em 2020, para momentos anteriores de forma a nutrir e expandir suas possibilidades com base em vivências passadas.

Dentre os tipos de recursos que nutrem o ciclo dinâmico imaginativo descrito por Zittoun e Gillespie (2016), o uso das experiências e da memória pessoal da participante estão nutrindo esse ciclo dinâmico. É interessante que a própria participante descreve que as atividades que desempenhou durante esse tempo foram frutos de “armas” próprias que ela possuía no momento.

Outro deslocamento que a participante faz é sobre a expectativa e espera pelo momento de tomar a terceira dose da vacina. Este sentimento de esperança, também é referido por idosos que participaram da pesquisa Souza et al (2021) na qual se atribui significado de esperança e indefinição sobre a retomada da normalidade com a possibilidade da cobertura vacinal, destacando que o acesso à vacina tem despertado uma expectativa positiva em relação às possibilidades da superação da pandemia.

Assumindo que a realidade e o contexto de ruptura tanto podem nutrir quanto restringir as possibilidades dos sujeitos, observamos no seguinte trecho aspectos de restrição que a pandemia impôs, e mais uma vez, a adaptação e expansão da experiência da participante.

Fragmento 3

Brenda: “E na sua casa, quais são as atividades que você gosta e faz hoje nesse contexto que a gente tá vivendo?”

Libélula: “Gosto de militar, eu milito muito, **até antes da pandemia eu não perdia um fora Bolsonaro, viva Lula, vivia nas ruas**, tenho camisa de todos os modelos, **sou bem engajada em movimentos políticos, protesto, foi protesto eu tô dentro, se você entrar no meu Face ou no meu Instagram o que mais tem é falar sobre política, gosto disso”.**

Nesse fragmento, observamos que a participante constrói uma de suas esferas de experiência mais importantes, seu engajamento político, e diante da impossibilidade de continuar essa militância de forma presencial e pessoal nas ruas, ela faz um deslocamento dessa atividade para o mundo virtual, utilizando suas redes sociais para se manifestar. Se a ruptura da pandemia impôs a restrição à atividade fora de casa, Libélula consegue, através da sua criatividade e com suas ferramentas digitais, uma nova forma de expressão e voz, alargando sua esfera de experiência de forma a manter um “senso de auto-continuidade” (ZITTOUN, GROSSEN; SALAMIN, 2021, p.3).

No que diz respeito à mudança na rotina, a participante afirma que não houve tantas mudanças, por sempre ter sido muito caseira, mas destaca que algo que mudou foi sua forma de se relacionar com as amigas.

Fragmento 4

Brenda: "Antes da pandemia, com quem a senhora costumava se relacionar presencialmente?"

Libélula: "Eu tenho minhas vizinhas da frente e do lado, tenho minhas amigas da Fundação, eu tenho a casa na praia que eu juntava umas 2 ou 3 amigas que **juntava e ia para lá, tem uma amiga minha que não é da Fundação que ela ia e passava uns 7 a 10 dias comigo lá na praia, digo, passava né, mas aí mudou né, não tem mais”.**

Brenda: "E a senhora sente falta?"

Libélula: "Eu não, **num tem esse negócio que a gente tá falando aqui? Pronto, eu faço isso com elas ((videochamada)).”**

Muito tem sido debatido sobre a importância e como o uso de tecnologias pode e tem sido uma medida protetiva para o enfrentamento da pandemia, minimizando os efeitos do

isolamento, auxiliando na prevenção de doenças psicológicas, o uso de tecnologias auxilia tanto na informação, atendimento, realização de compras e comunicação, permitindo maior autonomia, contato social mesmo que de forma remota. (MARLENE, et al. 2019)

Outro aspecto protetivo que Libélula possui para o enfrentamento à pandemia é a sua rede de apoio familiar. “Eu moro com minha filha, minha nora e minha neta. Tenho filhos que moram fora (não no mesmo terreno que ela), mas tão sempre por aqui. (...) tenho exames para fazer, aí cada dia uma vai comigo, para não cansar elas de uma vez, aí cada dia vai uma”.

Desde o início da pandemia o Ministério da Saúde (BRASIL, 2020) recomendou o fortalecimento da rede de apoio familiar da pessoa idosa, considerando que essa é uma estratégia de cuidado e promoção de saúde do idoso.

Ao refletir sobre o cuidado intergeracional, é imprescindível considerar a autonomia como determinante do cuidado, e a presença como significante do cuidado. Preservar e garantir a autonomia do idoso perpassa o sentimento de ser cuidado, assim como a presença determinada pela disponibilidade, e pelo estar perto, representa a segurança necessária ao idoso. Ambos os fatores devem estar condicionados ao respeito à totalidade e à complexidade das pessoas aos seus modos de vida e valores culturais (HAMMERSCHMIDT et al, 2020, p. 175).

Outro fragmento que merece atenção diz respeito a como a participante se sentiu ao longo da pandemia e como hoje ela consegue se imaginar diante de tal realidade.

Fragmento 5

Brenda: “Como a senhora tem vivenciado essa pandemia? Do começo pra hoje tem diferença? Como estão os sentimentos em relação a isso?”

Libélula: “Como tudo na vida a gente, **a gente tem um impacto do momento e depois a gente vai se acostumando, então a pandemia já se incorporou. No começo eu tive muito susto, corri e fui embora para praia, para não ter ninguém perto, não podia uma pessoa passar a 1 km de mim e eu já tava correndo.** Mas aí a pessoa vai se acostumando, termina até se esquecendo.”

Brenda: “E como se sente hoje?”

Libélula: “Hoje eu tô, tô mais adaptada. E mais convicta de que **a gente não vá tirar essa máscara mais nunca, como no Japão o pessoal não anda de máscara, se não**

for esse vírus, vai ter outro, vai ter outro. Mas hoje não tenho esse medo de pegar Covid não, eu boto minha máscara e vou ‘mimbora’”.

Nesse momento a participante apresenta no seu processo imaginativo demarcações da ruptura (o impacto de chegar a pandemia), bem como o que nutriu seu **terceiro ciclo dinâmico imaginativo** sobre a pandemia no início no trecho em que ela fala sobre “corri e fui embora

/.../ para não ter ninguém perto, não podia uma pessoa passar a 1 km de mim”, que mais uma vez foi nutrido por uma experiência pessoal com base em memórias sobre o início da pandemia.

Nesse fragmento há ainda o **quarto ciclo dinâmico imaginativo** sobre como será nosso futuro, onde mesmo diante da vacinação, a participante acredita que ainda será necessário utilizar máscara diante da possibilidade de que venham novas formas de infecção; essa prospecção realizada por ela se configura atual no contexto em que ocorreu a entrevista em outubro 2021, quando estava surgindo o que se conhece como novas variantes da COVID-19 e ainda era obrigatório o uso da máscara (FREITAS; GILVANETTI; ALCANTARA, 2021).

Para realizar essa prospecção, observamos que o ciclo dinâmico dela foi nutrido pelo uso de elementos simbólicos provenientes de seu conhecimento sobre outra cultura de outro país, Japão, que, que pode ter sido desenvolvido a partir de variados recursos midiáticos da cultura, das interlocuções sócio-históricas, tal como previsto e denominados por Zittoun e Cerchia (2013), como recursos. Nesse ciclo dinâmico imaginativo, mais uma vez, Libélula realiza uma expansão da experiência de forma a se adaptar com o uso da máscara e reduzir o medo do contágio de forma a conseguir realizar atividades fora de casa.

Para melhor visualização segue o quadro 2, utilizando a conceituação de esferas de experiência distal e proximal descritas por Zittoun e Gillespie (2016) que nos permite compreender a capacidade que Libélula através dos ciclos dinâmicos imaginativos, realizados ao longo da pandemia e durante o encontro comigo, teve de construir ou alargar esferas de experiência que não se encontravam no aqui-e-agora.

Quadro 2 - Esferas de experiência presentes nos ciclos dinâmicos imaginativos

Trecho do ciclo dinâmico	Categoria de esfera de experiência	Período referente
Antigamente eu tinha amigos, eu ia para bar, eu ia para restaurantes” “Umas 2 ou 3 amigas que juntava e ia para lá”	Esfera de experiência distal referente à divertimento com amizades	Antes da Pandemia
“Aí eu faço aqui em casa, tenho quatro filhos que vem aqui para casa, tenho um ex-marido que aí eu vou para casa dele.”	Esfera de experiência proximal referente à divertimento sozinha e com familiares	Durante a Pandemia
“Lá tem uma piscina e comecei a fazer meu exercício, tava comendo sol, eu já tinha feito um curso, hidroterapia, aí eu aprendi tudo que a menina ensinou eu aprendi.(...)” “Aí comecei a fazer (...) meditação, aí tava numa boa (...) mas isso aí ocupou os piores momentos da pandemia”	Esfera de experiência distal referente ao enfrentamento da pandemia	Início da pandemia
“Chegou a vacina eu tomei a primeira dose lá, já me senti mais tranquila, aí vim para cá, já me senti mais segura, aí aqui tomei a segunda e to esperando por novembro para tomar o reforço”	Esfera de experiência proximal referente ao enfrentamento da pandemia	Durante a pandemia
“Até antes da pandemia eu não perdia um fora Bolsonaro, viva Lula, vivia nas ruas”	Esfera de experiência distal referente ao engajamento político	Antes da pandemia
“Se você entrar no meu Face ou no meu Instagram o que mais tem é falar sobre política, gosto disso.	Esfera de experiência proximal referente ao engajamento político	Durante a pandemia

FONTE: Própria autora (Oliveira, 2022)

Durante essa primeira etapa de análise, foram identificados cinco fragmentos de transcrição de entrevista a fim de conseguir demonstrar e exemplificar as principais esferas de experiência construídas e expandidas pela participante durante a vivência da pandemia, atendendo assim ao segundo objetivo específico descrito neste trabalho.

Identificamos nesses 4 ciclos dinâmicos que não houve prevalência sobre utilização de esferas de experiência proximais ou distais, pelo contrário, em seus ciclos dinâmico imaginativos, através da expansão de experiência ela nos mostra formas de adaptação que realizou para manter o senso de auto continuidade entre as atividades e formas de comportamento que eram significativas para ela antes da pandemia e seu ajustamento para manter-se engajada em tais formas de viver mesmo diante das limitações que o contexto social da pandemia impôs.

Esse achado é similar ao identificado em um estudo realizado por Zittoun, Grossen e Salamin (2021) com pessoas idosas sobre a transição para uma casa de repouso, onde diante

dessa ruptura (ida para uma casa de repouso) os idosos realizam adaptações e expansões de experiência para uma melhor adaptação e manutenção de senso de auto continuidade.

Dentre os elementos presentes no processo imaginativo sobre o presente e futuro diante da pandemia da COVID 19, podemos considerar que Libélula nos faz perceber que o uso de

tecnologias para comunicação e atividades de empoderamento, além de existência de uma rede de apoio, desenvolvimento de atividades significativas como forma de autocuidado como a prática de exercícios, meditação e ainda o uso criativo do meio em que vivemos, como no caso de Libélula a criação e cuidado com uma horta, são estratégias de enfrentamento protetivas diante da ruptura causada pela pandemia.

Tal achado também se apoia na literatura como observado em Unicovsky et al (2021), quando apontam que dentre as estratégias que, as pessoas idosas utilizam para enfrentar a crise causada pela pandemia, encontram-se o engajamento em atividades que as façam se sentir bem, praticar exercícios, buscar estimulação mental, receber o apoio de familiares e profissionais de saúde seja presencialmente ou através de meios digitais.

Destacamos ainda como um conteúdo importante nos ciclos dinâmicos de Libélula foi a importância da continuidade do uso de máscara e adesão a propostas preventivas como a vacinação. Esse achado se relaciona com os achados de Rozendo et al.(2022) em que idosos continuam aderindo a formas de prevenção tal como a vacinação e uso de máscaras.

Com os achados apresentados até aqui consideramos que conseguimos atender ao objetivo específico número 2: Identificar se houve e como se deu a criação e/ou expansão de esferas de experiência referentes vivência da pandemia e se estas esferas de experiência se relacionam a aspectos protetivos para a idosa vivenciar a pandemia.

Ainda foi possível identificar que os conteúdos presentes nos ciclos dinâmicos imaginativos e as estratégias criadas por Libélula apresentam elementos comuns a outras investigações voltadas para compreender o universo semiótico da vivência da pandemia para a população idosa (ver: Unicovskys et al, 2021; Rozendo et al, 2022; Souza et al, 2021).

Apresentamos assim algumas ferramentas protetivas que podem ser desenvolvidas pelos idosos para o enfrentamento dessa e de outras crises sanitárias que demandem o isolamento social, correspondendo também ao objetivo específico 5 (Conhecer aspectos protetivos desenvolvidos pela idosa para vivenciar a pandemia).

5.1.2 A dinâmica imaginativa de Libélula: Modelo quadridimensional do *ciclo dinâmico imaginativo*

Nesse tópico iremos apresentar a análise referente ao terceiro encontro pesquisadora-

participante. Este foi dedicado à terceira entrevista semiestruturada, com o objetivo de conhecer os significados atribuídos pela participante sobre as produções icônicas que ela produziu com base nas perguntas disparadoras **“Como você se imagina no presente e no**

futuro diante da pandemia?”, para a construção do “Álbum: Era uma vez a vida com a pandemia”. A entrevista teve duração de 1 hora e 15 minutos.

Nesse momento iremos realizar a análise tanto do material narrativo coletado durante a entrevista, quanto da produção imagética e textual realizada por Libélula a partir da técnica aqui intitulada por: “Álbum: Era uma vez a vida com a pandemia”. Libélula selecionou e disponibilizou 3 imagens e 1 texto para cada uma das perguntas, totalizando 6 imagens e 2 textos. Além disso, junto com cada imagem ela enviou um título explicativo. A orientação dada para essa construção era a de que ela poderia utilizar materiais diversos, além de produzir fotos, desenhos e escrever, caso assim desejasse.

A entrevista ocorreu de forma simultânea à apresentação das imagens com seus títulos, e posteriormente era também apresentada em slide a produção textual para a discussão e análise ao final da apresentação de cada grupo de imagens referentes ao texto elaborado criativamente por ela como resposta à pergunta disparadora.

Os dados foram analisados conforme as dimensões analíticas do modelo quadridimensional proposto por Gfeller e Zittoun (2020) que incluem as dimensões: Temporalidade, Generalidade, Plausibilidade e Corporeidade.

Esse subtópico tem dois desmembramentos desenvolvidos para melhor detalhar o processo de imaginar: 1) apresentação dos ciclos dinâmicos imaginativos referentes à vida durante a pandemia e 2) os ciclos dinâmicos imaginativos referentes à prospecção sobre o futuro.

5.1.2.1. Transitando pelo passado e pelo presente: ciclos dinâmicos imaginativos sobre a vida durante a pandemia

Iremos apresentar e analisar as produções icônicas que Libélula realiza diante da primeira pergunta disparadora, a saber: “Como você imagina seu presente com a chegada da pandemia?”. Ela produziu 3 registros imagéticos, cada um com uma legenda explicativa e ao final encaminhou uma produção textual para descrever como se imaginava desde a chegada da pandemia até o momento da coleta de dados em outubro de 2021. Os títulos das imagens são recortes dessas legendas encaminhadas por ela.

E os fragmentos são referentes às transcrições da entrevista realizada na terceira etapa descrita nos procedimentos e utilizando o roteiro 3 para guiar a entrevista semi-estruturada (Apêndice A), com o objetivo de conhecer os sentidos criados e atribuídos pela participante às suas produções imagéticas e textuais.

Figura 6 - “Eu na casa de praia meditando, tentando afugentar os medos que a pandemia me trouxe”



Fonte: Foto feita por Libélula.

Fragmento 6

Brenda: "Hoje o encontro vai ser sobre as produções da senhora ((A pesquisadora mostra a imagem através da apresentação da ferramenta "Álbum: Era uma vez a vida com a pandemia)) com o compartilhamento de tela no *Google Meet* - Essa foto que ta aparecendo a senhora lembra se ela foi pra primeira pergunta? Se é sobre o presente ou sobre o futuro?"

Libélula: “Agora você me pegou, eu sei que essa foto para mim representa minha liberdade, representa também o medo do vírus, que **eu fugi ‘pr’ai’** ((refere-se à praia na figura 6)) **para poder me livrar do medo, do contágio, porque é uma praia deserta praticamente, então isso aí todo dia eu tomava banho, tomava cerveja, então durante esse ano que eu passei, que foi o primeiro da pandemia, o 2020, que eu disse que eu enfrentei sem muita angústia porque eu tava aí, aí eu acho. O que quero passar com ela é a tranquilidade, enquanto o mundo tava pegando fogo, eu tava me sentindo mais ou menos em segurança, tinha o medo global, o medo pela humanidade, pelos meus filhos, mas eu tava ali em segurança”.**

Começaremos essa etapa da análise a partir da produção imagética, na qual sugerimos como a elaboração do **quinto ciclo dinâmico** da participante, pois enquanto ela realizava a escolha da imagem se desloca enquanto categoria analítica **temporal** para o passado, pois é uma foto de 2020, segundo a participante, resgatada em 2021. No que diz respeito às dimensões analíticas da **plausibilidade** e da **generalidade**, destacamos que se trata de um conteúdo

específico e possível para a realidade sociocultural da participante, pois é algo que ela faz em sua história de vida, por ter uma casa em uma praia.

Cataia (2020) aponta as disparidades na possibilidade de aderir ao isolamento social, demarcando as desigualdades sociais e a facilidade que para pessoas de classes sociais privilegiadas é encontrada para viver esse momento, por em muitos casos, pode ser até prazerosa por essas pessoas possuírem condições físicas, financeiras e estruturais que garantam conforto e segurança, como observamos que é o caso de Libélula.

Quanto à **corporeidade**, a participante escolhe uma foto feita por ela em que há uma projeção do que ela imagina enquanto, o que aqui chamaremos de corporeidade de isolamento seguro. Ou seja, ela escolhe imaginar a partir da sua posição de relaxamento em um lugar que ela significa como o local em que seu corpo estava protegido e em segurança para evitar a contaminação por COVID-19.

Sobre o fragmento de fala, destacamos, em consonância com as dimensões presentes na imagem, que também foi possível identificar as quatro dimensões durante a narrativa de Libélula, sendo esse destacado em negrito a narrativa referente ao **quinto ciclo dinâmico imaginativo** voltado para sobre como ela passou o início da pandemia, se tratando então de um deslocamento para a esfera de experiência distal de enfrentamento da pandemia da Covid-19.

Durante a narração do trecho: “Eu fugi ‘par’ ai” para poder me livrar do medo, do contágio, porque é uma praia deserta praticamente, então isso aí todo dia eu tomava banho”, Libélula se desloca do momento atual em que está falando comigo, para as suas vivências passadas no início da pandemia, quando estava indo a praia para afugentar seus medos. Ela se movimenta e me leva com ela para um local em que seu corpo emerge com uma roupa própria, bebendo, deitada em frente ao mar e, ao mesmo tempo que coberta por uma sombra, se expõe ao sol. Ela trouxe seu passado na pandemia como a liberdade que conseguiu vivenciar, numa particularidade de experiência de isolamento incomum para grande parte de brasileiros e brasileiras, no período em que seu corpo próximo a outros corpos a colocaria em risco de contaminação da Covid-19 e de morte.

Já no segundo trecho desse fragmento, podemos identificar a plausibilidade e a generalidade: “Enquanto o mundo tava pegando fogo, eu tava me sentindo mais ou menos em segurança, tinha o medo global, o medo pela humanidade, pelos meus filhos, mas eu tava ali em segurança”. Aqui identificamos a dimensão da generalidade direcionada a algo mais abstrato quando ela fala sobre o medo global, o medo pela humanidade, que foi um sentimento experimentado durante a pandemia. E também traz a dimensão da plausibilidade mais uma vez

voltada para algo que foi possível para ela durante esse momento que foi estar se sentindo segura por realizar o distanciamento social.

No encontro com a pesquisadora e na apresentação da foto da praia, Libélula imagina sem se definir no tempo - "é sobre o presente ou sobre o futuro?". E o que interpretamos com isso? Libélula parece estar no tempo da liberdade. É uma generalidade em relação ao que se vivia no aqui-e-agora do encontro com a pesquisadora e da Covid-19 em 2021 em Pernambuco, sob um governo negligente com o cuidado coletivo; as pessoas assim focaram o cuidado de si através de estratégias particulares, pessoais, que cabiam em suas vidas, como a fuga por ela mencionada. Libélula imagina, ao revisitar sua estadia na praia na relação com a pesquisadora, uma vivência de liberdade, mas também de medo, segurança e tranquilidade, plausíveis quando o isolamento social pode ser vivido ainda que de forma tão ampla, intensa, como a que ela viveu, em meio a uma experiência coletiva de morte, de desafio à vida.

Seguimos assim para a segunda produção de Libélula sobre o presente de sua vivência na pandemia.

Figura 7 - Título dado pela participante: “Foto tirada por mim, na minha horta”



FONTE: Foto feita por Libélula

Fragmento 7:

Brenda: ((A pesquisadora mostra a segunda foto do “Álbum: Era uma vez a vida com a pandemia”) E essa foto o que ela quer nos contar sobre sua imaginação?

Libélula: “Ah, isso ai é minha horta. Essa é a daqui de C, essa foto foi de 2021, essa foto é a coisa que me dá mais prazer é minha horta, eu entrei num concurso (...) A gente mesmo tire essa foto, que seja na nossa horta, **aí eu fiquei um dia, dois, três, atrás de abelha, para lá e para cá, até que ela, aqui tá ali.** ((A participante faz movimentos com a mão indicando sua movimentação pela horta))

Brenda: “E quando a senhora escolheu ela, o que a senhora imagina que ela pode transmitir e dizer sobre o que estamos vivendo?”

Libélula: “Que a humanidade tá acabando com a gente mesmo, mate uma abelha que você tá matando uma vida, **um futuro, o futuro dos nossos netos, dos nossos filhos, porque sem a abelha não vai ter a polinização, não vai ter comida no nosso prato, e as pessoas matam.** Então o que eu queria dizer era **que cuide do mundo, cuide da terra, dos bichos, dos animais, das abelhas, que ela é vida, ninguém pode ta matando assim não, as pessoas não cuidam, o próprio governo é o primeiro a acabar com a Amazônia, acabar com tudo.**”

Com a foto anterior, Libélula constrói o que identificamos como o **sexto ciclo dinâmico**, onde há um deslocamento temporal voltado para um passado recente, de uma situação na qual a participante, por ter uma horta, participou de um concurso de fotografia de abelhas. Podemos considerar que essa produção fotográfica se insere dentro da generalidade no aspecto de ser algo específico, pois se trata de uma imaginação sobre algo que ela faz em sua rotina da participante, cuidar de sua horta, e plausível, já que para tal atividade ela não precisa sair de casa e assim consegue manter o isolamento social.

A dimensão da corporeidade presente nessa produção imagética é por nós identificada a partir do discurso da participante que descreve como foi a busca para conseguir fazer essa foto, como podemos ver nesse trecho: “aí eu fiquei um dia, dois, três, atrás de abelha, para lá e para cá, até que ela, aqui tá ali”, enquanto fazia também movimentos com a mão indicando sua movimentação pela horta. Esse trecho demonstra que conforme Gfeller e Zittoun (2020), que ao se envolver em um processo imaginativo, as pessoas podem desempenhar atividades corporificadas mais ou menos visíveis através de movimentos corporais. Além disso, destacamos que, quando o dado empírico não pode ser observado através de uma videografia ou observação participante, como acontece no estudo de Gfeller e Zittoun (2020), a

corporeidade pode ser observada através da produção linguística, o movimento corporificado da imaginação precisa ser considerado ao observar o corpo em narração.

Isto posto, notemos que Libélula, no encontro com a pesquisadora, fala sobre o momento em que tirou a foto, em como ela ativamente se envolveu com um concurso e a captura de um momento da abelha, precisando caminhar "atrás de abelha, para lá e para cá, até que ela, aqui tá ali". Libélula nos leva - após nos mostrar seu corpo em isolamento, em repouso, na praia - a outro momento de prazer por nova captura do seu olhar. Seus olhos, cada um como um obturador de câmera fotográfica, são sensíveis à luz e ela, integralmente em seu corpo - mãos, braços, coluna, pernas, fazendo uma performance para registro da imagem - fotografam o que mais dá prazer a ela, que "é minha horta". Ou seja, aqui encontramos uma corporeidade voltada para uma de suas atividades prazerosas durante a pandemia, que identificamos como corporeidade de atividade prazerosa.

Durante a entrevista, quando ela está explicando o que imaginou e qual o significado da foto da flor, Libélula faz um novo deslocamento, e assim acontece **o sétimo ciclo dinâmico**, que tem as dimensões analíticas em sua maioria com uma classificação diferente do sexto ciclo dinâmico.

Ainda se referindo à foto da flor, nesse novo ciclo dinâmico, a dimensão da temporalidade presente em sua fala está voltada ao futuro, emergente em sua preocupação com o futuro do planeta no que diz respeito a questões de preservação da natureza e o impacto de nossas ações nos dias de hoje para o futuro. Esse conteúdo imaginado é algo que podemos considerar, enquanto generalidade, como algo de caráter mais geral e menos concreto: sua preocupação com a existência humana. Não é exclusivamente sobre sua rotina, mas sobre esta e seu imbricamento a problemas mundiais: "cuide do mundo, cuide da terra, dos bichos, dos animais, das abelhas, que ela é vida, ninguém pode ta matando assim não, as pessoas não cuidam".

Sobre a dimensão da corporeidade, percebemos ao longo desse ciclo dinâmico que ela é dirigida ao corpo do outro, o outro que não cuida do mundo, que mata, o outro que é um governo que acaba com tudo. Libélula se percebe refém desses movimentos dos outros, refletindo sobre o impacto da ação do homem na natureza e meio social como profundamente relacionada a suas experiências de vida, notamos que mais uma vez em seu discurso está empregado a sua posição política, é então uma corporeidade sobre si em relação ao outro.

Suas preocupações também entram no âmbito da plausibilidade. São cuidados possíveis de serem executados por nós e o que visualiza, imagina, constrói como possibilidade depende da ação coletiva e ordenada politicamente: "o próprio governo é o primeiro a acabar com a

Amazônia, acabar com tudo". Observamos ainda o que parece que vai marcar o imaginar de Libélula nesta investigação: seu comprometimento, seu olhar político. Libélula reconhece "mate uma abelha que você tá matando uma vida, **um futuro, o futuro dos nossos netos, dos nossos filhos, porque sem a abelha não vai ter a polinização, não vai ter comida no nosso prato, e as pessoas matam.**". Libélula aqui, e como veremos mais adiante, vai fortalecendo uma narrativa onde ela atrela seu passado, presente e futuro imaginados ao futuro de uma coletividade ecologicamente integrada.

Imaginar, na situação da pesquisa, na relação mais direta comigo, parece ser um ato político, pois ela me convida a imaginar e problematizar sobre esses aspectos e condições sócio-políticas no Brasil. Vejamos agora a terceira imagem sobre a qual nos debruçamos.

Figura 8 - Título dado pela participante: “Me impactou encontrá-la no meu Instagram”



FONTE: Imagem da internet encontrada por Libélula

Fragmento 8

Brenda: ((Mostrando a terceira imagem do “Álbum: Era uma vez a vida com a pandemia”) - E sobre essa imagem? Qual a construção que a senhora faz com ela?

Libélula: “Ah, isso aqui foi, se eu não me engano no dia das crianças, que eu acordei pensando nos meus netos, acordei feliz, procurando fotos deles /.../ quando eu me deparei com isso, numa foto aleatória, aí apareceu esse negócio, me deu aquele choque de realidade, que eu sou uma pessoa que vivo 24 horas essa realidade política, não é porque eu sou uma pessoa privilegiada que eu posso me calar, num posso me calar, em vendo a fome na minha cara. Aí essa foto que me chocou foi a que eu escolhi para o dia das crianças, homenageando os pobres, as mães

miseráveis morrendo de fome, e tentando denunciar, porque **eu não me canso não, eu vou morrer com um cacete na mão brigando.**”

Brenda: “E sobre a pandemia, ela está relacionada a essa foto?”

Libélula: “Isso nem sempre aconteceu, começou a piorar no governo Bolsonaro, que acabou com tudo, acabou, na época de Lula, não é porque eu sou petista não, **o povo comia, foi a época que passou que a gente ia na cidade e não via tanta miséria, tanta gente na calçada sem ter um prato de comida**, então é a época, então Bolsonaro entrou e **começou a piorar, com a pandemia piorou mais ainda, os ricos, os que podiam, se recolheram nas suas casas, e os pobres ficaram a ver navios**, não tinha restaurante para comer resto de comida, não tinha mais nada, então acho que piorou sensivelmente.”

Nessa construção imagética que Libélula fez, ela recorreu a uma foto que encontrou no *Instagram* e a impactou emocionalmente, fazendo-a refletir sobre o contexto social que vivemos de desigualdades sociais se ampliando durante a pandemia. Considerando o que Zittoun e Gillespie (2016) elaboram sobre o ciclo dinâmico, podemos considerar que encontrar a foto foi o gatilho para o **oitavo ciclo dinâmico**, o recurso utilizado para nutri-lo foi a visão de mundo da participante sobre o passado e sobre o presente, e o desfecho foi sua vontade de homenagear os pobres e denunciar essa realidade.

Ela, ao nutrir o ciclo dinâmico com seus recursos de visão de mundo, faz um deslocamento temporal voltado para o passado e depois retorna a imaginar o futuro, utiliza no deslocamento para o passado um conteúdo que dentro da generalidade se enquadra em específico, pois é a realidade subjetiva de algo que ela vivenciava, e ao voltar para o presente o conteúdo demonstra ser plausível, pois ela refere uma realidade brasileira com a chegada da pandemia, onde quem tinha mais condições financeiras conseguia se isolar e quem não tinha passou a enfrentar maiores índices de vulnerabilidade aos impactos da pandemia (TISATTO; LOPES; BENTO, 2021). Esse movimento de conseguir se isolar de forma segura em casa ainda demarca uma corporeidade que Libélula denuncia como privilégio, a qual vivenciou como sua corporeidade de isolamento seguro.

O que notamos com as dimensões de generalidade, plausibilidade, temporalidade e corporeidade? Libélula escolheu uma imagem muito potente para falar agora de um cenário político social com sua família (pelo dia das crianças que havia passado), com a pesquisadora,

com os leitores e leitoras desta dissertação, com os participantes da defesa. Libélula nos trouxe uma imagem de extrema miséria e nos coloca a imaginar nosso passado durante o governo de Lula, nosso presente com o governo de Bolsonaro e nosso futuro, dando continuidade ao que antes já fazia com as imagens da abelha e da praia. Uma família com 02 bebês de colo, 03 crianças seminuas, 03 adultos (02 mulheres) e 01 idoso, subnutridos, carregam bagagem de mão em terra árida, sem flora, sem fauna, sem plantação. Juntos parecem fazer um deslocamento, desprotegidos, destelhados, à força de seus corpos frágeis famintos.

Nesse imaginar com a pesquisadora, Libélula alerta sobre o passado, marcando a diferença sobre o aqui-e-agora: “Isso nem sempre aconteceu, começou a piorar no governo Bolsonaro”. Libélula nos coloca a visualizar um tempo onde esta miséria, registrada na imagem, não era tão comum, nem sempre acontecia. Alguns podem desconhecer este passado, não estarem atentos, então ela esclarece e continua ratificando, mais adiante, o cenário plausível e concreto (considerando a generalidade como elemento da imaginação) de vida para brasileiros e brasileiras: "na época de Lula, não é porque eu sou petista não, o povo comia, foi a época que passou que a gente ia na cidade e não via tanta miséria, tanta gente na calçada sem ter um prato de comida". Libélula olha ao seu futuro de luta e resistência, nesta viagem política que iniciou comigo e diz: "porque eu não me canso não, eu vou morrer com um cacete na mão brigando", possivelmente se referindo à mudança político-econômico-social que deseja como realidade plausível e como condição concreta de vida para o povo brasileiro.

Além destas três imagens, Libélula produziu um texto de forma a responder à primeira questão disparadora (Como você imagina seu presente nessa pandemia?) para construção do álbum. Este foi encaminhado via mensagem digitada no *WhatsApp*, junto com as fotos, ele também foi incorporado ao "Álbum: Era uma vez a vida com a pandemia", como pode ser visto no apêndice D. A seguir ele foi transcrito na íntegra e está seguido do diálogo entre a pesquisadora e a participante que foi dirigido também pelo roteiro de entrevista 3 (apêndice A).

“Não posso começar falando do presente sem me reportar a um passado tão recente e tão impactante nas nossas vidas. Com as notícias que uma avalanche cairia sobre o mundo, me desesperei. Fiz as malas e corri pra casa da praia, na esperança do vírus não me alcançar. Acuada com a mudança de ares e de hábitos pensei: tô lascada. O que fazer aos 73 anos nessa situação? Cada dia as notícias eram as mais chocantes e o medo se instalou com força. Mas, nunca fui mulher de esperar sem lutar. Arregacei as mangas e dei tratos à bola. Ocupar meus dias seria a solução. Liste todas as poucas coisas que teria condições de fazer e vi que cuidar do jardim seria uma opção. Fui além, fiz uma horta e não parei de fazê-la crescer. Precisava ocupar a mente, ou melhor, desocupar, livrá-la dos pensamentos mórbidos que as notícias teimavam em trazer. Inventei meditação, inspirei e soprei meses a fio. Com a primeira dose da vacina veio um certo alívio e voltei pra casa. Retomei minha rotina acrescentando máscara e álcool e borrifando vou levando a vida. Pessoalmente não tenho do que me queixar, pelo contrário, só a agradecer. Não posso deixar de registrar minha revolta contra o governo federal. Quantas vidas poderiam ter sido salvas, quanto de fome e desemprego poderiam ter sido evitados.”

Fragmento 9

Brenda: “Então vamos conversar sobre o texto que a senhora escreveu, me fala um pouco sobre ele.”

Libélula: “Foi tudo que foi retratado em todas as fotos o que aconteceu, olha, tá vendo aqui: ‘liste todas as poucas coisas que eu teria condições de fazer’, **primeiro pela minha idade, que eu já não podia, não posso desbravar o mundo, segundo dentro de casa, porque eu tava acuada dentro de casa como todo mundo.**”

Brenda: “A senhora acha que se não tivesse os 73 anos teria sido diferente a forma que lidou com a pandemia?”

Libélula: “Rapaz, eu, se eu fosse bem mais nova e tivesse trabalhando, eu ia trabalhar em casa, como vocês todas ficaram trabalhando, então a diferença seria essa, eu ia ter meu trabalho real que me dá o sustento, então seria diferente nesse ponto.”

Sobre a produção escrita podemos identificar nela **o nono ciclo dinâmico** que esteve a maior parte da descrição direcionada para a temporalidade do passado, se caracterizam na

generalidade como algo específico da rotina que Libélula traçou para si na pandemia, é plausível desempenhar tais atividades dentro do ambiente em que ela se isolou, e é um relato marcado por questões referentes a uma imaginação marcada pela expressão corporal: “arregacei as mangas, inspirei e soprei, fiz uma horta”. A corporeidade pode aparecer mais ou menos expressa de forma visível, mas por o conteúdo imaginado ser referente ao corporal, se enquadra dentro da categoria da corporeidade (GFELLER; ZITTOUN, 2020). E conforme apontamos anteriormente, esta também é uma corporeidade sobre atividade prazerosa que ela desempenhou durante a pandemia.

Ainda no texto, percebemos o retorno dela para o aqui-e-agora, ou seja, para a realidade primordial quando ela passa a descrever como se readaptou a rotina ao retornar para sua casa: “Voltei pra casa. Retomei minha rotina acrescentando máscara e álcool e borrifando vou levando a vida”, aqui a participante demonstra que construiu uma nova esfera de experiência que podemos nomear de “novo normal”, como muito tem se propagado nas mídias (CARVALHO, FREITAS; AKERMAN, 2021).

Ainda referente ao texto, podemos destacar dois aspectos: A narrativa da participante é cronológica com as fases vivenciadas ao longo da pandemia, desde a percepção sobre a ruptura necessária em sua rotina e forma de viver, diante da crise sanitária ela incorpora a orientação da OMS sobre o isolamento, destacando a importância de ter imaginado formas criativas de enfrentar a pandemia através de atividades que fossem prazerosas e ajudassem ela a cuidar da saúde mental. Ela faz mais uma vez o movimento de imaginar a partir de uma fala que é essencialmente política e crítica, marcando a adesão à vacinação, além de continuar defendendo o uso de máscara e de álcool em gel, e ainda sua opinião sobre o governo federal e a forma como este conduziu o enfrentamento a pandemia.

MASSUCHIN e CERVI (2021) em sua pesquisa mostram que entre 35% e 38% das pessoas avaliam que o governo federal brasileiro nos anos de 2020 e de 2021 teve um enfrentamento muito mal no que diz respeito ao combate a COVID-19. Essa crítica de Libélula é uma denúncia que vem sendo feita também em nível acadêmico que propõe reflexões sobre como o país está vivenciando uma crise que é sanitária, moral e política.

No Brasil, além das questões das mudanças em relação à morte/luto e da conectividade em rede, que faz com que as dificuldades sejam vivenciadas em tempo real por toda a população mundial, o período de emergência tem sido marcado pela dificuldade de articulação entre diversos atores sociais e concorrente competência entre os entes federados em matéria de saúde coletiva. () Essa desarticulação do Ministério da Saúde culminou na “dificuldade de produzir orientações sanitárias confiáveis, a falta de recursos e o certo atraso em disseminar informações no território nacional”, além da operação sob a égide de um desregramento vertical com

manifestações “em desacordo com os protocolos estabelecidos pela Organização Mundial de Saúde” e da estratégia do baixo número de testagens, o que dificultou e dificulta a estimativa real da pandemia (WILLRICH ET AL, 2022, p.4)

Partindo para o primeiro fragmento de comentário da participante sobre o texto que ela enviou, podemos observar que o texto construído por ela na semana anterior às entrevistas, condiz com o que ela descreveu durante o encontro.

Notamos que nesse fragmento Libélula aponta questões referentes à vivência e rotina possíveis dentro da vivência da pandemia, o que consideramos como o **décimo ciclo dinâmico** direcionado para o passado quando ainda estava explorando quais as possibilidades para si, conforme vemos no trecho: “Primeiro, pela minha idade, que eu já não podia, não posso desbravar o mundo, segundo dentro de casa, porque eu tava acuada dentro de casa como todo mundo.”. Além de se deslocar para o início da pandemia, nesse trecho ela apresenta marcadores sobre a sua concepção de ser idosa, na qual não poderia desbravar o mundo e que como todos tinham que permanecer em isolamento. Observamos também que as dimensões de plausibilidade, sendo o possível para o momento a restrição ao ambiente domiciliar; a generalidade de imaginar um contexto que para ela é abstrato (“o desbravar o mundo”). A corporeidade quando ela traz o seu envelhecimento (“primeiro, pela minha idade”), colocando-a em situação de risco maior perante a pandemia.

Libélula demarca também uma diferença percebida por ela na vivência da pandemia para os idosos aposentados e as demais pessoas, “Se eu fosse bem mais nova e tivesse trabalhando, eu ia trabalhar em casa, como vocês todas ficaram trabalhando, então a diferença seria essa, eu ia ter meu trabalho real”. Esse ciclo dinâmico imaginativo é nutrido pela compreensão dela de que as pessoas laboralmente ativas estavam trabalhando remotamente durante a pandemia.

Aqui podemos perceber mais um recorte de classe que é explicitado pela vivência da pandemia para Libélula, que percebe como uma alternativa para as pessoas não deixarem de trabalhar o uso das tecnologias para facilitar a continuação da atividade laboral. No entanto, como afirma Pereira et al (2020) essa modalidade de trabalho em casa não é compatível com a maioria da população que muitas vezes não tem acesso a internet, trabalha em empregos informais nas ruas e se sujeita às aglomerações no transporte público.

Fragmento 10

Brenda: “Eu tava relendo aqui, nessa hora que a senhora diz: **‘cada dia as notícias eram mais chocantes e o medo se instalou com força’**. A senhora lembra que notícias eram essas? O que chocava a senhora?”

Libélula: “Menina, **todo dia saia o aumento do número de mortes**, cada dia aparecia um parente longe, teve um graças a Deus, quer dizer, só um parente meu morreu, agora amigos, conhecidos, conhecidos das minhas filhas, aí passava, **lá vem aquela onda que os jovens tavam morrendo**, pessoas de 40, 50 anos morrendo, todo dia, **a televisão ajudou muito a pessoa ter consciência do que tava acontecendo, mas ao mesmo tempo enlouqueceu as cabeças, mas tinha que ser, tem que mostrar.**”

Consideramos que aqui Libélula fez o **décimo primeiro ciclo dinâmico** voltado para a temporalidade do passado, revivendo momentos diferentes da pandemia, destacando a importância da televisão para nos manter informados, mas também o impacto emocional de ser bombardeado com notícias sobre tantas mortes.

Esse ciclo dinâmico imaginativo é composto por uma generalidade voltada para o concreto do que aconteceu durante a pandemia, em seu conteúdo ela descreve diferentes ondas da pandemia, e é um conteúdo plausível, pois se trata do que acontecia no Brasil e no mundo durante os anos de 2020 e 2021 com as diferentes variantes do coronavírus (FREITAS; GILVANETTI, ALCANTARA, 2021).

Aqui, Libélula expõe a fragilidade da vida, os constantes momentos de tensão e medo por si, pelos seus familiares e amigos, sentimento que a vivência da pandemia trouxe para a vida das pessoas, onde ela apresenta a corporeidade direcionada ao corpo do outro, esse outro que agora mesmo sendo jovem também está padecendo pelo adoecimento da COVID-19. Percebemos ainda que, para ela, estar em um mundo tão cheio de informações é ao mesmo tempo importante para promover a divulgação de medidas preventivas, mas também traz impactos emocionais que atravessaram a vivência da pandemia.

Oliveira, Lira e Abreu (2021) refletem os impactos da pandemia para a saúde mental dos idosos e aponta que além do isolamento social, o acesso a muitas notícias divulgadas pela mídia sobre a gravidade da crise enfrentada, com o enfoque nos aspectos negativos, foram fontes de ansios e medos quanto à integridade da própria saúde física e mental, bem como a saúde dos seus entes queridos, principalmente para as pessoas idosas. Como percebemos no conteúdo desse ciclo dinâmico de Libélula, a pandemia foi marcada tanto por incertezas quanto

por excesso de informação. Como síntese e para melhor visualização dos ciclos dinâmicos analisados nesta fase da análise, segue um quadro resumo.

Quadro 3 - Quadro síntese ciclo dinâmico e dimensões analíticas 1

Dado	Trecho do ciclo dinâmico	Dimensões analíticas
Figura 6 e fragmento 6	5º ciclo dinâmico “Durante esse ano que eu passei, que foi o primeiro da pandemia, o 2020” “enquanto o mundo tava pegando fogo” “O medo (...) pelos meus filhos” “Mas eu tava ali em segurança” “Eu fugi ‘par’ ai’ para poder me livrar do medo”	Temporalidade: Passado Generalidade: Genérico Generalidade: Específico Plausibilidade: Possível Corporeidade: Isolamento seguro
Figura 7 e fragmento 7	6º ciclo dinâmico “Essa foto foi de 2021” “A gente mesmo tire essa foto, que seja na nossa horta” “Aí eu fiquei um dia, dois, três, atrás de abelha, para lá e para cá, até que ela, aqui tá ali” 7º ciclo dinâmico “Não vai ter a polemização, não vai ter comida no nosso prato, e as pessoas matam” “O próprio governo é o primeiro a acabar com a Amazônia, acabar com tudo”	Temporalidade: Passado Generalidade: Específico Plausibilidade: Possível Corporeidade: Atividade prazerosa Temporalidade: Futuro Generalidade: Genérico Plausibilidade: Possível Corporeidade: Corpo do outro
Figura 8 e fragmento 8	8º ciclo dinâmico “Isso aqui foi, se eu não me engano no dia das crianças” “Que eu acordei pensando no meus netos, acordei feliz, procurando fotos deles (...)” “Com a pandemia piorou mais ainda, os ricos, os que podiam, se recolheram nas suas casas”	Temporalidade: Passado Generalidade: Específico Plausibilidade: Possível Corporeidade: Isolamento seguro
Produção textual 1 e fragmento 9	9º ciclo dinâmico “Sem me reportar a um passado tão recente e tão impactante nas nossas vidas.” “Retomei minha rotina acrescentando máscara e álcool e borrifando vou levando a vida” “Arregacei as mangas, inspirei e soprei, fiz uma horta” 10º ciclo dinâmico “Eu já não podia, não posso desbravar o mundo” “Não posso desbravar o mundo, segundo dentro de casa, porque eu tava acuada dentro de casa como todo mundo.”	Temporalidade: Passado Generalidade: Específico Plausibilidade: Possível Corporeidade: Atividade prazerosa Temporalidade: Passado Generalidade: Específico Plausibilidade: Possível Corporeidade: Corpo idoso
Produção textual 1 e fragmento 10	11º ciclo dinâmico “Todo dia saia o aumento do número de mortes” “Cada dia aparecia um parente longe” “Lá vem aquela onda que os jovens tavam morrendo, pessoas de 40, 50 anos morrendo”	Temporalidade: Passado Generalidade: Específico Plausibilidade: Possível Corporeidade: Corpo do outro

FONTE: A autora (2022).

Nessa etapa da análise, identificamos que os conteúdos imaginados pela participante sobre a chegada da pandemia, sua organização e adaptação de forma a seguir os protocolos de isolamento social foram perpassados por medo, por uma compreensão da responsabilidade do governo e impactos sociais e econômicos da pandemia para a vida dos brasileiros, onde ela utilizou atividades significativas e criativas como forma de enfrentamento adaptativo ao que era imposto enquanto forma de prevenção e proteção contra a contaminação por COVID-19.

Os ciclos dinâmicos imaginativos realizados por Libélula foram em sua maioria referentes à sua vivência atual da pandemia, através dos seus processos imaginativos ela pode se deslocar entre passado e o presente, assim possibilitando alargar esferas de experiência e expandir sua experiência no aqui-e-agora do encontro com a pesquisadora para explorar a chegada da pandemia e refletir sobre as formas adaptativas que ela encontrou para viver esse momento de crise, podendo esse movimento reflexivo a auxiliar a identificar aspectos protetivos que ela dispõe para enfrentar situações de ruptura.

Por se tratar do processo imaginativo referentes à vivência ao longo da pandemia, houve a prevalência de ciclos dinâmicos direcionados para o passado, com um conteúdo de generalidade específica e plausível para a experiência de Libélula sobre a vida durante a pandemia, a seguir iremos descrever as os ciclos imaginativos que a participante fez ao imaginar sobre a vida e o futuro diante dessa pandemia.

5.1.2.2. O que há de vir: Ciclos dinâmicos imaginativos sobre o futuro

As construções a seguir foram realizadas a partir da questão disparadora: “Como você imagina seu futuro com a pandemia?” e das suas produções icônicas, textuais e verbais sobre a ferramenta “Álbum: Era uma vez a vida com a pandemia”. A participante também enviou 3 imagens, contendo legenda explicativa e uma produção textual sobre como se imagina no futuro, conforme veremos a seguir.

Figura 9 - “Teve um grande efeito em mim”



FONTE: Desconhecida

Fragmento 11

Brenda: “Essa foi a primeira foto que a senhora me mandou sobre como imagina o futuro. Me explica um pouco do que imaginou e o que quer transmitir com ela”.

Libélula: “Mas o que quero mostrar é que o verde e amarelo é de todo mundo, que ordem e progresso a gente não tem mais, o que a gente precisa é arroz e feijão, a gente não precisa de arma, armas deixa para os militares, para os policiais, civil não precisa de arma não, muito pelo contrário, se ele usar uma arma tá sendo perigoso para ele, para a família dele, se ele tomar uma cerveja, vai sair matando, quem tem o instinto ruim já vai sair atirando, **então o que o Brasil precisa é comida no prato e as mãos desarmadas, prontas e livres para trabalhar, para roçar,** aí também isso **simboliza o que eu gosto: da minha horta, isso aí é a comida, é o feijão, o milho, é o que a gente precisa para viver, ninguém precisa de brinco, de bolsa cara não, precisa é de comida.**”

Aqui nós identificamos o **décimo segundo ciclo dinâmico** que Libélula faz ao imaginar o futuro; este é referente à sociedade não precisar de armas e sim de alimentação, é um ciclo dinâmico com a temporalidade direcionada para o futuro, ela imagina que o Brasil precisa para o futuro pós-pandemia é “o Brasil precisa é comida no prato e as mãos desarmadas”.

Muitos elementos nutrem esse ciclo. Por um lado, as duas hortas nas quais ela, ao plantar e cuidar durante a pandemia, encontrou um refúgio nessa atividade junto a terra. De outro, suas convicções políticas, as quais ela traz desde que fala sobre a primeira imagem. Libélula conhece sobre as responsabilidades da polícia civil, sobre as necessidades não

satisfeitas do povo brasileiro nos últimos anos e oferece uma opção criativa através de seu processo imaginativo quando fala sobre “mãos desarmadas, prontas e livres para trabalhar, para roçar (...) gosto da minha horta”. O conteúdo neste ciclo dinâmico é composto também pelas dimensões de plausibilidade e generalidade relacionadas a atividades possíveis (“cultivar plantas para usar na alimentação”), e específicas ao seu contexto domiciliar e compreensão social e política do tempo que vivemos.

Quanto à corporeidade, identificamos nesse ciclo dinâmico tanto uma imaginação que envolve o seu próprio corpo, no que chamamos de corporeidade de atividade prazerosa, ou seja, sua atuação junto a horta, como também uma corporeidade direcionada ao corpo do outro, no qual ela encontra a possibilidade de superação de problemas sociais referentes a fome através do trabalho manual, e sempre deixando sua marca política ao defender o desarmamento em contrário ao movimento que observamos ser incentivado pelo governo atual que utiliza-se de um discurso e comportamento favorável à população armada.

A preocupação com a fome e o desemprego explicitada por Libélula nesse ciclo dinâmico é algo que tem impactado e afetado muitos brasileiros, essa percepção para anunciar e denunciar esse fenômeno é mais uma expressão da imaginação política da participante. Frutuoso e Viana (2021) trazem dados sobre os indicadores da fome no Brasil e aponta a redução da fome no ano de 2013 e aumento em 2017, discorrendo sobre a importância de se discutir sobre o direito a terra e à água potável enquanto formas de possibilitar a produção e consumo de alimentos. Libélula continua essa produção imagética crítica e política sobre o direito à terra (e.g, “o roçar”) e à alimentação ao longo dos seus ciclos seguintes, como podemos observar a seguir.

Figura 10 - “É nesse lugar que estarei quando o mundo for cor de rosa”



FONTE: Foto cedida por Libélula

Fragmento 12

Brenda: “Vou expor a próxima foto, certo?”

Libélula: “((Assim que a foto aparece na tela, a participante começa a falar sobre a foto)) Ah, isso aí é minha casa da praia, isso aí é, tem a casa, **aí aqui é o terraço. Tá vendo? O telhadinho que é o terraço, ai mais frente é o jardim** ((Durante essa descrição a participante vai fazendo gestos com a mão para guiar através da imagem onde estão os elementos que ela vai citando)) **onde tem uma piscina, essa piscina essa hora da noite é pegando fogo, é quente, é o meu relaxamento, é a minha tranquilidade**, eu vou ‘pr’aí’, aí tomo meu banho, faço os meus exercícios, essa hora já não faço exercício, **fico só boiando, olhando o mundo, olhando aqui meu coqueiro maravilhoso, aqui do lado tem um mangue maravilhoso** ((Ainda me guiando com gestos com as mãos para mostrar os elementos e direção das coisas))”.

Brenda: “E sobre o futuro, o que a senhora imaginava quando escolheu essa foto?”

Libélula: “Eu só vejo no futuro **esperança de dia melhores, uma vida mais justa, sem homofobia, sem discriminação.**”

Conforme já foi apontado anteriormente, para imaginar podemos nos deslocar entre os tempos (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016), aqui ao escolher essa fotografia a participante se

desloca do momento atual em que estava na cidade, para retornar a vivência de contemplação do fim do dia, da natureza em sua casa de praia.

Existe nesse fragmento o **décimo terceiro ciclo dinâmico** onde Libélula faz um deslocamento em direção a temporalidade referente ao passado, durante o qual ao explicar os elementos que o compõe, Libélula, mais uma vez, se lança em uma expressão corporificada para revisitar em sua imaginação esse local e suas experiências nele. Podemos ser transportados junto com Libélula para esses momentos de fim de tarde em sua casa, a sua ocupação corporal desse lugar que demarca seu lugar de fuga da pandemia e é sinônimo de tranquilidade e segurança para ela a cada evocação, sua casa de praia é um lugar seguro em que ela descansa o corpo. Identificamos assim que o momento em que ela está envolvida em um processo imaginativo, não há uma separação de imaginação e corpo, não há um limite claro entre a imaginação no pensamento e em ações físicas exploratórias (GFELLER; ZITTOUN, 2020).

A plausibilidade e a generalidade da participante tendem sempre a serem direcionadas para contextos possíveis (plausibilidade) e específicos (generalidade) de sua realidade, o que demonstra que o processo imaginativo dela ocorre ancorado em sua realidade social, ela integra o bem-estar físico e mental com a possibilidade de imaginar um futuro melhor.

Continuando o debate anterior sobre o aspecto crítico e político de sua imaginação, podemos indicar que aqui mais uma vez ela demarca a importância de ter um local no mundo em que o sujeito possa ter essa referência de ser um local seguro para existir, tendo seus direitos garantidos e conseguindo encontrar sentido e prazer em atividades rotineiras.

Acontece ainda o **décimo quarto ciclo dinâmico** com temporalidade para o futuro no trecho: “Eu só vejo no futuro esperança de dia melhores, uma vida mais justa, sem homofobia, sem discriminação”. Nesse ciclo, Libélula ancora sua imaginação em uma generalidade menos específica, apresentando um conteúdo referente a seus ideais mais abstratos voltados à justiça social e esperança, bem como um conteúdo plausível para ela almejar considerando suas expectativas políticas de mudança do cenário social e político atual,

Percebemos que se para o passado anterior ao governo atual Libélula olha com saudosismo, para o futuro ela apresenta desejos de mudanças estruturais, governamentais e sociais a partir de uma perspectiva de melhorias nas condições de vida da população. Seguimos assim para a análise da terceira imagem enviada por ela sobre o futuro imaginado.

Figura 11 - “A natureza se ‘amostrando’ no meu jardim”



FONTE: Foto cedida por Libélula

Fragmento 13

Brenda: “O que a senhora estava imaginando sobre o futuro quando escolheu essa foto?”

Libélula: “Rapaz, eu consigo olhar assim, se eu escrevi alguma coisa eu não me lembro, porque agora, **também as pessoas mudam de opinião, de pensamento, de desejo, para mim isso é o que as pessoas vão poder estar no futuro, jovens principalmente, mas também os velinhos nem que seja deitado na cama, viajam na imaginação, mas eu vejo como um futuro de voo para uma coisa melhor, um mundo mais justo.**”

Brenda: “Então, pensando nesses velinhos, a imaginação é algo que ajuda?”

Libélula: “Claro, muitas vezes **eu aqui fecho o olho e ó, deitadinha aqui na minha cama, eu vou para outros mundos, outras dimensões.**”

Podemos utilizar esse fragmento para destacar o papel da imaginação para a participante, a concepção dela de que “viajam na imaginação” é similar à adotada no presente estudo, onde nos baseamos na compreensão de que durante o ciclo dinâmico o sujeito se

desconecta do aqui-e-agora para explorar realidades alternativas ou potenciais, explorando

outros contextos, lugares, de forma a quando retorna ao aqui-e-agora ser capaz de expandir a sua experiência (ZITTOUN; CERCHIA, 2013), Libélula vivência esses outros mundos e voa em direção a algo melhor para o nosso futuro.

Quanto à análise da foto, podemos destacar que utilizando esse recurso simbólico Libélula transmite sua vontade de voar por outros mundos, tal qual a Libélula em sua foto pode voar pela sua horta. Essa foto foi feita em sua casa no município de C. - PE, mas o seu alcance parece extrapolar o meio físico no qual Libélula se encontra no momento em que conversa com a pesquisadora e permite esse deslocamento do momento atual de entrevista com a pesquisadora, para o passado (temporalidade) de quando fez essa foto, apresentando assim uma generalidade específica (a escolha pela foto de algo que ela vivencia em seu jardim) e plausível dentro do momento em que ela ainda estava realizando o isolamento social e passando a maior parte do seu tempo em casa enquanto aguardava pela terceira dose da vacina, no período já anunciada e disponibilizada para sua faixa etária.

Durante esse ciclo dinâmico, encontramos uma temporalidade direcionada ao futuro, esse futuro que nos reserva coisas melhores, a generalidade é sobre algo mais abstrato e genérico (o mudar de opinião, se transformar, voar para um mundo melhor), sendo plausível imaginar um futuro melhor agora com a chegada da vacinação e a expectativa de superar a pandemia, achado esse também presente em pesquisa Souza et al (2021) sobre essa expectativa por um tempo melhor ser algo que os idosos estão esperando após a vacinação.

Quanto à corporeidade, observamos que ela desempenha atividades prazerosas, como cultivo da sua horta, contemplação dos animais, como forma de registrar isso ela faz fotografias dos visitantes do seu jardim. Sobre sua visão da imaginação, ela destaca que é possível mesmo deitada em sua cama de olhos fechados visitar e vivenciar outras experiências através da imaginação, observamos aqui mais uma vez a corporeidade relacionada a atividades prazerosas e ainda que essas atividades têm caráter protetivo para a vivência do isolamento social.

No que diz respeito a sua marca de imaginação crítica política, podemos interpretar que em sua fala sobre “também as pessoas mudam de opinião, de pensamento, de desejo, para mim isso é o que as pessoas vão poder estar no futuro /.../ eu vejo como um futuro de voo para uma coisa melhor, um mundo mais justo”, podemos relacionar ao que estamos vivenciando com a grande campanha para que jovens façam seus títulos eleitorais na perspectiva de que assim eles possam exercer sua cidadania e também dentro de uma expectativa por mudanças no cenário político, na mudança da visão política atual para uma escolha política pautada em ações para um Brasil mais justo.

Para finalizar a explanação sobre a resposta da participante sobre o futuro, discutiremos agora sobre o texto elaborado por ela e enviado juntamente com as fotos para composição da ferramenta “Álbum: Era uma vez a vida com a pandemia”. Segue o texto na íntegra e as discussões realizadas entre pesquisadora e participante com base nele:

“Pra começo de conversa não sou muito chegada no futuro, agora é meu lema. Mas vamos lá, vejo uma velhinha num jardim, empunhando não mais um borrifador de álcool, é água que tem ali e ela cuida das suas plantas. Não existe máscara escondendo seu sorriso, a pandemia acabou e no mundo reina a paz. Em algum momento senta num banco e acende um baseado, liberado e prescrito pelo médico. Lembra o ano de 2021, sacoleja a cabeça afastando a memória e pula para 2022. O país passou por uma mudança radical, as pessoas comem e trabalham, estudam e se divertem, todos se respeitam. Olhando para o céu vê que uma estrela brilha. É assim que vejo meu futuro”.

Fragmento 14

Brenda: “Pois então vamos ler o seu texto sobre o futuro”.

Libélula: ((Participante começa a ler rápido)) **Eu não gosto de tá pensando no futuro não.**

Brenda: Mas por que? Nunca gostou ou é algo de agora?

Libélula: “**Não, nunca gostei não, eu sempre fui muito do agora.** O máximo que eu planejo, por exemplo, eu não compro nada a prazo, por exemplo, 3 meses, **o futuro a gente não sabe, eu sei o que eu tô fazendo agora, hoje. Amanhã eu não sei de nada, ai eu não sou muito chegada não ao futuro, o agora é meu lema** ((Participante volta a ler o texto)). **Olha já tô sem o borrifador de álcool, a pandemia já se afastou, tá vendo? É uma coisa boa. O pouco que eu planejo é tirar a máscara e andar na rua, poucas vezes eu fui ao supermercado, mas eu ficava olhando para as pessoas e pensando “eu conheço essa pessoa ou não conheço”, é muito chato. ‘Sacolejo a cabeça para afastar 2020’** ((Nesse momento a participante reproduz o movimento com a cabeça enquanto lê e explica)) **eu sacolejo a cabeça porque eu não quero, para tirar essa lembranças.** ((volta a ler)) **E pula para 2022, as pessoas comem e trabalham por que? Aí vem a pergunta? As pessoas vêem uma estela e essa estela é vermelha,**

essa estrela é o PT, essa estrela é Lula que vai chegar. ((sorrindo volta a ler)) É assim que eu vejo meu futuro. é assim que eu vejo meu futuro.”

A dimensão da corporeidade se faz presente durante a vivência de desacoplar do aqui e agora de outubro de 2021 para imaginar um futuro que contém elementos ainda não vivenciados. Nesse momento, Libélula nos apresenta dois ciclos imaginativos marcados por uma corporeidade que explicita as mudanças que ela deseja para o futuro, onde ela indica uma série de comportamentos corporais referentes a mudanças no seu padrão de hoje, seja pela demarcação de não mais utilizar álcool em gel nas suas mãos e máscara no seu rosto, indicando atividades prazerosas que irá desenvolver, e também é direcionada para corporeidade do corpo do outro relacionando a mudança do contexto social, político e econômico que espera que o país viva após as eleições, indicando que esse outro poderá trabalhar, estudar e se alimentar nesse futuro.

Consideramos que ela faz dois ciclos dinâmicos: o primeiro é o **décimo sexto ciclo dinâmico** que consiste na sua imaginação sobre si, onde ela se imagina no futuro não mais utilizando um borrifador de álcool. A participante consegue imaginar uma realidade diferente da vivenciada no momento atual, outubro de 2021, quando o uso da máscara era obrigatório e não havia ainda uma perspectiva de que fosse ser autorizado deixar de usá-las. E além de conseguir imaginar um futuro em que não fosse mais necessário o uso rigoroso de tais medidas preventivas, ela ainda realiza uma associação positiva quando atribui a qualidade de que isso é “uma coisa boa”.

Sobre a dimensão analítica da temporalidade esse é um ciclo dinâmico direcionado para um futuro, futuro esse que ela se imagina em segurança e longe da crise sanitária da COVID- 19, apresenta enquanto generalidade um conteúdo que pode ser apontado como específica por se tratar de algo que ela imagina vivenciar no seu cotidiano e é plausível dentro de seu contexto sociocultural em que a vacinação contra a COVID-19 aparece enquanto esperança para o retorno da “vida normal” das pessoas.

Há ainda o **décimo sétimo ciclo dinâmico** que também está direcionado ao futuro, quando ela descreve como imagina o mundo e chega a nomear o ano em que se imagina, a participante durante o ano de 2021, passa a se imaginar no ano de 2022, expandido a vivência atual. Nesse ciclo dinâmico a generalidade é abstrata, pois aborda de forma generalista o pós-pandemia, apresentando seus desejos para o futuro dentro dos seus ideais políticos, expondo sua visão sobre a transformação sociopolítica que ela defende ao longo de todas as suas produções, e se faz plausível dentro do universo semiótico de Libélula, Ela ainda destaca o

contexto histórico de que em 2022 haverá a eleição presidencial no Brasil, ela demonstra sua expectativa por mudanças no governo e percebe em 2022, através do voto, o momento para romper com o ciclo de crise sanitária, política e moral que vivemos.

Mais uma vez, a fim de uma síntese do que foi exposto acima, abaixo segue um quadro resumo com os ciclos dinâmicos e as dimensões analíticas discutidas ao longo deste tópico.

Quadro 4 - Quadro síntese de ciclo dinâmico e dimensões analíticas 2

Dado	Trecho do ciclo dinâmico	Dimensões analíticas
Figura 9 e fragmento 11	12º ciclo dinâmico “Então o que o Brasil precisa é comida no prato e as mãos desarmadas, prontas e livres para trabalhar, para roçar, aí também isso simboliza o que eu gosto: da minha horta”	Temporalidade: Futuro Generalidade: Específico Plausibilidade: Possível Corporeidade: Atividade prazerosa e corpo do outro
Figura 10 e fragmento 12	13º ciclo dinâmico “Isso aí é minha casa da praia, isso aí é, tem a casa” “Eu vou par’ aí, aí tomo meu banho, faço os meus exercícios “Aí aqui é o terraço. Tá vendo? O telhadinho que é o terraço, aí mais frente é o jardim” 14º ciclo dinâmico “Eu só vejo no futuro esperança de dia melhores, uma vida mais justa, sem homofobia, sem discriminação”	Temporalidade: Passado Generalidade: Específico Plausibilidade: Possível Corporeidade: Atividade prazerosa Temporalidade: Futuro Generalidade: Genérico Plausibilidade: Possível
Figura 11 e fragmento 13	15º ciclo dinâmico “Eu vejo como um futuro de voo para uma coisa melhor, um mundo mais justo.” “Eu aqui fecho o olho e ó, deitadinha aqui na minha cama, eu vou para outros mundos, outras dimensões”	Temporalidade: Futuro Generalidade: Genérico Plausibilidade: Possível Corporeidade: Atividade prazerosa
Produção textual e fragmento 14	16º ciclo dinâmico “Vejo uma velhinha num jardim, empunhando não mais um borrifador de álcool, é água que tem ali e ela cuida das suas plantas. Não existe máscara escondendo seu sorriso” 17º ciclo dinâmico “A pandemia acabou e no mundo reina a paz.(...) Lembra o ano de 2021, sacoleja a cabeça afastando a memória e pula para 2022. O país passou por uma mudança radical, as pessoas comem e trabalham, estudam e se divertem”	Temporalidade: Futuro Generalidade: Específico Plausibilidade: Possível Corporeidade: Atividade prazerosa Temporalidade: Futuro Generalidade: Genérico Plausibilidade: Possível Corporeidade: Corpo do outro

FONTE: A autora (2022).

Aqui apresentamos a etapa da análise em que os conteúdos imaginados pela participante sobre o futuro estão relacionados a sentimentos de esperança sobre o fim da pandemia e melhorias no que diz respeito ao cenário sócio-econômico do país. Ela também

imagina

continuar desempenhando atividades significativas que iniciou durante o período de isolamento, como cultivar sua horta e se imagina se sentindo segura para deixar de utilizar a máscara e o álcool em gel.

Ao longo desses dois últimos subtópicos foi possível alcançar a proposta do terceiro objetivo específico: “Caracterizar a dinâmica imaginativa (ciclo dinâmico imaginativo, temporalidade, plausibilidade, generalidade e corporeidade) de uma pessoa idosa sobre a vida após a COVID-19”.

Considerando as questões disparadoras foram identificamos sete ciclos dinâmicos com temporalidade direcionada para o passado, dos quais seis possuíam uma generalidade de conteúdo específico, ou seja baseada em vivências pessoais da história de vida da participante, e todos apresentaram plausibilidade dentro do possível para o contexto social e ideais políticos de Libélula, no que diz respeito à corporeidade, nessa dimensão houve a prevalência de uma imaginação sobre o próprio corpo envolvido em atividades prazerosas e no isolamento seguro. Foram identificados ainda seis ciclos dinâmicos de temporalidade voltada para o futuro, sendo que nestes houve prevalência de generalidade com conteúdos genéricos (quatro) e todos também se enquadram em uma plausibilidade dentro do possível de se esperar diante do contexto que a participante e a sociedade vivenciavam em 2021.

As análises presentes nesse tópico já podem nos fazer ter um vislumbre sobre outro conceito importante da teoria de Zittoun e colaboradores, que está relacionado à mobilidade simbólica (ZITTOUN, 2020), como observamos no trecho em que Libélula fala sobre a imaginação enquanto uma forma de viajar por outros mundos, tal conceito e categoria de análise do ciclo dinâmico imaginativo será exposta e debatida no tópico a seguir.

5.1.3 - Mapeando a mobilidade simbólica e geográficas ocupados antes, durante e depois da pandemia

Por fim, iremos analisar a mobilidade presente na dinâmica imaginativa da participante. Segundo Zittoun (2020), a mobilidade é o movimento das pessoas em áreas geográficas, e esse movimento pode acontecer tanto no meio sociomaterial quanto no meio semiótico, ou seja, a mobilidade geográfica e a mobilidade simbólica.

Pedersen e Zittoun (2021) destacam que mesmo diante de uma pandemia global em que as pessoas passam por restrições de mobilidade, necessitando ficar no mesmo local geográfico realizando o isolamento social, elas podem explorar lugares e futuros distantes, através justamente da mobilidade simbólica.

Durante todos os encontros a participante encontrava-se geograficamente em sua casa no município de C. - PE, porém a maioria das produções realizadas, seja através de fotos, imagens e da sua narrativa durante as entrevistas eram direcionadas a outros locais geográficos e as suas experiências nestes. Então através dos encontros com a pesquisadora, bem como das perguntas disparadoras e da proposta do “Álbum: Era uma vez a vida com a pandemia” a participante de forma imobilizada geograficamente realizou deslocamentos simbólicos por outros locais, vivências e tempos diferentes da restrição imposta no aqui-e-agora, realizando assim expansões de experiências.

Iremos abordar a mobilidade simbólica da participante durante os ciclos dinâmicos imaginativos descritos anteriormente, destacando que conforme apontado por Zittoun, Grossen e Salamin (2021), essa mobilidade pode ser ancorada em objetos materiais e recursos simbólicos, auxiliando na regulação emocional, desencadeando explorações imaginárias sobre o passado e sobre possibilidades para o futuro, mantendo ou criando esferas de experiências e contribuindo para o senso de auto continuidade.

Libélula se utiliza de diferentes recursos, tanto objetos materiais e recursos simbólicos como a utilização de fotografias pessoais, quanto de uso de imagens disponíveis na internet, como também de recursos socioeconômicos, como possuir mais de uma casa e também um carro, para ancorar a sua mobilidade simbólica, de forma a explorar o passado e o futuro e assim expandir sua experiência de enfrentamento a pandemia da COVID-19, mesmo em momentos em que esteve com a mobilidade geográfica restrita.

Identificamos que Libélula, ao longo dos encontros e de sua produção imagética, realiza deslocamentos por entre as esferas de experiência, sejam estas anteriores a pandemia, criadas durante a pandemia e também direcionadas para o futuro. Definimos assim que a mobilidade simbólica dela a permitiu, no ano de 2021, explorar lugares e vivências pessoais do ano de 2020, bem como uma prospecção sobre o local em que estaria no ano de 2022.

Ao utilizar fotos feitas por ela em momentos anteriores à entrevista, ela pode revisitar e nos levar com ela até a sua casa de praia, localizada em P. - Pernambuco, se deslocando no tempo para o momento da chegada da pandemia (figura 6). Ao realizar esse movimento, ela se desloca através das esferas de experiências criadas para enfrentar a pandemia e identificamos que estas estão relacionadas à sua proteção e segurança, bem como a emergência de ser criativa e desenvolver atividades para se engajar durante o período de isolamento, destacando as idas à praia, realização de meditações e exercício, além da construção de uma horta.

Identificamos ainda que a esfera de experiência referente à importância do cultivo da horta é uma esfera de experiência que ela mantém, mesmo após retornar a sua casa principal (localizada em C), o que podemos compreender como uma expansão da experiência, visto que foi algo que ela desenvolveu durante o início da pandemia e continua fazendo no momento atual e expandindo para outros locais além do inicial. Então, sua mobilidade simbólica permitiu que essa esfera de experiência não fosse apenas distal, mas também uma esfera que se mantém proximal mesmo com sua mudança geográfica, essa mobilidade foi ancorada através das figuras 7 e 11.

Ainda referente à manutenção de esferas de experiência possibilitadas através da mobilidade simbólica de Libélula, destacamos que a esfera de experiência referente à proteção e segurança é ainda ressignificada pela participante que ao escolher a foto 10 como o local que ela quer retornar, agora não mais para fugir da pandemia, mas sim para viver e esperar um futuro melhor.

Mesmo nos momentos em que sua mobilidade geográfica está reduzida, Libélula faz uso da captura de fotos para registrar esses locais e expandir sua experiência tanto no momento em que vivenciou, quanto ao revisitar essas ferramentas semióticas e dar um novo significado a sua história de enfrentamento da pandemia, possibilitando assim, através dos locais e atividades desenvolvidas nestes, a criação de significados em meio à crise vivenciada pela pandemia da COVID-19. Percebemos que essa significação acontece tanto do ponto de vista material e social como também existencial a fim de manter o seu senso de auto continuidade diante (ZITTOUN, GROSSEN; SALAMIN, 2021).

Libélula nos apresenta uma realidade sociomaterial que passou por modificações e sua adaptação às novas formas de manter relações sociais. Libélula, em outubro de 2021, ainda não se sente pronta para retornar ao convívio com muitas pessoas, e refere que uma alternativa para expandir sua mobilidade e estar presente nos encontros que suas amigas já realizam é através de videochamadas que possibilitam sua mobilidade simbólica e participação nesses momentos, mesmo ainda escolhendo manter uma mobilidade geográfica restrita. É através dessa modalidade de mobilidade que ela interage com amigas, o que nos mostra que a mobilidade simbólica dela não está totalmente restrita por sua mobilidade geográfica.

Agora queremos introduzir uma análise sobre os processos imaginativos visualizados através do recurso à cartografia, mais especificamente ao mapeamento do deslocamento geográfico de Libélula, expressado através da sua narrativa, ou seja, está relacionado ao seu processo imaginativo. Quando assim dizemos, não desconsideramos seus deslocamentos

diários, que aqui também estão e foram mencionados. Mas consideramos imaginativos como construção simbólica que fez parte desta investigação.

Zittoun (2020) afirma que para analisar a mobilidade geográfica são considerados elementos reais e concretos, como o momento temporal que esse deslocamento aconteceu, as distâncias e locais físicos alcançados. Utilizaremos a pandemia como um marco temporal para explorar os locais que a participante se deslocou, dividindo essa mobilidade geográfica em antes da pandemia, durante a pandemia e posteriormente à pandemia, identificamos esses dados durante a entrevista e destacamos os seguintes fragmentos para criar os elementos do mapa cartográfico.

Fragmento 15

Brenda: “Gostaria que a senhora falasse quais os locais que antes da pandemia a senhora costumava andar. Pode me dizer bairros e cidades por onde a senhora andava?”

Libélula: “Eu andava **nesses mesmos lugares, C, P.**”

Brenda: “E os encontros com as amigas das senhoras eram onde?”

Libélula: “Eram **alguns restaurantes e bares em Recife, mas o que a gente mais vai é aqui casa em C. e na casa de outra amiga em Olinda**”.

Sobre sua mobilidade geográfica antes da pandemia, Libélula também refere que ia a restaurantes em C. - PE, então sua mobilidade geográfica antes da pandemia incluía seu deslocamento entre suas casas (C. e P., ambas em PE), ida a restaurantes e bares em Recife, idas à casa de uma amiga em Olinda e em Recife ela costumava ir a restaurantes, bares e na casa de um cunhado.

Ao longo de todos os encontros Libélula destaca que já era alguém de poucas saídas, em outro momento fala sobre a pandemia não ter alterado tanto sua rotina justamente diante de seu comportamento mais caseiro. Podemos, então, compreender que Libélula já era alguém que tinha uma mobilidade geográfica reduzida, não por uma imposição social ou situacional, mas por sua história de vida e sua personalidade.

Com a chegada da pandemia, a mobilidade dela passa por algumas alterações, ela refere estar se deslocando apenas entre suas casas e em C para alguns locais específicos como observado no fragmento a seguir:

Fragmento 16

Libélula: “Tenho um ex-marido que **ai eu vou para casa dele**. Porque eu tenho meu carro, **a hora que eu quiser sair eu sei que eu saio, mas minha saída é para comprar planta, pelo menos umas duas vezes na semana**. Quando quero, **já aconteceu de eu ir fazer minhas compras** ((supermercado) também, e **eu não fiquei assustada não**, e também tem um posto de gasolina aqui perto, que tem uma lojinha de conveniência, **ai eu me sento, como uma empada, tomo café, olho o povo** e depois venho embora.”

No início da pandemia, por volta do ano de 2020, Libélula refere que não saía, se isolou na casa de praia localizada em P. - PE durante todo o ano de 2020, e que essa mobilidade geográfica foi expandida após estar com as duas doses de vacina e retornar para sua casa de C. - PE, quando em 2021 passou a fazer esses deslocamentos pontuais, porém refere que ainda não se sente segura para ir em restaurantes ou visitar demais familiares e amigos em outubro de 2021, quando a coleta de dados aconteceu.

Podemos perceber que a pandemia está sendo para ela um contexto sociocultural que tem restringido sua mobilidade geográfica, diante da necessidade de isolamento social (ZITTOUN, 2020).

Fragmento 17

Brenda: “E quando a pandemia acabar a senhora se imagina andando para onde? Viajando?”

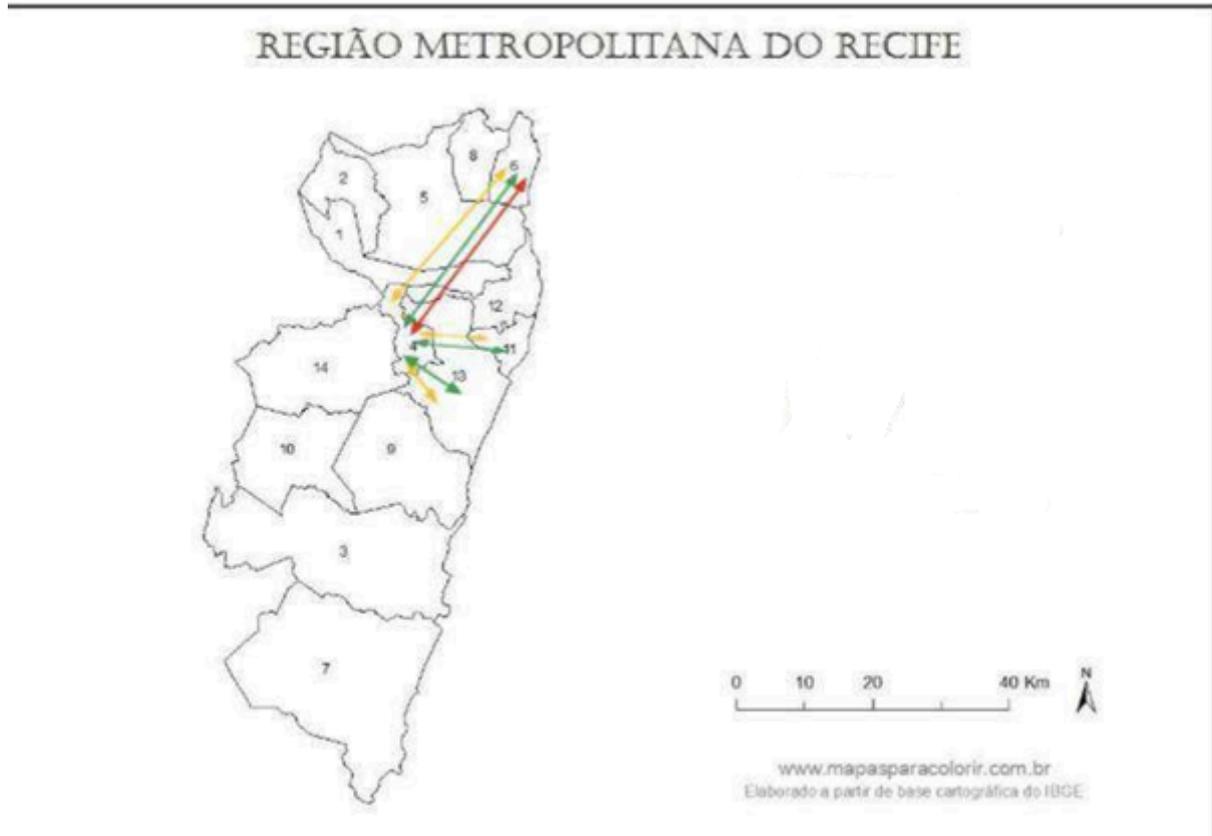
Libélula: “Não, o único lugar que eu gostaria de ir com tranquilidade é na casa do meu cunhado que minha irmã morreu, que é em Boa Viagem, desde a pandemia não vi mais ele, nem meus sobrinhos, **vou ver. Ai gostaria de ir passar um dia todo como eu ia antes, gostaria de ir lá, num sei se em um restaurante mesmo, comer um sushi, e conversar, ver as pessoas, olhar na cara de quem tá ali naquela mesa**”.

Como planos para um futuro em que possamos nos movimentar sem receios, Libélula deseja rever a família, se sentir segura para comer em um restaurante e poder ver e reconhecer rostos sem máscaras. Zittoun (2020) refere que há uma relação íntima e mútua entre mobilidade geográfica e a simbólica, onde a mobilidade geográfica pode ser orientada pela mobilidade simbólica e vice-versa, podemos citar como exemplos desse fluxo duas situações: quando eu sonho que fui ao cinema assistir a um filme, eu posso ao acordar ir ao cinema de fato, aqui a mobilidade simbólica orientou a mobilidade geográfica; um caso onde acontece o inverso (a mobilidade geográfica orienta a mobilidade simbólica) pode ser quando por já ter realizado uma viagem para fora do país, uma pessoa se imagina realizando novas viagens para outros países.

No caso de Libélula após tomar as duas doses de vacina, ela passou a ter menos medo de se infectar e desenvolver a doença em sua forma grave, o que ocasionou a possibilidade a partir de seus processos imaginativos, ou seja, sua mobilidade simbólica, considerarem minimamente seguro retomar alguns deslocamentos, ela pôde expandir sua mobilidade geográfica. E o mesmo movimento acontece ao retornar a sua mobilidade geográfica por mais locais, ela começa a se imaginar em um futuro em que seja possível sair em segurança e voltar a frequentar ambientes públicos sem o uso de máscara. Ela passa a fazer planos para expandir sua mobilidade geográfica novamente aos locais que ia antes da pandemia. Isso fica claro quando Libélula, nos fragmentos 16 e 17, representa uma vivência de estabilidade e de retomada da vida que vivia, de seu cotidiano: comprar plantas, ir a casa de seu ex-marido, visitar o cunhado e sobrinhos. Quando ela diz: "como eu ia antes" (Fragmento 17), antecipa hoje um futuro a ser vivido tal e qual no passado, com os deslocamentos imaginativos simbólico-geográficos que ela afetivamente e socialmente quer retomar.

Para auxiliar essa visualização, propomos o seguinte mapa para compreender esse movimento de Libélula com a chegada da pandemia no que diz respeito a sua mobilidade.

Figura 12 - Mapa de mobilidade geográfica de Libélula



FONTE: A autora (2022).

Legenda: Na cor **verde**, encontramos as regiões geográficas que a participante frequentava antes da pandemia, a saber: C. (4) sua casa e restaurantes, Recife (13), casa de amigas e familiares, e P. (6), sua casa de praia e a praia.

Na cor **vermelha**, estão as regiões geográficas em que a participante esteve durante a pandemia: em C. (4), após a vacina passou a sair de casa para café, loja de plantas e supermercado, e P. (6) no início da pandemia em sua casa de praia e praia.

Na cor **amarela**, temos as regiões geográficas em que a participante deseja estar quando a pandemia cessar, a saber: Recife (13), casa de familiar, encontrar com as amigas em sua casa ou na casa delas (P. e Olinda), além de restaurantes em C..

Observamos que tanto a mobilidade simbólica quanto a mobilidade geográfica dela acontecem em torno de experiências próximas de sua realidade primordial, ou seja, do concreto de suas possibilidades e rotinas anteriores à pandemia, criadas para enfrentar a pandemia e o futuro imaginado também se aproxima dessas esferas de experiências já existentes. Através das análises realizadas nesse tópico, foi possível atingir o objetivo específico quatro:

“Compreender a mobilidade simbólica e ilustrar através de um mapa cartográfico a mobilidade geográfica da participante durante a pandemia a partir de seus processos imaginativos”.

Para concluir, identificamos o **décimo oitavo ciclo dinâmico** de Libélula. Esse apresenta, seguindo o seu padrão de imaginação crítica política, um teor reflexivo sobre os impactos que a pandemia e como isso pode reverberar para a mobilidade e socialização das pessoas nesse período ainda de incertezas que foi vivenciado em 2021, conforme vemos a seguir:

Fragmento 18

Libélula: “Rapaz, eu queria encontrar com minhas amigas, com alguns parentes, a gente tem uma família pequena, mas eu ia querer encontrar com os parentes e a gente ir almoçar, conversar, abraçar, agora a gente já tá quase podendo, mas o que pandemia trouxe de ruim, quer dizer, fora tudo que trouxe de ruim, **foi o isolamento pessoal lá de dentro, enraizou, pelo menos comigo, enraizou o isolamento, eu agora gosto de tá só, eu agora não me vejo mais numa roda com amigos, bebendo, conversando, eu agora só quero saber do virtual, o virtual não me deixa sequelas, não me deixa doenças**, isso ficou não só em mim, ficou em muita gente, ficou **aquele egoísmo, aquela individualidade, aquela coisa para dentro, eu sinto que eu fiquei muito para dentro de mim mesma. Isso aí foi um lance muito ruim, desacostumar a conviver. (...) Eu acho que por muito tempo vai ficar, a desconfiança com o outro**, pensando: será que essa pessoa anda em lugar com muito... porque **essa doença não vai acabar num passe de mágica não**. Pode aparecer outras cepas, sei lá, então eu acho que por exemplo, **pode até voltar, se for para um bar cada um vai ficar no seu lugar, na família mesmo não vai mais ficar aquela aproximação**”.

Analisando essa fala conforme a concepção de mobilidade geográfica mínima (ZITTOUN, 2020) percebemos os impactos de uma restrição tão severa quanto a experimentada durante o início da pandemia onde o isolamento era necessário para garantir a segurança da própria vida e as marcas no imaginário que tal fenômeno deixou, além das modificações em esferas de experiência que foram adaptadas e criadas para viver essa situação de crise e que para a participante parece ainda difícil imaginar uma vida sem tais adaptações.

Sendo assim, essa fala de Libélula nos faz refletir sobre as marcas no imaginário

social e coletivo sobre a retomada de atividades, as mudanças nas formas de relação e o medo de que possamos novamente vivenciar um adoecimento tão letal. Libélula imaginava em 2021 ainda

um futuro em que a COVID-19 possa continuar representando um risco à saúde da população, também imaginava que diante dessa realidade a mobilidade acontecerá de forma mais segura dentro das possibilidades ofertadas pelo virtual, ou seja, de uma mobilidade simbólica, já quanto às esferas de experiência criadas para necessárias para enfrentar o isolamento social percebe-se pelo seu discurso que ela tem incorporado como aspecto presente na sua esfera primordial de experiência, promovendo assim uma expansão da experiência na forma de se perceber e relacionar com os outros.

Ao longo deste trabalho foi possível mostrar como uma idosa, que viveu a pandemia da Covid-19, imaginava seu futuro considerando o seu passado e o seu presente, sendo assim, realizando essa investigação em alinhamento com a teoria proposta por Zittoun e colaboradores, na qual a imaginação é o processo que nos permite deixar o aqui-e-agora para nos envolver e explorar passado e futuro e suas possibilidades ficcionais ou alternativas (ZITTOUN; GILLESPIE, 2016).

Nessa caminhada e construção junto com a nossa participante, pois consideramos que a imaginação ocorre na relação entre eu-outro (GFELLER; ZITTOUN, 2020), pudemos nos deslocar para diferentes momentos da pandemia da COVID-19, bem como os ajustamentos que ela dispunha e criou para enfrentar esse momento, realizando adaptações e criando esferas de experiência de forma a manter seu senso de auto continuidade, cuidando de sua saúde física e mental, dentro do seu contexto social de possuir uma rede de apoio fortalecida presencialmente pela família e virtualmente por amigas.

Foi possível identificar a relevância do uso de ferramentas materiais e semióticas, como a proposta possibilitada através do “Álbum: Era uma vez a vida com a pandemia”, enquanto possibilidade para orientar e estimular o processo imaginativo de Libélula, que apresentou ao longo de todos os encontros uma imaginação coerente com suas produções imagéticas e, principalmente com seus ideais sócio-políticos de forma crítica e defendendo um projeto de reflexão e conscientização sobre os rumos que nosso país tem tomado.

Através da ferramenta do “Álbum: Era uma vez a vida com a pandemia” e das entrevistas foi possível identificar que Libélula orienta seu processo imaginativo de forma a transitar entre o passado, caracterizando a chegada da pandemia como momento de medos, necessidade de isolamento social, necessidade de traçar estratégias para continuar desempenhando atividades prazerosas, mesmo diante da mobilidade geográfica estar reduzida, identificamos a relação entre a mobilidade simbólica e geográfica de forma a uma orientar e por vezes restringir ou expandir a outra. Sobre o futuro, Libélula apresenta uma imaginação marcada por expectativas positivas de superação da crise sanitária, mudanças no cenário

sociopolítico e econômico do país, além da possibilidade de retomada da “vida normal de antes da pandemia”, mas reconhecendo a permanência de alguns comportamentos e atividades desenvolvidos para o enfrentamento da pandemia, assim consideramos que o primeiro objetivo específico foi alcançado, ou seja, conseguimos identificar e analisar “como a idosa se imagina no futuro considerando o seu presente e a seu passado, a fim de identificar quais as atividades planejadas por ela se transformam e se mantêm”.

6 Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo geral “Investigar como se desenvolvem os processos imaginativos de uma pessoa idosa sobre a vida após a vivência da pandemia da COVID-19”, pois compreendemos que as pessoas idosas foram por diversos momentos os protagonistas de muitas situações de incerteza e ameaça a continuidade de suas vidas. Diante disso, destacamos a importância de pesquisas que tenham o duplo objetivo de construção de dados científicos e também de criar espaços para trocas e valorização da experiência desses sujeitos.

O objetivo geral e os objetivos específicos foram atingidos e a imaginação se mostrou enquanto um processo cognitivo essencial para o enfrentamento criativo e de forma adaptativa para a participante, destacando que a imaginação é uma função mental superior, que se mostrou intrinsecamente relacionada à criatividade, aos aspectos socioculturais, políticos e materiais presentes na história de vida de Libélula. Ela, através dos seus processos imaginativos, pôde, ao longo de toda a pandemia e durante os encontros remotos com a pesquisadora, expandir sua experiência com base na exploração de experiências passadas e futuros alternativos a vivência do aqui-e-agora, construir significados que a ajudaram a lidar com a situação de crise imposta pela pandemia da COVID-19 e, acreditamos, que assim obter novas possibilidades de enfrentamento para outras situações de ruptura.

Destacamos aqui o comprometimento ético e científico já abordado por Zittoun e Baucal (2021) de que as pesquisas com a população idosa facilitem espaços para fortalecer a integração, autonomia, valorização de suas experiências e significados atribuídos por eles. Mesmo acontecendo através do meio remoto, essa pesquisa se mostrou um espaço em que Libélula pôde se expressar livremente, demarcando sua concepção sobre a vida e os impactos da pandemia, sua avaliação do enfrentamento proposto pelas instituições governamentais para essa crise sanitária, bem como a relação entre a pesquisadora e a participante e as ferramentas propostas foram mediadores para a transformação e expansão de experiência da participante.

Essa pesquisa buscou ainda apresentar reflexões sobre a relação e influência mútua entre a imaginação e a mobilidade das pessoas, identificando momentos e situações sociais em que a pandemia restringiu a mobilidade geográfica da participante, mas que através de sua mobilidade simbólica ela pôde romper com essas limitações e construir significações e estratégias protetivas para auxiliar o seu enfrentamento de questões como o isolamento social e assim orientar a sua mobilidade para a expansão e possibilidade de imaginar o retorno a vida que levava antes da pandemia.

Além da transformação e expansão da experiência da participante, destacam-se ainda as expansões de experiências promovidas e geradas por essa pesquisa para a pesquisadora, que a partir dos encontros com Libélula, teve contribuições para a formação acadêmica, pessoal e enquanto profissional da assistência hospitalar, que ao longo dos anos tem atuado tanto no contexto da pandemia quanto nos momentos em que o sistema não está sobrecarregado com essa demanda direcionada para a população idosa. Libélula nos faz refletir sobre o posicionamento político e crítico que a pessoa idosa constrói ao longo de toda sua trajetória, bem como seu aspecto criativo que é pautado em muito pela sua longa experiência de vida e como essas pessoas podem nos ensinar, desde que estejamos atentos e abertos a ouvir sua voz. Diante do exposto, esperamos que esse trabalho possa contribuir com a atuação dos profissionais de saúde tanto no contexto de novas crises sanitárias como a da COVID-19, quanto em outros momentos de rupturas para essa população, como internamento hospitalar e luto, por exemplo, a fim de que exista uma melhor oferta de assistência a saúde mental e física dessas pessoas, considerando-as seres ativos e que têm direito de estar presentes e participando das decisões referentes ao seu processo de adoecimento e história de vida. Ademais, espera-se contribuir para a Psicologia Cognitiva tanto no que diz respeito a metodologias para construção e coleta de dados de forma remota, quanto corroborando para construção e fortalecimento de teorias sobre o processo cognitivo da imaginação em diversos contextos e cenários, promovendo assim uma expansão teórica, metodológica e empírica para esse ramo da Psicologia Cognitiva.

Por fim, enquanto desafios, destacamos as dificuldades de produzir ciência em meio a um cenário de crise sanitária, econômica e política pelo qual o Brasil está passando, principalmente diante dos impactos emocionais que a vivência da pandemia tem repercutido para a saúde mental de todos, ademais a necessidade de reformulação e adaptação necessárias durante os dois anos de mestrado (2020-2022) onde todo o processo de aulas, orientações e coleta de dados foram realizados através de meios digitais. Junto a essa realidade acadêmica, estive durante esses dois anos na atuação direta com pacientes e familiares no contexto de

hospitalização por COVID-19, o que, por muitas vezes, ocasionou sobrecarga emocional e luto profissional na minha trajetória.

Reconhecemos que a escolha metodológica da apresentação e análise de um estudo de caso único apresenta-se como uma limitação deste estudo, ao tempo em que notamos como é importante aprofundar essa investigação através de estudos de casos múltiplos e, enquanto um direcionamento para a continuidade dessa pesquisa, percebemos a potencialidade de desenvolver mais estudos em que a imaginação e a mobilidade sejam relacionadas, pois nosso estudo já aponta para um caminho em que esses processos indicam a possibilidade de romper barreiras situacionais, físicas e simbólicas, promovendo a superação dessas por meio da expansão de experiências através de processos imaginativos.

Para finalizar, iremos deixar mais uma vez um trecho da entrevista realizada na etapa 3, em que Libélula já nos conta sobre o potencial da imaginação em nossas vidas: “Muitas vezes eu aqui fecho o olho e ó, deitadinha aqui na minha cama, eu vou para outros mundos, outras dimensões”. Que assim como Libélula, nós possamos realizar voos e viagens através da nossa imaginação de forma a resultar como desfecho em mudanças sociais, econômicas e políticas rumo ao que ela também nos convida a desejar: um mundo mais justo, onde todos tenham seus direitos garantidos e possamos viver dias melhores depois de tempos tão difíceis, que a vivência da pandemia nos permita, como foi para Libélula, uma maior sensibilidade aos outros e as nossas necessidades e potencialidades criativas de enfrentamento.

Referências

- AGUIAR, M. B. et al. “**Marcas (In) Visíveis**”: a dinâmica rememorativa-imaginativa na (re) construção do self dialógico dos adolescentes que praticaram autolesão. 2019. (Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia-Cognitiva). 212 f. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: [DISSERTAÇÃO Mariana Bentzen Aguiar.pdf \(ufpe.br\)](#). Acesso: 4 jul. 2023.
- AGUILERA, V. A; SILVA, H. C. As denominações para libélula, no Atlas linguístico do Brasil: um estudo sobre a motivação dos signos. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 65, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-5794-e13455>>. Acesso: 5 jul. 2023.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A Guerra não tem rosto de mulher**. Tradução de Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ARAUJO, C. P. et al. Fevereiro tem carnaval? Políticas públicas para o setor de turismo em Pernambuco decorrentes da pandemia da Covid-19. **Geo Uerj**, n. 39, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/geouerj>>. Acesso: 4 jul. 2023.
- BASTOS, L. S. et al. COVID-19 e hospitalizações por SRAG no Brasil: uma comparação até a 12ª semana epidemiológica de 2020. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00070120>> Acesso: 4 jul. 2023.
- BATISTA, G. D. M. (2019). **Processos imaginativos de educadora quanto à docência a crianças com a Síndrome Congênita do Vírus Zika**. 2019. (Dissertação de Mestrado - - Programa de Pós-Graduação em Psicologia-Cognitiva). 124 f. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <[DISSERTAÇÃO Gessivânia de Moura Batista.pdf \(ufpe.br\)](#)>. Acesso: 4 jul. 2023.
- BEZERRA, A. C. V. et al. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2411-2421, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10792020>> Acesso: 4 jul. 2023.
- BORGES, G. M.; CRESPO, C. D. Aspectos demográficos e socioeconômicos dos adultos brasileiros e a COVID-19: uma análise dos grupos de risco a partir da pesquisa nacional de saúde, 2013. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 10, p. 1-15, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00141020>>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença**. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobrea-doenca#como-se-proteger.d>. Acesso em: 28 maio 2020. (Descontinuado).
- CARVALHO, F. F. B.; FREITAS, D. D.; AKERMAN, M. O “novo normal” na atividade física e saúde: Pandemias e uberização? **Movimento (Porto Alegre)**, v. 27, e27022, 2021. Disponível em: <[O "novo normal" na atividade física e saúde: pandemias e uberização? | Movimento \(Porto Alegre\);27: e27022, 2021. | LILACS \(bvsalud.org\)](#)>. Acesso: 4 jul. 2023.

CARVALHO, J. F. **Processos imaginativos de uma paciente com câncer sobre cuidados paliativos**. 2019. (Dissertação de Mestrado - - Programa de Pós-Graduação em Psicologia-Cognitiva). 93 f. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <[DISSERTAÇÃO Josene Ferreira Carvalho.pdf \(ufpe.br\)](#)>. Acesso: 4 jul. 2023.

CATAIA, M. Civilização na encruzilhada: globalização perversa, Desigualdades socioespaciais e pandemia. **Tamoios**, v. 16, n. 1, p. 232-245, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50742>>. Acesso: 4 jul. 2023.

CORNEJO, C. From fantasy to imagination: A cultural history and moral for psychology. In: WAGONER, B.; LUNA, I. B.; AWAD, S. H. (ed.). **The psychology of imagination: history, theory, and new research horizons**. North Carolina: Information Age Publishing, p. 3- 44, 2017. Disponível em <([PDF](#)) [From Fantasy to Imagination: A Cultural History and a Moral for Psychology \(researchgate.net\)](#)>. Acesso: 4 jul. 2023.

FREITAS, A. R. R.; GIOVANETTI, M.; ALCANTARA, L. C. J.. Variantes emergentes do SARS-CoV-2 e suas implicações na saúde coletiva. **InterAmerican Journal of Medicine and Health**, v. 4, 2021. Disponível em: <[181-Article-Text-952-1-10-20210208-1.pdf \(conasems.org.br\)](#)>. Acesso: 5 jul 2023.

FREITAS, M.; SILVA, M.; SERAFIM, E. Análise estatística do número de casos e óbitos novos no estado de Pernambuco: sucesso ou fracasso ao combate da covid-19? **Enciclopédia Biosfera**, Jandaia-GO, v. 18, n. 35, p. 1-11, 2021. Disponível em: <[ANÁLISES ESTATÍSTICAS DO NÚMERO DE CASOS E ÓBITOS NOVOS NO ESTADO PERNAMBUCANO: SUCESSO OU FRACASSO AO COMBATE DA COVID-19? | ENCICLOPEDIA BIOSFERA \(conhecer.org.br\)](#)>. Acesso: 5 jul. 2023.

FRUTUOSO, M. F. P.; VIANA, C. V. A. Quem inventou a fome são os que comem: da invisibilidade à enunciação—uma discussão necessária em tempos de pandemia. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/interface.200256>>. Acesso: 5 jul. 2023.

GFELLER, F.; ZITTOUN, T. The Embodied Dimension of Imagination. Expanding the Loop Model. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, 50, p. 73-88, 2020. Disponível em: [The Embodied Dimension of Imagination. Expanding the Loop Model | SpringerLink](#). Acesso: 5 jul. 2023.

HAMMERSCHMIDT, K. S. A.; BONATELLI, L. C. S.; CARVALHO, A. A. Caminho da esperança nas relações envolvendo os idosos: olhar da complexidade sobre a pandemia da COVID-19. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 29, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.281>>. Acesso: 5 jul. 2023.

HAMMERSCHMIDT, K. S. A. et al. Idosos no cenário de incertezas da pandemia COVID-19: caminhos para esperança mediante o cuidado intergeracional. In: SANTANA R. F. (Org.). **Enfermagem gerontologica no cuidado do idoso em tempos da COVID 19**. 2ª ed. rev. Brasília, DF: Editora ABEn, p 172-177, 2020. (Serie Enfermagem e Pandemias, 2). Disponível em: <<https://doi.org/10.51234/aben.20.e02.c26>>. Acesso: 4 ju 2023.

LEÃO, L. R. B.; FERREIRA, V. H. S.; FAUSTINO, A. M. O idoso e a pandemia do Covid-19: uma análise de artigos publicados em jornais. **Brazilian Journal of Development**, v. 6,

n. 7, p. 45123-45142, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.34117/bjdv6n7-218>>. Acesso: 5 jul. 2023.

MARLENE, R. et al. Tecnologia e inovação ao serviço de saúde. Exercício. Pandemia COVID-19 Tecnologia Vs. Isolamento Social. **Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais**, s/l (Digital), 2019. Disponível em: <[TECNOLOGIA E INOVAÇÃO AO SERVIÇO DO EXERCÍCIO E SAÚDE. Exercício. Pandemia COVID-19. Tecnologia Vs. Isolamento Social - CORE TECNOLOGIA E INOVAÇÃO AO SERVIÇO DO EXERCÍCIO E SAÚDE. Exercício. Pandemia COVID-19. Tecnologia Vs. Isolamento Social - CORE](#)>. Acesso: 5 jul. 2023.

MASSUCHIN, Michele Goulart; CERVI, Emerson Urizzi. Confiança na mídia durante a pandemia de covid-19 no Brasil: adesão às mídias tradicionais e digital, aspectos socioeconômicos e a intersecção com a avaliação de governo. **Revista USP**, v. 1, n. 131, p. 65-80, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.i131p65-80>>. Acesso: 5 jul. 2023.

MASSUDA, E. M. et al. Representações sobre o idoso em mídia social durante a pandemia de Covid-19. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 23, p. 203-217, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.23925/2176-901X.2020v23i0p203-217>>. Acesso: 5 jul. 2023.

MELO, T. F. **Processos imaginativos de estagiária sobre a experiência de intervenção em psicologia clínica**. 2018. (Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia-Cognitiva). 137 f. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <[RI UFPE: Processos imaginativos de estagiária sobre a experiência de intervenção em psicologia clínica](#)> Acesso: 5 jul. 2023.

MENDES, José. Envelhecimento (s), qualidade de vida e bem-estar. In: MATOS, Tallys N. F. de. (Org.). **A Psicologia em suas Diversas Áreas de Atuação 3**, p. 132-144, 2020. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22533/at.ed.18320170611>>. Acesso: 5 jul. 2023.

MILLER, R. Introducing Vygotsky's cultural-historical psychology. In: YASNITSKY A., VAN DER VEE R.; FERRARI M. (Eds.), **The Cambridge Handbook of Cultural-Historical Psychology** (Cambridge Handbooks in Psychology, pp. 9-46). Cambridge: Cambridge University Press. Disponível em: <<https://doi.org/10.1017/CBO9781139028097.003>>. Acesso: 7 jul. 2023

MOURA, E. C. et al. Disponibilidade de dados públicos em tempo oportuno para a gestão: análise das ondas da COVID-19. **SciELO Preprints**, 2021. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.2316. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/2316>> Acesso em: 5 jul. 2023.

MOUTINHO, K.; BRECKENFELD, T. F. M.; LAURENDON, C. E. A “BOX OF SURPRISES”: Imagination and the Challenge of Practicing Psychology, In: VALÉRIO, T.; BASTOS, A. C. S.; TATEO, L. (Eds.). **From Dream to Action: Imagination and (Im) Possible Futures**, University Oslo, Federal University of Bahia, Oslo/Salvador, 2021. Disponível em: <[IAP || Book || From Dream to Action \(infoagepub.com\)](#)>. Acesso: 5 jul. 2023.

OLIVEIRA, A. S. A.; SILVA, V. C. L.; CONFORT, M. F. Benefícios da estimulação cognitiva aplicada ao envelhecimento. **Rev. Episteme Transversalis**, v. 8, n. 2, 2018. Disponível em: <[BENEFÍCIOS DA ESTIMULAÇÃO COGNITIVA APLICADA AO ENVELHECIMENTO | Semantic Scholar](#)>. Acesso: 5 jul. 2023.

OLIVEIRA, Josiane T. de; LIRA, Tatiane B. de; ABREU, Clézio, R. C. A saúde mental dos idosos em tempos de pandemia-covid-19. **Revista Coleta Científica**, v. 5, n. 9, p. 20-30, 2021. Disponível em: <[Metadados do item: MENTAL HEALTH OF THE ELDERLY IN TIMES OF PANDEMICS-COVID-19 \(ibict.br\)](#)>. Acesso: 5 jul. 2023.

PAES, C V. M. et al. Medidas epidemiológicas na contenção da Covid-19: um recorte no Estado de Pernambuco. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 12, p. e482101220799, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20799>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

PEDERSEN, O. C.; ZITTOUN, T. “I Have Been Born, Raised and Lived My Whole Life Here” – Perpetually on the Move While Remaining Still. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, p. 1-24, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s12124-021-09660-6>>. Acesso: 5 jul. 2023.

PEREIRA, M. D. et al. O isolamento social em tempos de COVID-19 e seu paradoxo com os grupos em vulnerabilidade social. **Caderno De Graduação - Ciências Humanas E Sociais - UNIT - SERGIPE**, 6(2), p.239, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/9034>>; Acesso em: 5 jul. 2023.

PERNAMBUCO. Boletim Nº 813, 2022. **Secretaria Estadual de Saúde (SES-PE)**., Disponível em: <[26.05.22 BOLETIM COVID-19 COMUNICAÇÃO SES-PE.pdf - Google Drive](#)>. Acesso: 4 jul. 2023.

PERNAMBUCO. Decreto nº 49.017, de 11 de maio de 2020. Dispõe sobre intensificação de medidas restritivas, de caráter excepcional e temporário, voltadas à contenção da curva de disseminação da Covid-19. **Boletim Geral da Secretaria de Defesa Social**, Recife. 2020. Disponível em: <[Decreto 49017 2020 de Pernambuco PE \(leisestaduais.com.br\)](#)>. Acesso: 5 jul. 2023.

PERNAMBUCO. Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) em Pernambuco, no Brasil e no Mundo. **Secretaria de Planejamento e Gestão**. 2020. Disponível: <https://dados.seplag.pe.gov.br/apps/corona.html> (descontinuado).

PERNAMBUCO. Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) em Pernambuco, no Brasil e no Mundo. **Secretaria de Planejamento e Gestão**. 2021. Disponível em: <https://dados.seplag.pe.gov.br/apps/corona.html> (descontinuado).

RAMOS, Ingrid. D. S. M. **Processos imaginativos de adolescente, em contexto de acolhimento institucional, acerca da vida adulta**. 2019 (Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia-Cognitiva). 137 f. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/34248>>. Acesso: 5 jul. 2023.

RONDEL, L. D. S. Las perspectivas nomotética e ideográfica en el trato a la realidad estudiada por las ciencias sociales. **La revista arbitrada Orientación y Consulta**, v. 9, n. 1, 2003. Disponível em: <[\(40\) LASPERSPECTIVASNOMOTÉTICAEIDEOGRÁFICA ENELTRATOALAREALIDADESTUDIADA PORLSCIENCIASSOCIALES | Pepe Villa - Academia.edu](#)> Acesso: 5 jul. 2023.

SACRAMENTO, A. M.; CHARIGLIONE, I. P. F. S. Intervenções físicas e cognitivas combinadas para melhora cognitiva no envelhecimento: Uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 9, n. 1, mar. 2019. Disponível em: <[v. 9 n. 1 \(2019\): Revista Brasileira de Psicologia do Esporte | Revista Brasileira de Psicologia do Esporte \(ucb.br\)](#)>. Acesso: 5 jul. 2023.

SATHLER, D.; LEIVA, G. C. Prioridade para futuras vacinações contra a Covid-19 no Brasil: os usuários de transporte público devem ser um grupo-alvo? **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 38, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0163>. Acesso: 5 jul. 2023.

SILVA, A. P. S.; MAIA, L. T. S.; SOUZA, W. V. Síndrome Respiratória Aguda Grave em Pernambuco: comparativo dos padrões antes e durante a pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 4141-4150, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.29452020>>. Acesso: 5 jul. 2023.

SILVA, E.C.N; MOUTINHO, K. GARVEY, A.P.P. Entre a conspiração do silêncio e a ditadura da verdade: processos imaginativos de uma criança com câncer sobre seu adoecimento (em elaboração).

SILVA, G. F. L. et al. Fortalecimento da inserção política e socio familiar do idoso: o papel dos grupos de apoio no desenvolvimento da autonomia e independência. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 22, p. e683-e683, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.25248/reas.e683.2019>>. Acesso: 5 jul. 2023.

SOUZA, J. N. de. **Processos imaginativos: a (re) construção de significados de um bombeiro sobre suicídio**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva). 115f. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38293>>. Acesso: 5 jul. 2023.

SOUZA, Jeane Barros et al. Significados da vacinação contra a COVID-19 para idosos imunizados na região sul do Brasil. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 29, p. 59823, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/reuerj.2021.59823>>. Acesso: 5 jul. 2023.

TISATTO, C. A.; LOPES, L. B.; BENTO, J. S. Políticas públicas de enfrentamento à pandemia: o debate sobre o impacto da covid-19 nos direitos humanos. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 51, p. 244-259, 2021. Disponível em: <[POLÍTICAS PÚBLICAS DE ENFRENTAMENTO À PANDEMIA: O DEBATE SOBRE O IMPACTO DA COVID-19 NOS DIREITOS HUMANOS | Humanidades & Inovação \(unitins.br\)](#)>. Acesso: 5 jul. 2023.

TATEO, L. Just an illusion? Imagination as higher mental function. **Journal of Psychology & Psychotherapy**, v. 5, n. 6, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.4172/2161-0487.1000216>>. Acesso: 5 jul. 2023.

TATEO, L. Seeing imagination as resistance and resistance as imagination. In: CHAUDHARY, N; HVIID, P.; VILLADSEN, J. (eds). **Resistance in Everyday Life**. Springer, Singapore. Springer, Singapore, p. 233-245, 2017. Disponível em: <http://doi.org/10.1007/978-981-10-3581-4_17>. Acesso: 5 jul. 2023.

UNICOVSKY, M. A. R. et al. Saúde do Idoso no Pós Pandemia: Estratégias de Enfrentamento. In: SANTANA, R. F. (Org.). *Enfermagem gerontológica no cuidado do idoso em tempos da COVID 19*. Brasília, DF: Editora ABen; 2021. 171 p. (Série *Enfermagem e Pandemias*, 5). Disponível em: <<https://doi.org/10.51234/aben.21.e05.c23>>. Acesso: 5 jul. 2023.

VALÉRIO, T. A. M. **Planejando uma aula de música: processos imaginativos em ação**. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva). 214f. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/36050>>. Acesso: 5 jul. 2023.

VALSINER, J. **An invitation cultural to cultural psychology**. Londres: Sage, 2014. Disponível em: <[00_Valsiner_BAB1401B0015_Prelims.indd \(sagepub.com\)](00_Valsiner_BAB1401B0015_Prelims.indd (sagepub.com))>. Acesso: 5 jul. 2023.

VALSINER, J. Culture in minds and societies. *Foundations of Cultural Psychology*, Sage Publications 2007. Disponível em <<https://doi.org/10.4135/9788132108504>>. Acesso: 5 jul. 2023.

VALSINER, J. **Fundamentos de uma psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida**. Tradução de Ana Cecília Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e criatividade na infância. Ensaio de Psicologia**. Tradução de João Pedro Fróis. Lisboa: Dinalivros, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **Imagination and creativity in childhood**. *Journal of Russian and East European Psychology*, 42(1), p. 7-97, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. Tradução P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. 1998

WILLRICH, J. Q. et al. O (des) governo na pandemia de COVID-19 e as implicações psicossociais: disciplinarizações, sujeições e subjetividade. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 56. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2021-0550>>. Acesso: 5 jul. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **COVID-19 situation in the WHO European Region**. 2020

XIANG, Y. T. et al Timely mental health care for the 2019 novel coronavirus outbreak is urgently needed. *The Lancet Psychiatry*, 7(3), 228-229. 2020. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30046-8](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30046-8)>. Acesso: 5 jul. 2023.

XIMENES, R. A. A. et al. Covid-19 no nordeste do Brasil: entre o lockdown e o relaxamento das medidas de distanciamento social. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 1441-1456, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232021264.39422020>>. Acesso: 5 jul. 2023.

ZITTOUN, T.; BAUCAL, A. The relevance of a sociocultural perspective for understanding learning and development in older age. **Learning, Culture and Social Interaction**, v. 28, p. 100453, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.lcsi.2020.100453>>. Acesso: 5 jul. 2023.

ZITTOUN, T.; CERCHIA, F. Imagination as expansion of experience. **Integrative Psychological and Behavioral Science**, v. 47, n. 3, p. 305-324, 2013. Disponível em:<<https://doi.org/10.1007/s12124-013-9234-2>>. Acesso: 5 jul. 2023.

ZITTOUN, T.; GILLESPIE, A. Imagination: Creating alternatives in everyday life. In: **The Palgrave handbook of creativity and culture research**. Palgrave Macmillan, London, 2016. p. 225-242.

ZITTOUN; GROSSEN; SALAMIN. Creating new spheres of experience in the transition to a nursing home. **Learning, Culture and Social Interaction**, 28, 100458, 2021. Disponível:<<https://doi.org/10.1016/j.lcsi.2020.100458>>. Acesso: 7 jul. 2023.

ZITTOUN, T. Imagination in people and societies on the move: A sociocultural psychology perspective. **Culture & Psychology**, v. 26, n. 4, p. 654-675, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1354067X19899062>>. Acesso: 5 jul. 2023.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevistas por encontros

Primeiro encontro (Roteiro 1)

Roteiro de perguntas para a primeira entrevista: Hoje gostaria de te conhecer um pouco, me fala sobre você? Quais coisas você gosta? Com quem você mora? Quais atividades você acha importante para sua vida? Como foi sua construção de vida até chegar em quem você é hoje? Como foi participar do Projeto O Recife que eu Vi? Você lembra qual foto escolheu, poderia descrevê-la novamente para mim? Por que escolheu essa foto? O que você sente ao olhar para essa foto? Quem você se considera hoje com base em tudo isso que me contou?

Segundo encontro (Roteiro 2)

Roteiro de entrevista: Hoje vamos conhecer um pouco mais do seu dia-a-dia, gostaria que me falasse sobre como era sua rotina antes da pandemia? Onde você ia? Como organizava seu dia? Com que pessoas tinha contato? Como você passava seu tempo livre? E agora com a pandemia como essas coisas ficaram? Aconteceram mudanças? Me fala um pouco sobre como vem vivenciando esse período de pandemia? Como foi a chegada da notícia da pandemia para você? Como foi para você participar do projeto O Recife que eu Vi em meio a tudo isso? Como você avalia a sua participação para seu enfrentamento da pandemia?

Terceiro encontro (Roteiro 3)

Roteiro de perguntas: Qual dessas imagens é sobre o que vivemos hoje? O que você quis transmitir quando fez essa produção? O que você acha que ela diz sobre o hoje? Me explica melhor esses elementos (citar cada um dos elementos)? O que eles representam? Então essa construção imagética representa o nosso amanhã para você? O que você quis transmitir quando fez ela? O que você acha que ela transmite para os outros? O que ela transmite para você? Me explica melhor esses elementos?

APÊNDICE B

Universidade Federal de Pernambuco Centro de Filosofia e Ciências
Humanas Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva

Questionário

Sociodemográfico

1. Identificação

Nome:

Ano de nascimento:

Gênero: Masculino Feminino outro

Estado Civil: Casado/a Solteira/o Separado/a Divorciado/a União estável
 Viúvo/a

Local de Nascimento:

Religião:

Escolaridade:

2. Família

Tem irmãos/irmãs: sim não Se sim, quantos:

Tem filhos: sim não Se sim, quantos:

Tem netos: sim não Se sim, quantos:

3. Renda familiar

Tem residência própria sim não

Mora sozinho sim não

Se não, com quem mora:

Renda familiar média (em salários mínimos):

É aposentado/a: sim não

É pensionista: sim não

4. Histórico Profissional

Tem experiência de trabalho fora de casa sim não

Se sim, qual(is) atividades profissionais já
desenvolveu:

Desenvolve atividade profissional hoje: sim não

Se sim, qual:

5. Sobre sua saúde

Visitava algum profissional regularmente antes da pandemia sim não.

Se sim, qual/is

Tem visitado algum profissional regularmente recentemente sim não.

Se sim, qual/is

Como considera a sua saúde: muito ruim ruim nem boa nem ruim boa muito boa

Desenvolve alguma atividade para promoção de saúde atualmente: sim não. Se sim, qual/is

Desenvolve alguma atividade de lazer sim não.

Se sim, qual/is

Com que frequência encontra pessoas de sua família no mês:

Com que frequência encontra pessoas amigas no mês:

Sente-se sozinho sim não.

6. Sobre uso de tecnologias

Usa celular sim não. Se sim, o que faz no celular:

Porque o celular é importante para você:

Usa aplicativos do celular? sim não. Se sim, qual/is:

Indique os aplicativos que costuma usar no celular WhatsApp Meet Zoom Twitter Instagram

Usa algum aplicativo para se comunicar que usa imagem e som: sim não

Se sim, qual/is

7. Sobre o Recife que

Eu Vi Que bairros morou no

Recife:

Em qual bairro/município mora hoje:

Quem falou do projeto para o sr/a?

O que achou da experiência de participar: muito ruim ruim nem boa nem ruim boa muito boa

Onde assistiu ao vídeo: No meu Instagram Uma pessoa próxima me mostrou No meu WhatsApp

Como a maioria das pessoas de sua família reagiu ao vídeo muito mal mal nem bem
nem mal bem muito bem

Você recomendaria alguma pessoa da sua família ou amiga a participar do projeto O Recife
que Eu vi: sim não. Por que:

Agradecemos por sua atenção e ficamos disponíveis para qualquer esclarecimento

APÊNDICE C

Universidade Federal de Pernambuco Centro de Filosofia e Ciências Humanas Pós-
Graduação em Psicologia Cognitiva

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa “O Recife que Eu Vi: Memórias, Afetos e Imagens”, que está sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Ana Karina Moutinho Lima, com endereço Rua Carlos Pessoa Monteiro, 197/301, Casa Caiada, Olinda-PE. CEP: 53130-350 – fone: 81. 99763.0802 - e-mail: ana.mlima@ufpe.br para contato do pesquisador responsável, inclusive ligações a cobrar. Também participam desta pesquisa os pesquisadores: Líliliana Barros Tavares, fone: (81) 99606-3464; a mestranda Brenda L. D. de Oliveira do Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE, fone: 81 999167192, que está sob orientação de Ana Karina Moutinho Lima, coordenadora do projeto. Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, e que está em duas vias (caso tenha preferido por assinar o documento em papel). Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável. O(a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

"O Recife que Eu Vi: memória, afeto e imagem" é um projeto de pesquisa-intervenção dedicado à promoção de saúde mental em tempos de COVID-19, e tem como objetivo investigar como os (as)idoso(as) imaginam seu futuro pós-pandemia. O projeto “O Recife que Eu Vi: memória, afeto e imagem” é uma ação dirigida prioritariamente a pessoas com idade igual ou superior a 60 anos e visa promover saúde mental durante a pandemia do COVID-19. No momento atual, as informações contínuas veiculadas pela mídia referem-se ao Corona Vírus e à Covid-19. Em isolamento social, o sr(a) pode desenvolver uma tensão acentuada neste contexto. Por isso, neste projeto, solicitaremos que, em sua própria casa o(a) sr(a) converse

com as pesquisadoras em tempo que lhe seja conveniente e através de um aparelho para comunicação a distância de sua escolha, como WhatsApp, por exemplo. Durante esses encontros, pediremos que fale da foto que antes disponibilizou para o Instagram do @orecifequeeuvi e que escolha outras, de sua preferência, para falar.

RISCOS: Ao visitar seu álbum de fotografias e falar sobre a(s) foto(s) que tenha escolhido, o(a) sr(a) poderá sentir constrangimentos, emoções desagradáveis a respeito de seu passado, lembrando de experiências que possam gerar seu desconforto por se tratar de pessoas queridas e que não tenha a chance de reencontrar ou momentos inesquecíveis que não tenha a chance de reviver. Nestes casos, especialmente se estiver em isolamento ou afastamento social, a visita aos álbuns deve ser feita sempre em companhia de pessoas de sua família ou cuidadores. Também pode ser solicitado que estes identifiquem a imagem que já é de seu agrado, evitando ver as que não são de seu interesse. Ao menor sinal de desconforto, pode também afastar-se da atividade e, se for o caso, procurar um profissional de saúde que faça seu acompanhamento periódico.

BENEFÍCIOS: Ao buscar fotografias em seu acervo pessoal e falar sobre a(s) foto(s) que tenha escolhido, o(a) sr(a) poderá sentir emoções agradáveis a respeito de seu passado. Pode recordar momentos especiais, que envolvem carinho por pessoas queridas, ainda que não tenha a chance de reencontrá-las. Se estiver em isolamento ou afastamento social, a visita aos álbuns e a contação da história da foto pode ser uma oportunidade para sua ocupação e integração com seus familiares e amigos, seja porque eles moram com o sr(a), seja porque pode mostrar a foto e contar sua história por telefone ou outra tecnologia de comunicação.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa - gravações de vídeo e áudio, depoimentos, fotos -, ficarão armazenados em pastas de arquivo em computador pessoal e em Drive do G. Suite disponibilizado pela UFPE, sob a responsabilidade da pesquisadora Ana Karina Moutinho Lima, no endereço Av. Prof. Moraes Rego, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 8o andar

- Cidade Universitária, Recife - PE - CEP: 50670-901, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação). Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o(a) senhor(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: (Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cepccs@ufpe.br).

Estou ciente que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento).

(assinatura do pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO(A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, e/ou em acordo com áudio enviado à(s) pesquisadora(s), após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo “O Recife que eu vi: memória, afeto e imagem”, como voluntário(a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu acompanhamento/ assistência/tratamento).

Local e data: _____, ____/_____/_____

Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

Nome: _____ Assinatura: _____

APÊNDICE D

Slides da ferramenta “Era uma vez a vida com a pandemia”



EU NA CASA DA PRAIA MEDITANDO,
TENTANDO AFUGENTAR OS MEDOS QUE A
PANDEMIA TROUXE



FOTO TIRADA POR
MIM NA MINHA HORTA



NÃO SEI DE QUEM É
A AUTORIA MAS ME
IMPACTOU ENCONTRÁ-LA
NO DIA DAS CRIANÇAS.
TENHO FILHOS E NETOS
E ISSO ME ARRASOU

Como você imagina seu presente nessa pandemia?
Não posso começar falando do presente sem me reportar a um passado tão recente e tão impactante nas nossas vidas. Com as notícias que uma avalanche cairia sobre o mundo, me desesperei. Fiz as malas e corri pra casa da praia, na esperança do vírus não me alcançar. Acuada com a mudança de ares e de hábitos pensei: tô lascada. O que fazer aos 73 anos nessa situação? Cada dia as notícias eram as mais chocantes e o medo se instalou com força. Mas, nunca fui mulher de esperar sem lutar. Arregacei as mangas e dei tratos a bola. Ocupar meus dias seria a solução. Listei todas as poucas coisas que teria condições de fazer e vi que cuidar do jardim seria uma opção. Fui além, fiz uma horta e não parei de fazê-la crescer. Precisava ocupar a mente, ou melhor, desocupar, livra-la dos pensamentos mórbidos que as notícias teimavam em trazer. Inventei meditação, inspirei e soprei meses a fio. Com a primeira dose da vacina veio um certo alívio e voltei pra casa. Retomei minha rotina acrescentando máscara e álcool e borrifando vou levando a vida. Pessoalmente não tenho do que me queixar, pelo contrário, só a agradecer. Não posso deixar de registrar minha revolta contra o governo federal. Quantas vidas poderiam ter sido salvas, quanto de fome e desemprego poderiam ter sido evitados.



NÃO SEI DE QUEM É
A AUTORIA MAS ME
IMPACTOU ENCONTRÁ-LA
NO MEU INSTAGRAM
NO DIA DAS CRIANÇAS.
TENHO FILHOS E NETOS
E ISSO ME ARRASOU



NÃO SEI DE QUEM É ESSA ARTE MAS TEVE
UM GRANDE EFEITO EM MIM

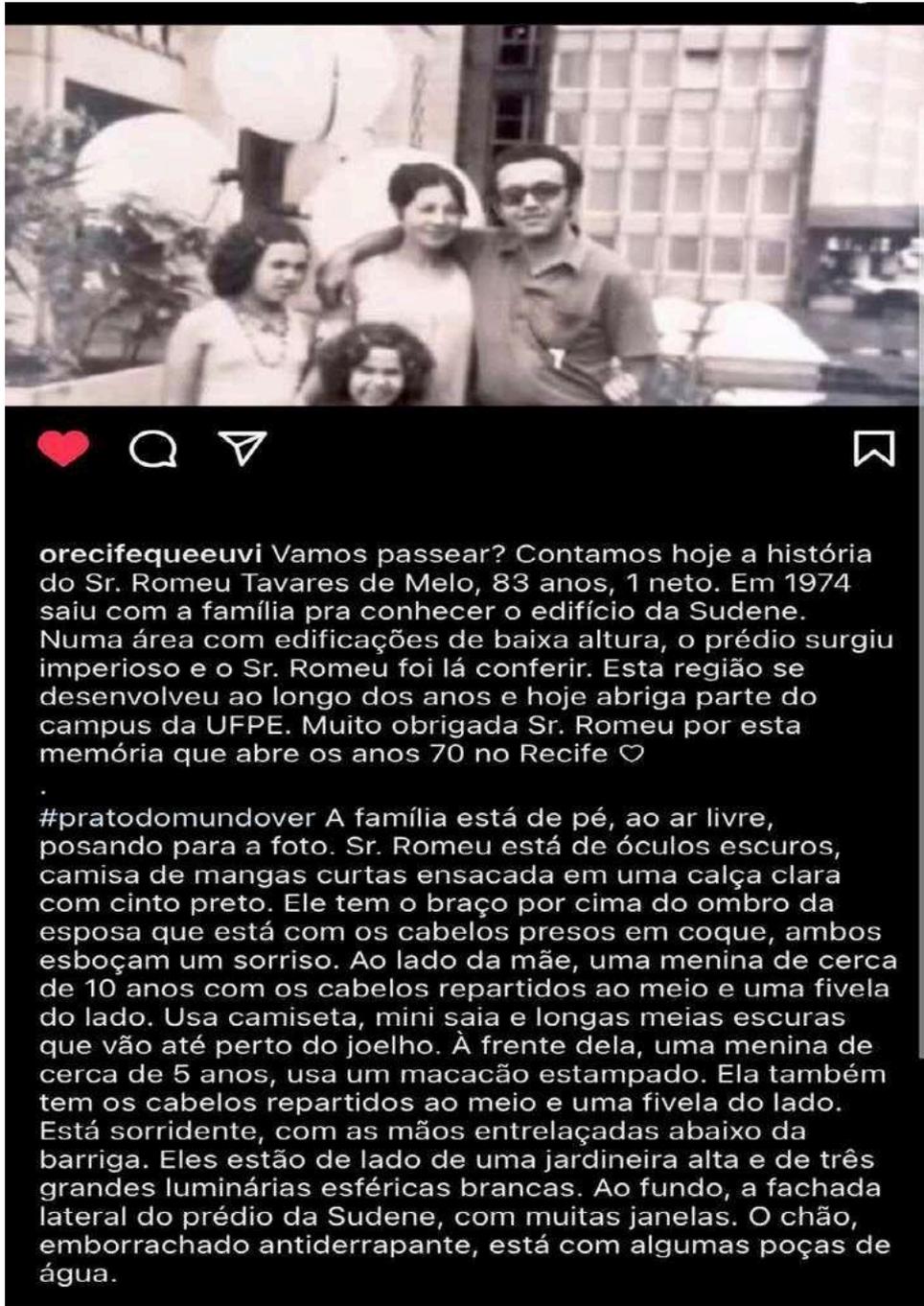


A NATUREZA SE AMOSTRANDO NO MEU
JARDIM. FOTO MINHA

Como você imagina seu futuro com essa pandemia?

Pra começo de conversa não sou muito chegada no futuro, agora é meu lema. Mas vamos lá, vejo uma velhinha num jardim, empunhando não mais um borrifador de álcool, é água que tem ali e ela cuida das suas plantas. Não existe máscara escondendo seu sorriso, a pandemia acabou e no mundo reina a paz. Em algum momento senta num banco e acende um baseado, liberado e prescrito pelo médico. Lembra o ano de 2021, sacoleja a cabeça afastando a memória e pula para 2022. O país passou por uma mudança radical, as pessoas comem e trabalham, estudam e se divertem, todos se respeitam. Olhando para o céu vê que uma estrela brilha. É assim que vejo meu futuro.

ANEXO A



Print exemplificando as postagens feitas no Instagram do projeto

ANEXO B

 orecifequeeuvi ⋮

BAIXE SEU LIVRO
GUARDE ESTAS MEMÓRIAS COM VOCÊ 


LIVRO DE FOTOGRAFIAS
O RECIFE QUE EU VI
KARINA MOUTINHO

orecifequeeuvi Ele chegou!!!! Que alegria compartilhá-lo ao início de 2021, para nos encher de esperança e luz. Gratuito, com audiodescrição, em pdf, ele está disponível na página da ufpe (link na bio). Pode também pedi-lo por email (ana.mlima@ufpe.br) ou por direct, aqui no Insta.

Print da capa do livro em publicação no Instagram que possibilita o download